

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

RAYANI ANDRESSA DA CRUZ OLIVEIRA

AS ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS SEGUIDORES NA REDE SOCIAL
***INSTAGRAM* ACERCA DA VARIAÇÃO LEXICAL NOS DICIONÁRIOS VIRTUAIS**
NORDESTINOS

CÁCERES-MT

2023

RAYANI ANDRESSA DA CRUZ OLIVEIRA

**AS ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS SEGUIDORES NA REDE SOCIAL
INSTAGRAM ACERCA DA VARIAÇÃO LEXICAL NOS DICIONÁRIOS VIRTUAIS
NORDESTINOS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística, sob a orientação da professora Dra. Jocineide Macedo Karim.

CÁCERES-MT

2023

Tereza Antonia Longo Job CRB CRB1/1252

O48a OLIVEIRA, Rayani Andressa da Cruz.
As Atitudes Linguísticas dos Seguidores na Rede Social Instagram Acerca da Variação Lexical nos Dicionários Virtuais Nordestinos / Rayani Andressa da Cruz Oliveira - Cáceres, 2023. 186 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

Orientador: Jocineide Macedo Karim

1. Sociolinguística e Estudos Dialetais. 2. Variação Lexical. 3. Dicionário Digital. 4. Atitudes. 5. Instagram. I. Rayani Andressa da Cruz Oliveira. II. As Atitudes Linguísticas dos Seguidores na Rede Social Instagram Acerca da Variação Lexical nos Dicionários Virtuais Nordestinos: .

CDU 81'27

RAYANI ANDRESSA DA CRUZ OLIVEIRA

**AS ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS SEGUIDORES NA REDE SOCIAL
INSTAGRAM ACERCA DA VARIAÇÃO LEXICAL NOS DICIONÁRIOS VIRTUAIS
NORDESTINOS**

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) Dr.(a) Jocineide Macedo Karim
Orientadora– PPGL/UNEMAT

Prof. (a) Dr. (a) Marília Silva Vieira
Avaliadora Externa- UEG/Cora Coralina

Prof. Dr. (a) Bárbara Cristina Gallardo
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Fernando Jesus da Silva
Avaliador Externo ao Programa – UFMT

Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim
Avaliador Interno – PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. (a) Elisandra Benedita Szubris
Avaliadora interna (Suplente)UNEMAT

APROVADA EM: 18/05/2023

DEDICATÓRIA

À minha família: minha luz, alicerce e porto seguro!

AGRADECIMENTOS

O agradecimento é uma forma de reconhecer e valorizar quem nos estendeu a mão, em algum momento de nossa vida, e contribuiu de algum modo, para que os nossos sonhos e objetivos se tornassem reais. E, eu tenho muito a agradecer.

Agradeço:

A Deus por me conceder força e serenidade para concluir mais uma etapa da minha caminhada de estudos;

À minha família, pelo apoio recebido, pela confiança e amor incondicional, especialmente meu pai Rinaldo da Cruz Oliveira, minha mãe Cilene Roque de Oliveira e meu irmão Ryan Pabulo da Cruz Oliveira.

À minha orientadora Jocineide Macedo Karim pela preocupação e orientação constante; pela ajuda nos momentos difíceis; pelo apoio e defesa nos momentos de necessidade; pelas oportunidades concedidas e por ser parte essencial na minha trajetória profissional e pessoal;

Aos meus amigos e companheiros de jornada, pelos longos desabafos, pelas risadas fáceis e por todos os momentos compartilhados durante esses quatro anos;

Às pessoas que conheci no decorrer desta trajetória, que mesmo sem entender, me deram total apoio nos momentos de aflição, especialmente meu amor, Carlos Alberto Bretas.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), seu corpo docente, coordenação e direção do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UNEMAT Cáceres), que fizeram parte de minha trajetória, desde as disciplinas cursadas até a avaliação e correção da tese.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, tornaram possível a realização desse sonho, muito obrigada!

RESUMO

Esta tese está inscrita na linha de pesquisa “Estudo de Processos de Variação e Mudança” do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e tem como objetivo demonstrar a variação lexical que ocorre em determinadas categorias temáticas, constatadas em publicações da rede social digital *Instagram*. Assim, buscou-se, por meio da Sociolinguística e suas vertentes como, etnografia e psicologia social, compreender as atitudes dos seguidores dos chamados dicionários Alagoanês; dicionário Paraibano; dicionário Sergipanês; dicionário Baiano com as variantes lexicais publicadas. Para tanto, os estudos de Lambert (1966) e Moralez (1993) são de grande relevância para este estudo. Em consonância, os estudos dialetológicos e vocabulares regionais como: Doiron (2017), com o Atlas Linguístico de Alagoas (ALEAL); Santana (2017), com o vocabulário dialetal baiano Vol. I e II; Souza (2007), com o vocabulário obsceno Português; Aragão (1999) a onda de dicionários nordestinos; o dicionário etimológico de língua portuguesa (CUNHA, 2010) e o dicionário UNESP de português contemporâneo (BORBA, 2011). Todos esses estudos nos auxiliaram a verificar a veracidade e extensão das variantes lexicais selecionadas. Dessa forma, objetivamos também, demonstrar que esses perfis denominados de dicionários foram produzidos e publicados na rede social digital *Instagram*, por pessoas não especializadas. Contudo, como se trata de um campo de pesquisa relativamente novo para área da linguagem, foi necessário buscar uma metodologia específica, por isso para este estudo, utilizamos os métodos de observação e coleta de dado da Etnografia virtual. Assim, nos resultados desta pesquisa constatou-se o total de 25 variantes de ordem lexical, desse total algumas se repetem entre os perfis dos dicionários digitais. A partir desses resultados, os dados foram organizados e analisados em quatro categorias, a saber: 1) As partes do corpo humano: pênis/chibata; vagina/tabaca; clitóris/pinguelo; pernas finas/cambitos; pálpebras/capela; costa/cacunda; barriga/bucho; nariz/venta, pescoço/cangote; calcanhar/mocotó. 2) Sentimentos/emoções: rir/mangar; desconfiado/cabreiro; certeza/Iapoís; legal/bala/massa; surpreso/oxe; 3) Vestuário: chinelo/alpargata/; chinelo/japonesa; tiara de cabelo/passadeira; casaco/capote; sutiã/corpete; grampo/misse. Constatou-se ainda a partir dos comentários deixados nas publicações analisadas, mais precisamente (26) comentários produtivos, as atitudes linguísticas dos seguidores dos perfis pesquisados para com a variação lexical. De modo essas análises aconteceram a partir de dois índices: índice cognoscitivo da atitude e índice afetivo da atitude. E, assim, constatamos majoritariamente atitudes positivas dos integrantes para com as variantes lexicais publicadas.

Palavras-chave: Sociolinguística e estudos dialetais; Variação lexical; Dicionário digital; Atitudes; *Instagram*.

ABSTRACT

THE LINGUISTIC ATTITUDES OF THE FOLLOWERS ON THE SOCIAL NETWORK INSTAGRAM WITH THE LEXICAL VARIATION IN THE BRAZILIAN NORTHEAST VIRTUAL DICTIONARIES

This thesis is part of the research line “Study of Variation and Change Processes” of the Stricto Sensu Graduate Program in Linguistics at the State University of Mato Grosso (UNEMAT) and aims to demonstrate the lexical variation that occurs in certain categories of the themes found in publications on the digital social network Instagram. Thus, we sought through Sociolinguistics and its aspects such as ethnography and social psychology to understand the attitudes of followers of the so-called, Alagoanês dictionaries; the Paraiban dictionary; the Sergipanese dictionary; the Bahian dictionary with published lexical variants. Therefore, the studies by Lambert (1966) and Moralez (1993) are of great relevance to this study. Accordingly, dialectological studies and regional vocabulary such as; Doiron (2017) with the Linguistic Atlas of Alagoas (ALEAL); Santana (2017) with Bahian dialectal vocabulary Vol. I and II; Souza (2007) Portuguese obscene vocabulary; Aragão (1999) the wave of Northeastern dictionaries; the etymological dictionary of the Portuguese language (CUNHA, 2010) and the UNESP dictionary of contemporary Portuguese (BORBA, 2011), all of these studies will help us to verify the veracity and extension of the selected lexical variants. In this way, we also aim to demonstrate that these profiles called dictionaries were produced and published on the digital social network Instagram, by non-specialized people. However, as this is a relatively new research field for the area of language, it was necessary to seek a specific methodology, so for this study, we used the methods of observation and data collection from virtual Ethnography. Thus, in the results of this research, a total of 25 lexis of lexical order were verified, of which some are repeated among the profiles of the digital dictionaries. Based on these results, the data were organized and analyzed into four categories, namely: 1) Parts of the human body: penis/whip; vagina/tobacco; clitoris/nub; thin legs/tenders; eyelids/chapel; back/ hunchback; stomach/belly; nose/snout, neck/scruff; heel/mocotó. 2) Feelings/emotions: laughing/joking; distrustful / goatherd; sure of/ certainty; nice/candy/cool; surprised/ really; 3) Clothing: slippers/drilleys alpargata/; slipper/japanese slipper; hair tiara/crown; coat/cloak; bra/bodice; staple/clip. It was also verified from the comments left in the analyzed publications, more precisely (26) productive comments to the linguistic attitudes of the followers of the researched profiles towards the lexical variation. So these analyzes took place from two indices; cognitive attitude index and affective attitude index. And so, we found mostly positive attitudes of the members towards the published lexical variants.

Keywords: Sociolinguistics and dialectal studies; Lexical variation; Digital dictionary; Attitudes; Instagram.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Botões de interação do <i>Instagram</i>	73
Quadro 2 - Dicionário Alagoanês	101
Quadro 3 - Dicionário Sergipanês	101
Quadro 4 - Dicionário Baiano	101
Quadro 5 - Dicionário Paraibano	102
Quadro 6 - Categorias de análise- Aspectos lexicais	102
Quadro 7 - Categoria: Expressões/Emoções	103
Quadro 8 - Categoria: Vestuário	104
Quadro 9 - Categoria: Partes do corpo	104
Quadro 10 - Exemplos- Comentários.....	106
Quadro 11 – Dicionário Alagoanês – Partes do corpo humano	110
Quadro 12 - Dicionário Baiano- Partes do corpo humano	116
Quadro 13 - Dicionário Sergipanês- Partes do corpo humano.....	118
Quadro 14 - Dicionário Paraibano- Partes do corpo humano	119
Quadro 15 - Dicionarização do léxico para categoria temática: partes do corpo humano....	121
Quadro 16 - Dicionário Alagoanês- expressões/sentimentos.....	123
Quadro 17 - Dicionário Baiano- expressões/emoções	125
Quadro 18 - Dicionário paraibano- expressões/emoções.....	126
Quadro 19 - Dicionário Sergipanês- expressões/emoções	128
Quadro 20 - Dicionarização do léxico para categoria temática: sentimentos/ emoções	130
Quadro 21 - Dicionário Alagoanês- vestuário e acessórios	131
Quadro 22 - Dicionário Baiano- vestuário e acessórios	132
Quadro 23 - Dicionário Paraibano- vestuário e acessórios	134
Quadro 24 - Dicionário Sergipanês- vestuário e acessórios.....	135
Quadro 25 - Dicionarização do léxico para categoria temática: vestuario e accesorios	138

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Perfil dicionário Alagoano.....	76
Figura 2 - Dicionário Baiano.....	76
Figura 3 - Dicionário Sergipanês.....	78
Figura 4 - Dicionário Paraibano	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
-------------------------	-----------

SEÇÃO I

QUADRO DE INVESTIGAÇÃO	19
-------------------------------------	-----------

1.1 Hipóteses e questões do estudo	20
---	-----------

1.2 Objetivos.....	22
---------------------------	-----------

1.3 Organização	23
------------------------------	-----------

SEÇÃO II

BASES TEÓRICAS.....	25
----------------------------	-----------

2.1 Um pouco de história: A Sociolinguística.....	25
--	-----------

2.2 As três ondas da Sociolinguística	29
--	-----------

2.3 Comunidade e identidade: conceitos importantes para este estudo	35
--	-----------

2.3.1 Identidade	35
-------------------------------	-----------

2.3.2 Comunidade.....	38
------------------------------	-----------

2.3.4 Comunidades virtuais	39
---	-----------

2.4 Crenças e Atitudes linguísticas.....	43
---	-----------

2.5 Atitudes e Identidade como representação social.....	45
---	-----------

2.6 Variação lexical.....	49
----------------------------------	-----------

2.7 A formação do Português brasileiro e a língua do Nordeste	51
--	-----------

2.8 A reinvenção do nordeste através do Regionalismo	55
---	-----------

2.9 O humor do ponto de vista linguístico.....	60
---	-----------

2.10 Traços do léxico Nordestino: A partir de estudos dialetais e vocabulares regionais	63
--	-----------

SEÇÃO III

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL E TECNOLÓGICO.....	69
--	-----------

3.1 Redes sociais digitais	70
---	-----------

3.2 Características da rede social digital <i>Instagram</i>	72
--	-----------

3.3 Os dicionários nordestinos no <i>Instagram</i>:	75
3.3.1 Dicionário Alagoano.....	75
3.3.2 Dicionário Baiano.....	76
3.3.3 Dicionário Sergipanês.....	77
3.3.4 Dicionário Paraibano	78
3.4 A rede social <i>Instagram</i> como espaço de pesquisa e de interação com a linguagem popular	79
SEÇÃO IV	
DA TRADIÇÃO À CONTEMPORANEIDADE	82
4.1 Dicionários, Vocabulários ou Glossários Regionais?	82
4.1.1 Dicionário	83
4.1.2 Vocabulários.....	85
4.1.3 Glossário.....	86
4.2 A importância dos Dicionários para a sociedade	87
4.2.1 Os dicionários selecionados para este estudo	91
4.3 Os Dicionários nordestinos no <i>Instagram</i>	92
SEÇÃO V	
PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	94
5.1 Uma abordagem qualitativa	94
5.2 Etnografia virtual como aporte metodológico	95
5.2.1 Vantagens do método Netnográfico	97
5.3 Definição e constituição do <i>corpus</i>	98
SEÇÃO VI	
ANÁLISES DOS DADOS: A VARIAÇÃO LEXICAL DOS DICIONÁRIOS DIGITAIS NORDESTINOS	107
6.1 Contextualizando as análises	107
6.2 A variação lexical por áreas temáticas: Partes do corpo humano	109
6.2.1 Dicionário Alagoanês- partes do corpo humano	110

6.2.2 Dicionário Baiano- partes do corpo humano.....	116
6.2.3 Dicionário Sergipanês- partes do corpo humano.....	118
6.2.4 Dicionário Paraibano- partes do corpo humano	119
6.3 A variação lexical por áreas temáticas: Sentimentos/emoções.....	122
6.3.1 Dicionário Alagoanês- expressões/emoções	123
6.3.2 Dicionário Baiano- Expressões/emoções	125
6.3.3 Dicionário Paraibano - Expressões /emoções.....	126
6.4 A variação lexical por áreas temáticas: Vestuário e acessórios.	131
6.4.1 Dicionário Alagoanês- Vestuário e acessórios	131
6.4.2 Dicionário Baiano- Vestuário.....	132
6.4.3 Dicionário Paraibano- Vestuário e acessórios	134
6.4.4 Dicionário Sergipanês- Vestuário e acessórios	135

SEÇÃO VII

ATTITUDES LINGUÍSTICAS ANALISADAS NOS DICIONÁRIOS NORDESTINOS DO INSTAGRAM.....	140
7.1 O comportamento linguístico e identitário analisado nos comentários dos perfis de dicionários nordestinos no <i>Instagram</i>:.....	140
7.1.1 Índices cognoscitivos da atitude	141
7.1.1.1 Dicionário Alagoanês: <i>tabaca; chibata; cambitos</i> ;	141
7.1.1.2 Dicionário Baiano: <i>bala, massa, oxe, capote</i>	143
7.1.1.3 Dicionário Sergipanês: <i>misse, japonesa</i>	146
7.1.1.4 Dicionário Paraibano: <i>arretado</i>	147
7.1.2 Índices afetivos da atitude	148
7.1.2.1 Dicionário Alagoanês: <i>iapoís, mangar</i>	149
7.1.2.2 Dicionário Baiano: <i>passadeira, capote</i>	150
7.1.2.3 Dicionário Sergipanês: <i>japonesa, mangar</i>	151
7.1.2.4 Dicionário Paraibano: <i>arretado</i>	153

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 156

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 159

Anexo I - Partes do corpo humano 167

Anexo II - Expressões/Emoções..... 169

Anexo III - Vestuário..... 171

Anexo IV - Comentários 173

INTRODUÇÃO

Todo estudo ou pesquisa científica nasce de inquietações e questionamentos, muitas vezes pessoais, que nos impulsionam a estudar e buscar modos de esclarecer dúvidas e até mesmo mostrar ferramentas utilizadas pela sociedade, que merecem ser notadas. E com este estudo não foi diferente.

A proposta deste trabalho, sempre foi no campo digital como espaço de interação para as variações linguísticas, especialmente relacionadas ao léxico, e nesse seguimento, as redes sociais têm muito a nos oferecer, em vários aspectos. Os caminhos teóricos por mim percorridos até chegar a este momento de contextualização da tese, mostram uma tentativa constante de compreender as possibilidades oferecidas pelas redes sociais digitais no âmbito da linguagem regional, especialmente o comportamento dos indivíduos nesses espaços digitais.

As redes sociais digitais como o *Facebook* e o mais atual *Instagram* oferecem espaços para pessoas com interesses em comuns se unirem e utilizarem determinadas variedades da língua, que talvez fora delas não sejam tão bem aceitas. Isso por que, esses espaços criados presumem liberdade social e linguística.

Pois, como é sabido, um dos principais fatores para que o ser humano se desenvolva é a comunicação, que lhe é inerente desde o nascimento. Ao mesmo passo que, a língua e a cultura de um povo estão intimamente relacionadas no que diz respeito ao processo comunicativo e identitário do indivíduo.

Nesse sentido, é preciso perceber que, por meio da comunicação, desde o começo do processo de evolução do ser humano, a sociedade está cada vez mais moderna e inventiva. O que antes não era possível, hoje tem acessibilidade. Um exemplo disso é navegar em redes sociais digitais. Este fato explica que o indivíduo, a cada dia que passa, evolui e as tecnologias se modernizam conforme o processo de mudanças e estímulos.

Esses processos de comunicação modernos avançam diariamente com as novas mídias digitais. Desse modo, também as formas de comunicação e identificações linguísticas e culturais se reinventam, nas quais os indivíduos se inserem e tornam-se parte de costumes, crenças, modos de fala e outros. Nesta percepção, Santos (1983) apresenta:

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro.

O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. (SANTOS, 1983, p. 07).

Assim, percebemos que esta proposta está relacionada a este estudo, justamente no que diz respeito ao desenvolvimento da humanidade por meio da inserção da comunicação linguística, por meio da cultura em que os grupos se inserem e que as identidades são reafirmadas e até mesmo construídas.

Ligada à cultura, a língua é capaz de fazer representações que geram identificação dos indivíduos. Isto é, as pessoas podem ser reconhecidas por determinadas comunidades ou localidades apenas pelo uso de determinados termos. E isto nos chama atenção para uma questão bastante relevante: esta mesma língua faz com que os grupos possam se desenvolver e se auto caracterizar pelos traços culturais como: vestimentas, expressões, linguagem, fala, preferências, e vários outros.

O autor Silva (2000, p. 10) argumenta que: “Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que a mesma usa”. Então, vemos que a comunicação é indispensável para que haja essa identificação dos grupos, nos quais as pessoas fazem parte. Para tanto, aqui, seguindo a tendência da atualidade, buscaremos compreender e encontrar possíveis respostas para questionamentos acerca das representações linguísticas/identitárias manifestas no ambiente midiático da *internet*, especificamente na rede social digital *Instagram*, no qual o *corpus* são quatro páginas que buscam representar um estado da região do nordeste, as quais se denominam de dicionários, cada uma com publicações do léxico nordestino; dicionário Alagoanês; dicionário Baiano; dicionário Sergipianês e dicionário Paraibano.

Tudo isso, é muito significativo para área da linguagem, pois segue uma tendência já mencionada por Aragão (2000), onde a autora demonstrou que vinha surgindo uma nova onda de estudos dialetais e sociolinguísticos com enfoque no aspecto léxico, mais precisamente na publicação de dicionários, vocabulários e glossários de falares regionais nordestinos, começando pela Bahia, com o do Baianês, passando por Alagoas, com o do Alagoanês, por Pernambuco, com o do Pernambuquês, pelo Ceará, com o do Cearês e pelo Piauí, com o do Piauiês. E que essa tendência atual segue uma tradição começada por Pereira da Costa (1937) com o *Vocabulário pernambucano*; Leon Clerot (1959), com o *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba*, e entre outros.

Desse modo, uma das características desses novos dicionários, tanto os físicos quanto os digitais das redes sociais é que seus autores não são lexicógrafos ou linguistas.

São pessoas com outras formações profissionais, são pessoas curiosas que resolveram publicar, no que eles nomeiam de dicionário, palavras e expressões populares que, creem eles, são típicas daquele estado específico.

Tudo isso nos parece que ganhou mais expressividade, com a rede social digital *Instagram*, e, especialmente, nos tempos em que estamos vivenciando, pois quando este estudo começou a se desenvolver, entramos em uma pandemia causada por um vírus (COVID-19) que fez a sociedade como um todo, se reorganizar em diferentes aspectos. Muitos pesquisadores se viram na função de adiar sua pesquisa a campo, e até mesmo mudar o espaço. Não foi o nosso caso, visto que nosso campo de pesquisa é o digital, contudo, percebemos uma forte movimentação neste espaço. O fato de ter que se isolar fez que muitas pessoas buscassem mais efetivamente os campos digitais para manter suas relações e até mesmo construir outras.

Nesse sentido, nosso estudo ganhou mais relevância quando passamos a perceber que as redes sociais digitais, como o *Instagram*, vieram para ficar e, principalmente ser uma extensão das nossas interações com a linguagem popular.

A escolha de trabalhar com a região nordeste, se justifica à medida que observamos os avançados estudos sociolinguísticos e dialetológicos mostrando o quanto o conhecimento dessas variedades pode ajudar no processo de valorização de falares estigmatizados, como os da região nordestina.

Esta tese se justifica pela falta de estudos que revelem a situação sociolinguística e dialetal no espaço digital que buscam representar a região nordestina, constituindo, portanto, uma contribuição para os estudos linguísticos dessa região, incentivando outros pesquisadores a se aprofundarem em alguns pontos que talvez não tenham sido contemplados na pesquisa desenvolvida.

SEÇÃO I

QUADRO DE INVESTIGAÇÃO

De acordo com Silva (2022), o léxico de uma língua representa o conjunto de experiências acumuladas pela sociedade. Estudá-lo quer dizer, em termos sociolinguísticos e dialetológicos, entender a relação entre língua, cultura e sociedade dentro de um espaço geográfico determinado.

Nesse sentido, nesta tese, buscamos explicitar algumas variantes linguísticas lexicais nordestinas encontradas nos chamados dicionários, no *Instagram*. Bem com analisar, a partir da visão social da língua, a relação entre léxico e sociedade expressa na variação, dentro de uma abordagem sincrônica que se apoia nos pressupostos teóricos das vertentes Sociolinguísticas, tais como a Etnografia linguística e Psicologia social. Visto que, na formação da Sociolinguística utilizou-se de basicamente três disciplinas: a Linguística, a Antropologia e a Sociologia, e pôde mesclar as contribuições de cada uma dessas áreas.

Trata-se de um estudo inédito que busca olhar para variação semântico-lexical além de uma perspectiva de sistemas linguísticos, isto é, trazemos aspectos históricos, geográficos, sociais, que podem nos ajudar a compreender o significado da escolha lexical dos seguidores dos perfis desses dicionários regionais, bem como, analisar o comportamento desses seguidores com a variedade Semântico-lexical nordestina.

Desse modo, nesta tese, trazemos reflexões importantes sobre a realidade sociolinguística que está se construindo nesse espaço digital, que se caracteriza por ser um espaço dinâmico e livre para diferentes indivíduos, que ao escolherem clicar no botão de seguir a página do dicionário Alagoano, Sergipanês, Baiano e/ou Paraibano significa dizer que possuem interesse em comum com os demais seguidores. Por isso, os participantes desse espaço diversificado revelam uma dinâmica linguística que nos faz repensá-la como ações para manutenção linguística do léxico nordestino, pois conforme Fornara (2016) “Não há manutenção, promoção ou revitalização linguística sem que exista a consciência por parte do falante do valor dessa língua e da importância dessa ação”.

Nossa tese busca olhar para a variação semântico-lexical nordestina, não apenas como um conjunto de palavras que possuem significados específicos, mas como a iniciativa dos internautas do *Instagram* torna-se resultado de práticas sociais, que queremos retratar

como atitudes favoráveis para manutenção linguística da variação nordestina, uma vez que o léxico traduz a dinâmica das relações cotidianas produzidas na sociedade.

1.1 Hipóteses e questões do estudo

A descrição da língua portuguesa em suas variedades diatópicas, no nível de análise linguística, do léxico ao semântico, segundo Aragão (2004) é umas das tarefas mais importantes e das mais urgentes, para que se obtenha um retrato fiel da língua portuguesa falada em nosso país.

Isso corrobora com nossas observações, de um lado a criação informal dos chamados dicionários sobre o léxico nordestino no *Instagram*, uma vez que tal iniciativa propicia o ativismo sociolinguístico linguística de uma variedade regional marcada por estigmas e, de outro lado, as pesquisas vocabulares, dialetais realizadas para a elaboração dos Atlas Linguísticos, já publicados no Brasil: Atlas Prévio dos Falares Baianos, Atlas Linguístico de Sergipe, Atlas Linguístico ALEAL e o Atlas Linguístico do Brasil (AliB). Também as Teses de Doutorado, as Dissertações de Mestrado e os artigos e trabalhos apresentados em Congressos nacionais e internacionais, já nos dão uma ampla visão do que ocorre nesses estados e nessas regiões, em termos linguísticos.

Todavia, muito dos materiais colhidos nesses estudos ainda estão à espera de análise e de divulgação, como também não se tem realizado análises da extensão que esses fenômenos podem atingir. Pois, ao estudarmos os falares regionais, especialmente nos estados nordestinos, notamos uma grande popularização dos fenômenos lexicais, mas em um novo espaço, a rede social digital *Instagram*. Isso porque, esse ambiente digital abarca muitas possibilidades de interação, principalmente com algo tão particular e ao mesmo tempo coletivo, que é a variação regional.

Desse modo, com base nesse contexto, apresentamos as questões do estudo e respectivas hipóteses.

1. Levando em consideração que o léxico trata de palavras usadas pelos falantes da língua em situações socioculturais e comunicativas, que podem gerar novas palavras e/ou novos sentidos para as já existentes, segundo a necessidade que os próprios falantes identifiquem nas interações, como é o caso dos regionalismos. E que, para este estudo, o regionalismo deva ser entendido como algo que singulariza indivíduos pertencentes à determinada região. Envolve expressões de sentimentos, os costumes, a cultura, as comidas e

modos de falar específicos dos habitantes do lugar em particular, que, juntos, formam um conjunto de modos de ser, de se expressar, diferenciando os indivíduos de um lugar dos outros, ainda que pertençam ao mesmo país. Por isso, abordar sobre o regional em nosso estudo torna-se importante, pois, conforme Bagno (1999) nos explica, o regionalismo configura-se como um importante meio para retratar a identidade cultural de uma região, isto é, a linguagem é um reflexo desse regionalismo, uma vez que, por meio da fala, o indivíduo revela sua origem. Nesse sentido, Aragão (2013), em seu estudo sobre linguagem regional/popular em dicionários físicos, evidencia a hipótese de que as diferenças diatópicas não são muito significativas. O que é mais marcante, são grandes diferenças diastráticas no léxico da língua portuguesa do Brasil. Desse modo, questionamos: *será que essas diferenças diatópicas de caráter semântico-lexical são mais significativas nos dicionários nordestinos criados do Instagram?* Deduzimos que sim, uma vez que a variação lexical, especialmente aquelas que se realizam por campos semânticos que fazem parte da vida pessoal dos indivíduos, costumam ser mais salientes, e, portanto, mais expressivas dentro de uma comunidade. Pois o regionalismo ocorre quando há um grupo particular de elementos linguísticos que caracterizam um grupo por meio de seu dialeto, característica essa que se torna uma de suas principais formas de expressão. Essa relação entre falantes e sua língua nunca é neutra, pois, existe todo um conjunto de sentimentos, de crenças, de atitudes que influenciam em seu modo de falar.

2. *Porque os indivíduos não especializados estão produzindo e interagindo com esses chamados dicionários, relacionados às expressões e ao léxico regional?* Nossa hipótese é que os traços linguísticos, principalmente os lexicais, costumam ser altamente salientes, e, por isso, muitas vezes fora do espaço digital, visto como errados. Acreditamos que o espaço virtual permita essa liberdade e identificação linguística, pois como muito bem frisou William Labov (1972, cap. 5) “diferença não é deficiência”. Partimos da hipótese de que a iniciativa de criar um perfil na mídia digital *Instagram*, denominar de dicionário e publicar palavras que julgam ser particulares de um estado do nordeste, revelam um comportamento linguístico que merece ser evidenciado, principalmente do ponto de vista da linguagem. Especialmente por compreendemos que o falar e a identidade nordestina, já foram e, talvez ainda

sejam alvo para julgamentos negativos. Todavia, atualmente a mídia digital *Instagram* tem se tornado um espaço para dar maior visibilidade e um novo *status* para aspectos da linguagem e identidade do povo nordestino. Por isso, a escolha do tema justifica-se, pelo fato de que a sociedade moderna ou também conhecida como sociedade da interatividade, começou a interessar-se ainda que inconscientemente pelo registro do léxico regional, ou seja, a criação de dicionários. Porém agora com auxílio de uma importante ferramenta que é a rede social digital.

3. Outra questão interessante para a área da linguagem surge ao observarmos esses dicionários. Compreender: *qual o objetivo linguístico dos dicionários regionais produzidos no Instagram?* Acreditamos que os avançados estudos sociolinguísticos, até mesmo os dialetológicos têm mostrado o quanto o conhecimento de variação pode ajudar no processo de valorização de falares estigmatizados, como os da região nordestina, todavia esses estudos não alcançam a sociedade como um todo. Por isso, pretendemos demonstrar como é de suma importância o modo que a variação nordestina ocorre nesse ambiente digital, especialmente porque acreditamos estar ocorrendo nos perfis denominados de dicionários um processo de valorização dessas variantes semântico-lexicais, que pode contribuir para mantê-las também na realidade *offline*, visto que os dicionários nordestinos criados no *Instagram*, espaço que abarca praticamente todas as idades, propicia a manutenção linguística de variantes do falar nordestino.

1.2 Objetivos

Esta tese tem como objetivo geral *observar e caracterizar como é construída a representação do falar nordestino por meio da variação lexical e de aspectos identitários nas publicações dos perfis dicionário Alagoanês; dicionário Baiano; dicionário Sergipianês; dicionário Paraibano.*

O referencial teórico-metodológico pauta-se na Sociolinguística, junto com outras áreas que coadunam com o conhecimento Sociolinguístico, bem como a psicologia da linguagem e os estudos Etnográficos, associados aos estudos vocabulares e dialetais regionais.

Abaixo, apresentamos nossos objetivos específicos:

- a) Demonstrar por meio de um *corpus* da modalidade escrita, que é possível realizar uma análise das peculiaridades do léxico regional, estruturando um quadro sociocultural, tendo como recorte as publicações de cada perfil, intitulado dicionário, de um estado específico de cada região nordestina.
- b) Verificar por meio dos comentários dos seguidores a interação com a variação lexical, bem como demonstrar o comportamento linguístico desses seguidores com essa variação.
- c) Analisar como as publicações dos dicionários nordestinos do *Instagram* podem auxiliar no processo de manutenção linguística e reafirmação identitária nordestina.
- d) Contribuir para os estudos sociolinguísticos e dialetológicos sobre espaços digitais criados para utilizar a variação regional.
- e) Verificar dentro dos fenômenos linguísticos lexicais estudados nesta tese se de fato a variante é específica daquele estado ou se estende a toda uma região.
- f) Demonstrar como a rede social *Instagram* pode ser uma ferramenta eficiente para promover a comunicação e, se constituir em uma ferramenta poderosa de circulação de informação da contemporaneidade.

1.3 Organização

Esta tese está organizada da seguinte forma:

Na seção I, denominada de **Quadro de investigação**, apresentamos uma sucinta introdução acerca do tema, a justificativa da investigação, bem como os questionamentos e hipóteses possíveis, além do objetivo geral, os objetivos específicos, e o modo como a tese está estruturada.

Em seguida, na seção II, intitulada **Bases teóricas**, tratamos da fundamentação teórica que embasa o nosso estudo, desde a fundamentação da Sociolinguística, sobre a variação linguística; como as três ondas Sociolinguísticas que nos auxiliaram em uma direção teórica; abordaremos também sobre conceitos importantes para este estudo no que diz respeito à identidade e comunidade, com intuito de especificar o que importa para nosso estudo. Posteriormente, falaremos as crenças e atitudes linguísticas; em seguida sobre a identidade como representação social. Adiante, será tratado sobre a variação lexical; a formação do Português brasileiro e a língua do Nordeste. Nesse seguimento, trataremos também da reinvenção do Nordeste por meio do regionalismo e finalizamos com traços do

léxico Nordestino, a partir de estudos dialetais vocabulares regionais da reinvenção do Nordeste por meio do regionalismo e assim finalizamos.

Na seção III, intitulada **Caracterização do espaço digital e tecnológico**, descrevemos sobre as características do espaço digital, a rede social *Instagram* e os perfis criados neste aplicativo, tais como; o dicionário Alagoanês, o dicionário Baiano, o dicionário Sergipanês e o dicionário Paraibano. Desse modo, abordamos sobre a relevância de compreender esses novos espaços como espaço de pesquisa e de interação com a linguagem popular.

Na seção IV, intitulada **Da tradição à contemporaneidade**, abordamos os questionamentos acerca dos conceitos: Dicionários, Vocabulários e Glossários, além de um apanhado histórico sobre o a obra dicionarística, bem como sua importância para a sociedade e por último sobre o nosso posicionamento em relação aos chamados dicionários no *Instagram*.

Na seção V, nomeada de **Procedimentos metodológicos**, descrevemos sobre a metodologia de trabalho utilizada para o desenvolvimento desse estudo, com base em autores como: Kozinets (2010) e (2014), a qual nos deu direcionamento para a coleta de dados da etnografia digital. Tarallo (1997), nos procedimentos de observação e análise. Desse modo, inicialmente apresentaremos sobre a abordagem qualitativa; o método Netnográfico como uma perspectiva possível para este estudo e posteriormente sobre a definição e constituição do *corpus*.

Na seção VI, intitulada de **Análises dos dados: a variação lexical dos dicionários digitais nordestinos**, tratamos primeiro de demonstrar a variação lexical por categorias/áreas temáticas como: partes do corpo humano, expressões/emoções e vestuário. Para tanto, recorreremos aos estudos sociais, dialetais regionais e obras dicionarizadas como o dicionário Etimológico da Língua portuguesa-Cunha (2010) e Dicionário conciso Houaiss (2011).

Por fim, na seção VII, intitulada **Atitudes linguísticas analisadas nos dicionários nordestinos do Instagram**, abordamos a segunda parte da análise, tratando do comportamento linguístico dos seguidores nos perfis dos dicionários do *Instagram*. Para tanto, buscamos por meio das interações com as publicações selecionadas na primeira parte da análise, demonstrar o comportamento linguístico dentro dessas comunidades de prática.

SEÇÃO II

BASES TEÓRICAS

Nesta seção tratamos da fundamentação teórica que embasa o nosso estudo, desde a fundamentação da Sociolinguística, sobre a variação linguística; como as três ondas Sociolinguísticas que nos auxiliaram em uma direção teórica; abordaremos também sobre conceitos importantes para este estudo no que diz respeito à identidade e comunidade, com intuito de especificar o que importa para nosso estudo. Posteriormente, apresentaremos as crenças e atitudes linguísticas; em seguida sobre a identidade como representação social. Adiante, será tratado sobre a variação lexical; a formação do Português brasileiro e a língua do Nordeste. Nesse seguimento, trataremos também da reinvenção do Nordeste por meio do regionalismo e com traços do léxico Nordestino, a partir de estudos dialetais vocabulares regionais da reinvenção do Nordeste por meio do regionalismo e assim finalizamos.

2.1 Um pouco de história: A Sociolinguística

Este estudo, devido à natureza do fenômeno enfocado e aos objetivos estabelecidos, orienta-se pela base teórica da Sociolinguística. Desse modo, entendemos a importância de se compreender todo contexto histórico que levou a construção da Sociolinguística enquanto ciência.

Desse modo, retomando meados do século XX, lembramos que a área da Linguística passou por mudanças significativas. E foi nesse momento que aconteceu o que chamam de virada paradigmática. Nessa perspectiva, os estudos linguísticos começam a se interessar pelo uso da língua e não apenas pelo sistema dela. Assim, nasce em diferentes âmbitos de investigação a relação interdisciplinar. Nesse sentido, a Linguística passa a vincular-se a outras ciências, como a sociologia, a antropologia, a psicologia, a semiótica e entre outras.

Neste cenário, podemos notar que o século XX, foi de grande importância. Isso porque, neste período, após meio século de domínio de correntes estruturalistas, iniciam-se os frutos da área dos estudos da linguagem que ficou conhecida como Sociolinguística.

Assim, é como uma reação à corrente estruturalista que a Sociolinguística começa a aparecer nos Estados Unidos na década de 1960, tendo William Labov, como percussor desta ciência. Todavia, a data em que se deu a virada de chave para o surgimento da

Sociolinguística nos Estados Unidos foi 1964, com a publicação de livros de Gumperz, Labov, Hymes e a conferência de William Bright em Los Angeles.

Em termos gerais, o autor Tarallo (1982) lembra que a Sociolinguística tem como desafio, buscar compreender, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua, na sua modalidade oral e/ou gestual. E que podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que compreendem por língua um sistema de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana.

Nesse sentido, como estudiosos da linguagem, passamos a compreender que não existe uma relação de mera casualidade, entre sociedade e língua. Pois desde que nascemos, somos cercados por um mundo de signos linguísticos, e suas diversas possibilidades de comunicação que passam a ser vistas como reais a partir do momento em que, pela associação ou imitação, começamos a construir nossas mensagens. Imagens, sons, e gestos envolvem a vida do indivíduo atual, constituindo mensagens de toda ordem, transmitidas pelos mais diferentes meios em que a língua desempenha um papel fundamental, seja ela visual, oral ou escrita.

Desse modo, a Sociolinguística, iniciada na década de 60, desenvolveu uma nova concepção do estudo da Linguística. A Sociolinguística tomou a posição central no processo de rompimento com a visão estruturalista. Tal feito contribuiu para que a Sociolinguística passasse a ser vista como uma corrente em oposição ao modelo hegemônico da ciência Linguística, pois:

Para a Sociolinguística a língua é dotada de “heterogeneidade sistemática”, fato que permite a identificação e demarcação de diferenças sociais na comunidade, constituindo-se como parte da competência linguística dos indivíduos, o domínio de estruturas heterogêneas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101).

Esse caráter heterógeno da Sociolinguística advém da sua formação, utilizando-se de três disciplinas: a Linguística, a Antropologia e a Sociologia, e pôde combinar as contribuições de cada uma dessas áreas. A Antropologia contribuiu com seus entendimentos de etnografia, a Sociologia com seu conhecimento teórico-metodológico e a Linguística com suas teorias sobre a linguagem, e a união de pesquisadores dessas três áreas do conhecimento, cooperou fortemente para a consolidação do que conhecemos atualmente como Sociolinguística.

Assim, atribui-se à Sociolinguística o estudo das relações entre língua e sociedade. Aqui, língua deve ser compreendida como um sistema de vários níveis integrados num todo

historicamente estruturado. A Sociolinguística ocupa-se do estudo da possível incidência das forças sociais sobre os estratos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos das línguas.

Sabemos que as correntes teóricas de maior projeção na linguística, pelo menos até 1960, foram o estruturalismo e o gerativismo. E de fato, o entendimento estruturalista de língua emitido por Ferdinand Saussure, contribuiu amplamente no sentido de elevar a linguística a status de campo científico pleno, com objeto e método definidos. O autor Chomsky refinou um pouco mais os objetivos dessa ciência quando propôs que a faculdade da linguagem é um elemento universal e natural do ser humano, cujas regras poderiam ser retratadas a partir da análise das construções gramaticais de línguas diversas. Todavia, Coelho *et al.* (2012) nos lembram que:

[...] tanto estruturalistas quanto gerativistas deixam de lado as possíveis influências externas (históricas, sociais, ideológicas etc.) sobre a estrutura linguística, assumindo uma perspectiva pela qual as regras e relações internas dos componentes da gramática são suficientes para uma descrição adequada do objeto. Ademais, de acordo com essas propostas, o sistema a ser descrito pela linguística era um construto *homogêneo*. (COELHO *et al.*, p. 20. 2012).

Isto é, não eram levadas em conta possíveis variações ou influências típicas da fala sobre os componentes da língua. Assim, a variabilidade, o valor social das formas linguísticas e o estudo empírico das mudanças na língua ficavam de fora.

Desse modo, é a partir desse contexto que se posiciona, desde a década de 1960, o linguista americano William Labov, que questionou e propôs uma nova direção para a estrutura das línguas e especialmente para os fenômenos da variação e da mudança linguísticas. Na obra *Padrões sociolinguísticos (Sociolinguistic patterns, 1972)*, Labov apresenta os principais postulados teóricos e a metodologia de trabalho empírico com a linguagem dessa nova proposta.

O ponto principal na abordagem proposta por Labov é a presença do elemento social na análise linguística. De modo, que a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. Entende-se que, Labov ao escolher como objeto de estudo a estrutura e a evolução linguística, cortou com a relação definida por Saussure entre estrutura e sincronia de um lado e história evolutiva e diacronia de outro, aproximando igualmente a sincronia e a diacronia às noções de estrutura e funcionamento da língua.

Desse modo, em linhas gerais podemos dizer que a sociolinguística, busca compreender a relação entre linguagem e sociedade, a partir do princípio da diversidade linguística. Além disso, a sociolinguística na corrente das orientações teóricas contextuais sobre o fenômeno linguístico, orientações teóricas estas que consideram as comunidades linguísticas não somente sob o ângulo das regras de linguagem, mas também sob o ângulo das relações que se manifestam pela linguagem.

Assim, quando a Sociolinguística coloca a variação como objeto de estudo, nos leva à concepção de que as línguas possuem um dinamismo natural, podendo variar de acordo com uma série de fatores, o que torna a heterogeneidade um traço característico delas. Contudo, isso não quer dizer que as línguas não dispõem de uma estrutura fixa. A autora Mollica (2012, p. 12), explica que todas “[...] as línguas apresentam as contrapartes fixa e heterogênea de forma a exibir unidade em meio à heterogeneidade”, isso significa dizer que, há, em todo sistema linguístico, não uma, mas duas forças agindo no sentido da variedade e da unidade.

Compreende-se que a variação linguística é indissociável ao sistema linguístico. E essa função ocorre em diferentes dimensões: dimensão histórica, dimensão geográfica, dimensão social e dimensão estilística (cf. Labov, 2008). Essas dimensões se realizam mais no nível externo da língua.

Nesse sentido, tema importante na Sociolinguística, para podermos observar as variedades linguísticas, é a variação geográfica ou diatópica e a variação sociocultural ou diastrática. Camacho (2001, p. 34, 35) explica que a variação geográfica está relacionada às diferenças resultantes do espaço físico. E a variação social, a qual está ligada a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade social dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Refere-se à classe social, sexo, idade, situação ou contexto social.

Desse modo, com o passar dos anos, e com a consolidação dos estudos sociolinguísticos, a área passa a considerar outras faces no processo de análise da língua, estabelecendo outros aspectos como interessantes para o campo. Assim, a Sociolinguística passou a ser, panoramicamente, dividida em “três ondas” de estudos. Como veremos a seguir.

2.2 As três ondas da Sociolinguística

Como já abordarmos no início desta seção, a teoria da Sociolinguística desenvolveu-se na década de 60 do século anterior e, desde então, conta com o seu lugar estabelecido nos estudos linguísticos. William Labov foi o responsável por ter lançado as bases teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista. Com o objetivo de explicar as mudanças nas línguas, de modo que ele evidenciou o fenômeno da variação linguística. Assim, de modo geral, o Sociolinguista norte-americano realizou estudos norteadores à elaboração dos conceitos e métodos dessa teoria de análise da língua. Os trabalhos e discussões de Labov têm uma questão principal, a defesa da tese de que uma língua – qualquer que seja, é determinada socialmente. Assim, não é possível apreendê-la livre da ação de fora, isso porque, “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (Labov, p. 21, 2008).

Nesse sentido, Veloso (2012) argumenta, que a lógica das ideias variacionistas foi decisivo para a sua consolidação no campo de estudo da Linguística de modo que vemos, no mundo, no decorrer de décadas, o estabelecimento de inúmeros projetos de pesquisas que têm contribuído significativamente para a formação de uma visão descritiva das línguas e das suas comunidades de fala.

E no caminho desse conhecimento estão ancoradas as bases teóricas de nosso estudo. Pois, com evolução dos estudos Sociolinguísticos, surgem diferentes direções para um estudo. Freitag (2015) explica que:

Os estudos sociolinguísticos podem ser agrupados em três ondas de estudos, não substitutivas nem sucessivas, mas que se configuram como modos distintos de pensar a variação, com práticas analíticas e metodológicas peculiares. Na tensão entre o social e o estilístico, Penelope Eckert (2012) traça um panorama retrospectivo dos estudos sociolinguísticos. (FREITAG, 2015, p. 4).

Assim, abordaremos sobre as três ondas de estudo da variação, sendo que a precursora da visão das três ondas da sociolinguística foi Penelope Eckert (2005,2012). A autora argumenta que os estudos sociolinguísticos podem ser separados em três ondas de análise, contudo, ressalta que não se sucedem ou se substituem, mas que correspondem à maneira característica com que esses modelos lidam com a variação linguística, ao longo das décadas de estudo.

(I) A primeira onda:

A primeira onda foi de suma importância para os estudos variacionista e está relacionada aos estudos Labovianos. Os estudos desse modelo abasteceram um amplo retrato das variáveis linguísticas utilizadas pelas comunidades de fala definidas geograficamente ao redor do mundo e é, a que obteve maior aprovação da comunidade científica da Sociolinguística, especialmente no Brasil.

De modo geral essa perspectiva se originou com estudo de Labov (1966) sobre o inglês da cidade de Nova York. O Sociolinguista constatou a correlação do uso das variáveis às categorias sociais extralinguísticas como classe socioeconômica, sexo, idade. O autor também observou um padrão usual e replicável de estratificação socioeconômica dessas variáveis, conferindo um valor social à variação linguística. Para isso, ele comparou a fala espontânea a mais cuidada, relacionando a variação à alternância de estilo. “Existem mais estilos e dimensões estilísticas do que se pode isolar. Mas descobrimos que os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestado à fala” (LABOV, 2008, p. 243). Para a visão Laboviana, o estilo está diretamente ligado ao monitoramento da própria fala que irá variar de acordo com o nível de (in)formalidade e envolvimento do falante.

Pode-se dizer que os estudos de primeira onda são realizados por meio de uma coleta rápida com padrão regular de distribuição das variantes. A análise é de caráter quantitativo e correlaciona variáveis linguísticas a categorias sociodemográficas amplas em comunidades de fala. Segundo os pressupostos Labovianos, as comunidades são um grupo de falantes que não precisamente compartilham os mesmos traços linguísticos, mas que possuem o mesmo juízo de valor acerca desses traços e os reconhecem na identificação do grupo.

Assim, Eckert (2005)¹ argumenta que a primeira onda determinou um conjunto de fatos, os quais, combinados, servem de direção para as próximas ondas. Em síntese, a primeira onda se caracteriza por: grandes estudos de levantamento de comunidades geograficamente definidas; a hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social; variáveis como marcadores de categorias sociais primárias e carregando traços de prestígio/estigma; estilo como atenção prestada à fala e controlado pela orientação em direção ao prestígio/estigma.

¹ Esse texto possui uma versão revisada e modificada, intitulada: *Three Waves of Variation study: The Emergence of Meaning in the study of sociolinguistic Variation* de 2012.

Nesse sentido, Lisboa (2015, p.50) demonstra que esses mesmos estudos possuem uma estrutura de categorização que direciona para a possibilidade da existência de dinâmicas que não aparecem, mas estão subtendidas nestas categorias amplas. E, os estudos de segunda onda da variação vêm a contribuir neste sentido, pois estudam dinâmicas locais usando categorias sociodemográficas mais abstratas.

(II) A segunda onda

A segunda onda é caracterizada pelos estudos de cunho etnográfico, que demonstram um retrato local das variáveis linguísticas, no sentido em que estas, localizadas em comunidades menores, possuem valor social relativo à dinâmica local. A autora Eckert (2005) aponta que os estudos etnográficos nos deram uma visão mais ampla de como as formas de falar estão envolvidas de significado local. A principal referência para este tipo de abordagem é o estudo de Labov (1963) na ilha de Martha's Vineyard. Labov conseguiu constatar neste estudo, um tipo específico de variação fonológica. Os falantes da ilha, com uma atitude social em relação a sua forma de falar, demonstravam que a variante escolhida representava um meio simbólico de afirmar-se ideologicamente em meio à população da ilha.

Uma observação interessante feita por Lisboa (2015) é que a data dessa pesquisa de Labov, nos mostra que, de fato, as três ondas não são absolutamente ordenadas cronologicamente, visto que esse estudo, marco da segunda onda, aconteceu em uma data anterior (1963) à pesquisa marco da primeira onda (1966).

Assim, nesse sentido, Eckert (2005) aponta que a segunda onda determina uma ligação entre o quadro da primeira onda e as dinâmicas locais, e pode ser sintetizada com: Estudos etnográficos de comunidades localmente definidas; Categorias locais como *links* para demográficas; Variáveis como indexação de categorias localmente definidas; Estilos como atos de afiliação.

De modo geral, entende-se que os estudos de segunda onda também assumem como amostra das comunidades de fala e pretendem identificar padrões regulares de distribuição de variantes linguísticas em abordagem de caráter quantitativo. Contudo, Freitag (2015) aponta que os estudos de 2º onda diferem da primeira por:

[...] seguirem uma perspectiva de base mais etnográfica, com coletas de dados que requerem maior envolvimento com a comunidade e tomam categorias sociodemográficas mais abstratas, não identificáveis em uma coleta rápida, como o julgamento de pertencimento à comunidade,

valores, atitudes, etc. Exemplo é o estudo Laboviano do inglês afro-americano em Nova Iorque. (FREITAG, 2015, p. 6)

Desse modo, como sabemos na tradição dos estudos variacionistas, os estudos realizados direcionaram-se, em sua maioria, às grandes comunidades de fala, na primeira onda, mas também foram observadas comunidades menores, na segunda onda. Recentemente, como afirma Veloso (2012), a tendência tem se voltado para o indivíduo em interação com o(s) seu(s) grupo(s).

(III) A terceira onda

A terceira onda é mais recente e encontrou embasamento nas asserções de Penelope Eckert. Nessa perspectiva, o ponto central é direcionado para os padrões de variação presentes nos indivíduos inseridos em comunidades de práticas, compreendemos que pode haver muitos equívocos em relação ao conceito de comunidade prática, especialmente quando ela está inserida no ambiente digital. Por isso, é necessário levar a rigor a concepção de que a comunidade de prática corresponde em “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (ECKERT E MCCONNELL-GINET 2010, p. 102).

De acordo com Lisboa (2015), os estudos de terceira onda continuam quantitativos, valendo-se da experiência metodológica da primeira e segunda onda. O diferencial está em inverter a ordem da pergunta “não mais buscar correlação entre o padrão linguístico e as categorias sociais, mas identificar as categorias sociais que atuam no padrão linguístico” (LISBOA, 2015, p. 4).

A terceira onda é uma proposta de retomada do significado social da variação, alterando o ponto central da estrutura para a prática linguística. Os estudos dessa proposta têm como unidade comunidades de práticas, grupo de pessoas, envolvidos em função de um propósito, ao invés de comunidades linguísticas, possibilitando buscar o papel do indivíduo, em termos de ordem, inovação e adesão a variáveis linguísticas.

Assim, Eckert (2003; 2005; 2012) sugere que para entendermos o significado social da variação, direcionemos nossa visão para a sua função na construção dos estilos. Desse modo, a proposta inovadora da autora para a teoria sociolinguística é analisar a variação na prática estilística. Olhar, na prática linguística cotidiana, que variáveis atribuem significados específicos, conforme o posicionamento de quem as usa nas diversas interações sociais nas quais se envolve.

Nesse sentido Eckert (2003), apresenta o conceito de comunidade de práticas, que ela argumenta ser o “locus primordial de construção estilística” (ECKERT, 2003, p. 44). Isso porque, neste cenário não existe a simples identificação das variáveis como sendo específicas de um determinado falar e resultante da correlação direta de restrições linguísticas diversas a sociais já determinadas.

Nos estudos da terceira onda, Eckert² (2012/2022) nos explica que:

[...] assim como estudos na primeira onda, estudos de segunda onda focavam em categorias aparentemente estáticas dos falantes e equiparavam identidade com afiliação a categorias. Mas a etnografia trouxe a prática estilística à vista, mesmo quando esses estudos não lidavam explicitamente com a natureza das relações indexicais entre variáveis e categorias sociais. Assim, o movimento principal na terceira onda foi de uma visão de variação enquanto reflexo de identidades e categorias sociais para a prática linguística na qual os falantes posicionam-se na paisagem social por meio da prática estilística. (ECKERT, 2012, p. 278).

Assim, compreende-se que o estilo é visto como uma prática, um ato de linguagem que pode representar aquilo que os indivíduos são, e não, aquilo que querem ser. Nessa perspectiva, a identidade revela uma posição que é assumida pelo indivíduo dentro das diferentes instituições nas quais ele se insere. De modo que, a terceira onda compreende a variação como um traço essencial da língua, a qual forma um sistema semiótico social capaz de expressar a gama completa de preocupações sociais de uma comunidade.

Eckert (2005) sintetiza a terceira onda como: Estudos etnográficos de comunidades de prática; as categorias locais construídas através de posições comuns; Variáveis como indicadores de posições, atividades, características; Estilo como construção da persona.

Dessa maneira, compreende-se que um estudo sociolinguístico pode estar inserido em mais de uma onda, uma vez que as três ondas coexistem e se completam, à medida que não são, estritamente, separadas cronologicamente nem substitutivamente.

Portanto, este estudo está inserido em partes na segunda e terceira onda da Sociolinguística, visto que na segunda onda, teremos as pesquisas de cunho etnográfico, que fornecem um retrato local das variáveis linguísticas, no sentido em que estas, situadas em comunidades menores, no caso de estados específicos do Nordeste, assumem valor social relativo à dinâmica local, neste caso os perfis digitais de dicionários nordestinos. E, conforme Eckert (2005) afirma, os estudos etnográficos podem dar uma visão mais objetiva

² A indicação de páginas se faz pela tradução brasileira de 2022, Oliveira, Rockenbach e Gutierrez.

de como as formas de falar estão imbuídas de significado local. E, por isso, este estudo se inscreve também na segunda onda da Sociolinguística porque buscamos demonstrar que, embora as variações regionais nordestinas possam ser estigmatizadas em um nível mais geral de uma língua específica, a sua associação com valores e práticas locais na rede social digital *Instagram*, podem lhe dar valor positivo.

Essa relação, no que diz respeito à língua, pode demonstrar comportamento linguístico mais conservador ou inovador. Veremos que o uso das variantes que a pesquisa explora, podem revelar toda uma relação dos integrantes dessas redes sociais (perfil; Alagoanês; Baiano, Sergipanês e Paraibano), essas variantes fora da rede social digital, isto é, toda a carga identitária, cultural e emocional que esses integrantes possuem com essas variantes nordestinas. De modo que, poderemos presumir um retrato do comportamento desses integrantes com as formas vernaculares por eles adotadas como recursos linguísticos que representam a paisagem social na qual estão inseridos, o que é socialmente significativo em suas realidades sociais.

Desse modo, no decorrer deste estudo, veremos que os integrantes dos perfis dos dicionários nordestinos, formam comunidades de prática dentro de uma rede social digital, e, assim compartilham comportamentos em relação à variedade lexical nordestina e isso significa que esses integrantes dessas comunidades de fala nesses espaços digitais, possuem consciência desses usos e são capazes de emitir juízos de valor sobre essas formas linguísticas. Nesse sentido, é que este estudo se inscreve na terceira onda sociolinguística.

Assim, considerando às questões colocadas por Eckert (2000), quando propõe que os estudos em sociolinguística sejam construídos a partir de comunidades de prática, espaços interacionais de construção de representações sociais nos quais a identidade, tanto do sujeito individualmente, quanto como membro de um dado grupo, encontra-se em processo dinâmico e constante de construção. Na proposta teórica, situada como prática social, Eckert (2000, 2005, 2006) e Eckert e McConnell-Ginet (2010) consideram os informantes como indivíduos que, ao optarem por fazer parte de um grupo ou outro, constituem categorias sociais e constroem constantemente o significado social da variação. Em vista disso, a percepção de sujeito proposta por Eckert (2000), segue a direção da concepção de sujeito pós-moderno, proposta por Hall como, veremos a seguir.

2.3 Comunidade e identidade: conceitos importantes para este estudo

Neste tópico, buscaremos apresentar os conceitos que interessam a esse estudo, no que diz respeito primeiro à identidade, especialmente discutida por Stuart Hall (2006). Posteriormente, trataremos dos conceitos de comunidade, uma vez que tal termo é centro de qualquer pesquisa sociolinguística, assim, partiremos primeiramente de um senso mais amplo, depois sobre a comunidade de prática e construção da comunidade na *internet*.

2.3.1 Identidade

O conceito de identidade é importante para este estudo, quando compreendemos que ela nos revela outro aspecto importante em relação às variantes lexicais. Por isso, se faz necessário que visitemos alguns conceitos sobre identidade. Pois, se pararmos para visualizar alguns estudos já realizados, veremos que o conceito de identidade é utilizado em diferentes áreas das Ciências Humanas: em estudos sociológicos, antropológicos, psicológicos. Em trabalhos sociolinguísticos, a percepção sobre identidade já era discutida nos primeiros estudos de Labov (1972), o autor já apontavam sobre o papel da identidade para os usos linguísticos.

Nessa direção, Labov (1972) colocou em evidencia que um grupo de pessoas da ilha de Martha's Vineyard preservavam traços linguísticos não-desprestigiados como uma forma (não completamente consciente) de fixar sua identidade de ilhéus, algo que os diferenciariam dos novos moradores da região. Dessa forma, é possível perceber que a mudança social definida pela inserção de um número expressivo de turistas vindos do continente modificou a realidade da ilha e as atitudes, inclusive linguísticas, dos antigos moradores da região.

Assim, conforme já mencionamos tópico **2.1**, é possível Labov constatou uma mudança sonora na posição fonética (dos elementos iniciais dos ditongos /ay/ e /aw/), o autor percebeu que havia uma orientação entre os falantes, até mesmo entre os jovens, que, apesar de geralmente estarem associados a comportamentos de tendências linguísticas inovadoras, estavam tendo, na verdade, atitudes de preservação linguística local.

Percebe-se dessa forma, que não recente a preocupação em compreender o conceito de identidade, especialmente atrelado à linguagem. Entretanto, observamos que apesar de figurarem em diversas análises da área, o conceito de identidade parece não ser enfoque da maioria dos trabalhos. Entretanto, com os estudos da terceira onda da sociolinguística,

assim considerados por Eckert (2000), as identidades sociais ganharam espaço na sociolinguística.

Nesse sentido, o conceito de identidade que nos interessa aqui advém do sociólogo britânico Stuart Hall (2006), ele argumenta que a identidade está diretamente ligada à cultura e por isso denomina de "identidades culturais" como aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

Segundo Hall (2006) existem três diferentes concepções de identidade que se relacionam às visões de sujeito ao longo da história. A primeira é denominada *identidade do sujeito do Iluminismo*, que demonstra uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela centração e unificação, em que persiste a capacidade de razão e de consciência. Desse modo, compreende-se o sujeito como condutor de um núcleo interior que surge no nascimento e permanece no decorrer de todo seu desenvolvimento, de maneira constante e idêntica.

Já a *identidade do sujeito sociológico*, considera a complexidade do mundo moderno e reconhece que esse núcleo interior do sujeito é formado na relação com outros indivíduos, os quais possuem o papel de mediar a cultura. Assim, nesta visão, o sujeito se constitui na interação com a sociedade, em um diálogo constante com os mundos interno e externo. Hall (2006) explica que desse modo, o sujeito é, ao mesmo tempo, individual e social, além de ser parte e todo.

E por último, o sociólogo apresenta a visão de *identidade do sujeito pós-moderno*, a qual não tem uma identidade fixa, permanente ou indispensável, mas construída e transformada constantemente, vivenciando a influência das formas como é representado ou interpretado pelos diferentes sistemas culturais de que toma parte. Nesse sentido, Hall (2006) argumenta que essa concepção de sujeito assume contornos históricos e não biológicos, de modo que o sujeito adota a identidades diferentes em diversos contextos que, via de regra, são contraditórias, impulsionando suas ações em inúmeras direções, de modo que suas identificações são constantemente deslocadas.

Assim, essa concepção torna-se altamente interessante para nossa atual realidade da conectividade, pois conforme Hall (2006) frente à diversidade de significações e representações sobre o que é o homem na pós-modernidade, o sujeito se relaciona com inúmeras e variadas identidades, possíveis de se identificar, mas sempre de modo temporário. Desse modo, o sujeito pós-moderno se define pela mudança, pela diferença, pela inconstância, e as identidades permanecem abertas. Todavia, essa visão não deve ser

vista apenas com seu caráter de incerteza e imprevisibilidade resultante do deslocamento constante, segundo Hall, ela tem características positivas, pois se, de um lado, desestabiliza identidades estáveis do passado, de outro, abre-se a possibilidade de desenvolvimento de novos sujeitos.

Em linhas gerais, todas essas visões e definições ressaltam o papel do indivíduo que trata suas identidades com outros indivíduos, grupos e construtos sociais. Nessa direção é importante depreendermos que é pouco provável que um indivíduo consiga monitorar e manipular cada traço linguístico de sua fala em todas as situações. O autor, Gumperz (1971) argumenta sobre essa percepção da seguinte maneira:

Em última instância, é o indivíduo que toma a decisão, mas a liberdade de escolher está sempre sujeita a restrições tanto gramaticais quanto sociais. As primeiras se relacionam com a inteligibilidade das sentenças; as segundas com sua aceitabilidade. [...] O poder de seleção, portanto, é limitado por convenções que servem para categorizar formas linguísticas como informais, técnicas, vulgares, literárias, humorísticas etc. (GUMPERZ, 1971, p. 152-153).

Dessa forma, diferentes definições de identidade podem ressaltar que um indivíduo não é um ou outro, mas que essas categorizações devem necessariamente estar relacionadas com outros indivíduos, visto que um olhar sobre a identidade não pode perder de vista as relações sociais. A identidade, portanto, não é um atributo pessoal ou uma posse; ela é um processo de criação de sentidos que pode ser ao mesmo tempo individual e coletivo.

Pois percebe-se assim, que objetivamente as identidades são realmente construídas por meio da diferença, isto é, para que eu afirme de maneira potencial a minha "identidade" eu preciso construí-la na relação com o Outro. Assim, faz-se possível afirmar que as identidades estão sedimentadas dentro de um jogo de poder e de exclusão.

Nesse sentido, de acordo com as percepções de Silva (2000), no que diz respeito a identidade e a diferença, a identidade é aquilo que se é: "sou brasileiro", "sou homem", "sou branco" entre outros. E a diferença, em oposição à identidade, percebida como aquilo que o outro é: "ela é mulher", "ela é branca", "ela é velha".

Portanto, podemos compreender que identidade e diferença determinam uma relação de dependência. Pois, quando afirmo que "sou brasileira" passo por uma corrente de "negações", visto que, desse modo, posso entender que "não sou espanhol", "não sou britânico" etc. contudo, no momento em que afirmo que "sou brasileira", esta afirmação somente me é possível porque existem outros seres humanos que não são brasileiros.

Além do conceito de identidade, também é importante para este estudo olharmos para o conceito de comunidade de práticas digital. Contudo, de modo mais específico. Por isso dedicamos o subtópico a seguir para este assunto.

2.3.2 Comunidade

Outro aspecto necessário à construção teórica deste estudo é referente ao conceito de comunidade e a sua construção. Ainda que este atualmente seja bastante debatido, em trabalhos anteriores, é preciso que sua discussão seja retomada. A autora Recuero (2006) em sua tese sobre comunidades em redes sociais na internet, explica que o uso do termo "comunidade" remonta ao século XIX Ferdinand Tönnies. Putnam (2000) esclarece que 'comunidade' é um termo normalmente associado a algum tipo de valor social, tido como desejável para um agrupamento de pessoas. Todavia, ainda que tenha sido tratado por diversos autores, existem muitas discussões sobre suas características.

A mais comentada definição de comunidade está nos trabalhos de Ferdinand Tönnies' (1947 e 1995). Ele criou uma dualidade, expressa em torno dos conceitos de "comunidade" e "sociedade". Para Tönnies (1947), comunidade representava o passado, a família, o calor. Era um grupo de pessoas "idealizado", com motivação afetiva e relações íntimas locais. E já a sociedade era vista como o contrário, era objetiva, mecânica, feita de convenção, lei e opinião.

Tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente no conjunto será entendido como a comunidade. (...) Na comunidade há uma ligação entre os membros desde o nascimento, uma ligação entre os membros tanto no bem-estar quanto no infortúnio (TÖNNIES, 1995, p.13).

Desse modo, podemos perceber que Tönnies, compreendia comunidade e sociedade como dois modelos históricos. A comunidade é relacionada com a tribo primitiva e a sociedade, com o desenvolvimento moderno.

O autor forma, deste modo, um conceito de comunidade que amplia relações sociais como elementos de laços fortes e de proximidade, baseada na localização geográfica e na vida cotidiana, com valores partilhados. A sociedade é constituída pela referência da troca, reforçam as diferenças, a individualidade, enquanto nas comunidades há um envolvimento completo, pela satisfação do indivíduo no grupo.

Já o autor Rey Odenburg (1989, apud RECUERO, 2006), em sua obra "The Great Good Place", explica que as comunidades estariam desaparecendo da vida moderna em virtude à falta do que ele chamou de "terceiros lugares". Para Oldenburg, na nossa vida

cotidiana existiam três tipos importantes de lugar: o lar, o trabalho e os "terceiros lugares", que se referem aqueles como, o bar, a igreja, a praça entre outros. Tais locais seriam mais favoráveis para a formação desses laços, pois seriam aqueles onde existe o "lazer", onde os indivíduos encontram-se de forma desinteressada para descontrair. E por isso o autor argumenta, sobre a queda dos grupos sociais mais primários, pois seria resultado do desenvolvimento pós-revolução industrial, concomitante com a violência que envolve a vida urbana.

Assim, se fizermos um apanhado por diferentes autores, veremos que o conceito de comunidade não é uma unanimidade. Recuero (2006) fez isso, a partir do autor Tönnies, que é um dos mais conhecidos em relação aos estudos sobre comunidade, ela explica que diversos autores quase sempre associam o conceito de comunidade, a três pontos; lugar comum ou território; interesse comum algo que é partilhado por todos e que, por conta disso gera interações ou laços sociais.

Desse modo, o que podemos perceber na realidade, é fato que os grupos sociais são uma constante na vida de todos os indivíduos. Devemos chamar a atenção para a mudança do centro do conceito relacionada à localização geográfica para a identificação entre pessoas com interesses semelhantes. Recuero enfatiza que:

“[...] é preciso perceber que a sociabilidade hoje lida com novos elementos, novas formas de interação e, sobretudo, novos ambientes como salientado por Oldenburg.” Trata-se de Um novo contexto a comunicação mediada por computador, para onde as pessoas empurram parte de sua vida social. (RECUERO, 2006, p. 120).

Assim, tendo em vista que a sociabilidade lida com novos elementos, formas e ambientes de interação isso requer pensar em um novo modo de conceito para comunidade, aquelas criadas no ambiente virtual, como veremos a seguir.

2.3.4 Comunidades virtuais

Uma das primeiras mudanças importantes percebidas pela comunicação mediada pela internet nas relações sociais é a transformação da noção de localidade geográfica das relações sociais, o que de certa forma agrega-se ao conceito de comunidade, ainda que a Internet não tenha sido a primeira responsável por esta mudança. O que devemos ressaltar aqui, é que o processo de expansão das interações sociais começa com o surgimento dos meios de transporte e de comunicação. Recuero (2006) argumenta que há vários anos existia uma prática chamada de *Pen pall*, onde as pessoas recebiam uma lista de endereços

de outras pessoas de diversas partes do mundo, para as quais podiam escrever. A ideia era proporcionar que as pessoas se conhecessem e depois permanecessem interagindo:

O advento das cartas, do telefone e de outros meios de comunicação mediada iniciam as trocas comunicacionais, independentes da presença. Há vários anos, por exemplo, existia uma prática comum denominada *Pen pall*. Várias pessoas, de diferentes lugares do mundo, escreviam-se umas às outras interagindo e conhecendo-se e mantendo os laços sociais à distância. Embora o procedimento não fosse unicamente direcionado para grupos, mas para indivíduos, era possível interagir em grupo. (RECUERO, 2006, p. 120).

Desse modo, a mudança no sentido de lugar é assim ampliada pela Internet. A teoria de Oldenburg (1989), dos “terceiros lugares”, apresenta as condições dentro das quais a comunicação mediada pela internet poderia ter vindo a encontrar um campo favorável. Pois, a falta de tempo, o medo e até mesmo a queda dos terceiros lugares podem ser ligadas ao isolamento das pessoas, ao atomismo e a fragilidade das relações sociais.

Contudo, o aumento do uso de ferramentas de comunicação mediadas pela internet poderia representar, justamente, um esforço no sentido contrário em direção ao social. Para Rheingold (1995), por exemplo, este contexto representaria, o motivo do surgimento das comunidades virtuais, por meio do advento da comunicação mediada pela internet e sua influência na sociedade e na vida cotidiana, as pessoas estariam buscando novos modos de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades, uma vez que, talvez por conta da violência e do ritmo de vida acelerado, torna-se mais viável estabelecer relações sociais por meio da interatividade virtual. E esse cenário se reforça com a globalização e as relações de trabalho cada vez mais dispersas, assim como as comunidades tradicionais encontraram uma barreira significativa, a geográfica.

Nesse cenário, podemos retomar aquilo que Lemos (2006) apontou sobre o processo que se dá na cibercultura definindo-a como uma cultura de desterritorialização. O autor, argumenta que a internet é, efetivamente, uma máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito). Assim, faz-se preciso que entendamos que a noção de território é polissêmica, e não pode ser compreendida somente por meio do aspecto jurídico, como espaço físico delimitado. Lemos (2006) explica:

Definimos território através da idéia de controle sobre fronteiras, podendo essas serem físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas. Criar um território é controlar processos que se dão no interior dessas fronteiras. Desterritorializar é, por sua vez, se movimentar nessas

fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído (LEMOS, 2006, p. SN).

Dessa forma, entendemos que o ciberespaço cria linhas de fuga e desterritorializações, mas também reterritorializações. As novas tecnologias de informação, as redes sociais digitais, as comunidades virtuais criadas a partir desses espaços tecnológicos, podem ser exemplos de práticas de reterritorializações.

Nesse sentido, Wellman (1997) defende que os laços sociais estariam sendo expandidos por intermédio do desenvolvimento dos meios de comunicação. Não mais limitados a pequenos grupos. Podemos perceber que o desenvolvimento tecnológico da internet está mudando as relações sociais da vida humana.

Desse modo, podemos depreender que toda essa mudança é o que direciona uma grande parte dos argumentos sobre o aparecimento das comunidades virtuais. Wellman e Gulia (1999), por exemplo, explicam que no último século, os pesquisadores de comunidades estudaram como as mudanças tecnológicas estariam influenciando as comunidades. Desse modo, para esses autores, é nesse cenário que surjam agrupamentos com características de comunidades virtuais.

Nesse sentido, segundo Rheingold (1993), podemos considerar que comunidades virtuais são grupos que surgem dentro do espaço virtual a Internet, e que mantêm uma rede de informações e afinidades. As comunidades virtuais criaram novas formas de sociabilidade em que está presente a sensação de pertencimento. O ambiente virtual torna-se local de interação social. Para Rheingold (ibidem), é necessário que exista motivação, interesses compartilhados, sentimento comunitário e durabilidade nas relações para que se tenha uma comunidade virtual com vitalidade e expressividade.

Assim, uma das principais características das comunidades virtuais é o fato de surgir de forma espontânea. O indivíduo não é obrigado a integrar determinada comunidade, a motivação é individual, a partir de traços de identificação, seja social, cultural, identitário ou linguístico. Para que as comunidades virtuais existam são necessários alguns elementos como apoio, emotividade, imaginação, lembranças coletivas, união, identificação e interesses comuns.

2.3.5 Comunidade de prática virtual

O conceito de Comunidade de Práticas (CoP) surgiu inicialmente no campo da psicologia social, nasceu da tentativa de criar uma explicação de caráter social da aprendizagem humana, inspirada na antropologia e teoria social (Wenger, 2010). Assim,

sendo um componente de uma teoria social de aprendizagem. Em meados da década de 90 este conceito passa a ser utilizado nas teorias de construção social da identidade, especialmente em estudos que pesquisam a relação entre linguagem e gênero por meio de dados conversacionais. Na Sociolinguística o termo comunidade de práticas foi introduzido nas pesquisas de linguagem e gênero inicialmente por Eckert & McConnell-Ginnet (1992), todavia direcionada na proposição de estilos por meio da variação.

Desse modo, faz-se preciso que entendamos o que seria esta prática. De modo geral, as práticas surgem justamente por que os indivíduos se engajam uns com os outros por meio das ações. Podemos compreender isso melhor nas interações se pegarmos como exemplo as mais comuns práticas cotidianas que necessitam “a cooperação” dos indivíduos por meios dos mais diversificados recursos, sejam eles de ordem linguística ou contextual.

Mira (2007) explica que a contribuição que o conceito acrescenta aos conceitos metodológicos da Sociolinguística é mudar a noção de prática para a compreensão do comportamento linguístico e social em grupos, ou seja, nas atividades que seus membros desempenham para integrarem um determinado grupo.

Ao assumir uma nova perspectiva do conceito de comunidade de prática (CoP), é necessário um novo olhar a respeito de sua estrutura. Assim, ao tentarmos identificar grupos sociais na *internet* que possam caracterizar uma Comunidade de Prática, como é o caso destes estudos, não é possível observar trocas sociais e negociação de identidade face a face, como explica Evans (2004).

Assim, a partir do momento em que aspectos geográficos vão se tornando menos centrais para o estabelecimento de comunidades, especialmente aquelas que são mediadas pela internet, a quantidade de comunidades de interesse e de apego aumenta e, assim, passam a ser vistas como o campo para a observação de como se dá a construção das relações sociais no mundo virtual. Por isso, este estudo entende que comunidade de prática virtual, se dá a partir da existência de interesses em comum e do compartilhamento de práticas linguísticas, sentimento de pertencimento, identificação, interação, engajamento e, na negociação do “eu” e do “outro” em relação às intuições linguísticas dentro do espaço virtual.

Nesse sentido, se retomarmos o conceito de comunidade virtual, no qual o conceito de comunidade pode ser visto como um grupo de pessoas que surge dentro do espaço virtual, e que mantêm uma rede de informações e afinidades e agregarmos o objetivo de prover um meio para a troca de conhecimento, e afinidades, assim teremos uma comunidade de prática virtual. Desse modo, a Comunidade de Prática Virtual (CoPV)

destaca-se como espaço que possibilita o compartilhamento dos conhecimentos. Ainda mais quando percebemos que o desenvolvimento acelerado das tecnologias de rede e da Internet veio proporcionar uma plataforma conveniente e flexível e tem acelerado o desenvolvimento de novas formas de comunidades.

Assim, é importante a visão de Eckert (2000), quando propõe o estudo da variação centrada nas comunidades de prática, nas quais os indivíduos, ao escolherem pertencer a esta ou àquela comunidade, compartilham repertórios de práticas, entre os quais as práticas linguísticas. A observação de comunidades de práticas permite visualizar como as variantes linguísticas assumem significado social.

2.4 Crenças e Atitudes linguísticas

A Sociolinguística é a ciência que analisa o comportamento linguístico de um ponto de vista sociológico. Os estudos em atitudes linguísticas se tornaram cada vez mais relevantes, pois como bem afirmam os autores que realizaram estudos em atitude linguística, Lambert (1967), Fernández (1998) as atitudes são consideradas como aspectos psicossociais expressados pelo indivíduo de forma positiva ou negativa.

Nessa direção, na Sociolinguística as atitudes são tomadas como parâmetros explicativos de análise do comportamento linguístico vinculado a variantes específicas de uma variedade. Assim, levando em conta as atitudes dialetais como expressão da substância social em resposta às variações de uma língua, Lambert (1967) argumenta que determinados padrões de uma língua estão envoltos de estereótipos de fala, em que os falantes notam, avaliam e julgam determinado comportamento linguístico, tendo como base os valores estigmatizados, social e culturalmente.

É importante lembrar que os estudos de atitudes não podem ser tomados como explicações generalizadas sobre determinado comportamento linguístico. Estudos em atitudes podem prever uma correlação entre o objeto em que se pretende estudar e padrões gerais de comportamento linguístico.

Outro parâmetro relevante a se considerar neste estudo diz respeito à maneira como a consciência linguística está intimamente ligada à consciência sociolinguística, isto é, em que as crenças acerca do prestígio social atribuído a uma variedade linguística podem ser representadas por atitudes positivas. Pois, conforme Bourdieu (1999), quanto mais plural for o conhecimento cultural e social, e quanto mais interação houver nas distintas instituições sociais, menor será o preconceito linguístico. Assim, se levarmos em

consideração a consciência sociolinguística como parte integrante da competência linguística, a repercussão de juízos de valores será menor pela consciência social coletiva; de modo que, determinados comportamentos estereotipados e preconceituosos poderão ser também controlados ou até amenizados.

Dessa maneira, quando falamos em crenças e atitudes Alves e Aguilera (2011) argumentam que as pesquisas sobre tal temática teve início na década de 60, inicialmente com os psicólogos sociais William e Wallace Lambert. Eles procuravam analisar o indivíduo em seu enquadramento social e, assim “o estudo das atitudes tornou-se uma preocupação dos psicólogos sociais, no decorrer dos anos, pois se trata de um complexo fenômeno psicológico que se reveste de um tremendo significado social” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

Nessa direção da Psicologia, Alves e Aguilera (2011) explicam duas vertentes principais de pesquisa em crenças e atitudes: mentalistas e comportamentalistas, as quais são discutidas por sociolinguistas.

Dessa forma, os mentalistas depreendem que as atitudes são um estado mental do indivíduo capaz de escolher as suas respostas de acordo com a situação a que está condicionado. Seriam situações criadas. Na vertente mentalista, são apresentados três componentes nas atitudes: o Cognoscitivo- que está diretamente relacionado à consciência linguística do falante. “Esse componente abarca os conhecimentos do indivíduo (estereótipos, crenças) e seus valores (ascensão social, personalidade), entre outros” (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233). O autor Gómez Molina (1998, p. 31) argumenta que o elemento cognoscitivo seja o de maior relevância, uma vez que, “nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes [...] suas expectativas sociais (prestígio e ascensão) e o grau de bilinguismo”.

O componente Afetivo- segundo López Morales (1993), está ligado a emoções e sentimentos. E realiza juízo à valoração que o falante atribui acerca das características da sua fala ou do falar dos demais. Pode-se dizer que este componente “Está diretamente ligado ao orgulho ou aos valores que a sua fala representa dentro de uma comunidade: traços de identidade, etnicidade, lealdade e valor simbólico” (GÓMEZ MOLINA, 1998, p.31).

A vertente comportamentalista, nas palavras de Moreno Fernández (1998, p. 182), coloca que “a atitude é uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou características sociolinguísticas determinadas”. Isto é, as atitudes do falante seriam imagináveis diante das situações sociais. Nessa perspectiva

comportamentalista, pode-se depreender que as atitudes seriam constituídas somente pelo componente afetivo, visto que poderiam ser medidas e observadas abertamente.

O autor López Morales (1993), argumenta que as crenças e atitudes pressupõem apenas o componente conativo, isto é, uma ação, um comportamento que pode criar atitudes diferentes, podendo ser positivas ou negativas, dependendo da situação em que o falante estiver.

Assim, podemos compreender que o conceito de atitude linguística abrange diferentes dimensões, desde as atitudes com relação a variedades linguísticas, dialetais e estilos de fala, passando pelas atitudes em relação ao aprendizado de uma língua, até as atitudes com relação a grupos, comunidades, minorias, entre outras dimensões.

De modo que, faz-se preciso entender que os componentes relacionados às atitudes atribuídos por Lambert e Lambert (1966): a crença, a valoração e a conduta, estão todos situados no mesmo nível. E, assim, nesse contexto, a atitude linguística de um indivíduo resultaria da soma de suas crenças e conhecimentos, seus afetos (emoções ou sentimentos) e sua tendência a se comportar de determinada maneira diante da língua ou de uma situação sociolinguística.

Nesse sentido, entendemos que é possível existir falantes com atitude negativa em relação à própria variedade de fala, principalmente porque esta não oferece uma ascensão social e até mesmo quando sua variedade o impede de circular por lugares diferentes dos seus. Contudo, não se pode dizer que não se valorize a língua em absoluto ou que não se tenha um mínimo de sentimento por ela. As línguas podem ser estimadas por motivos sociais ou afetivos. Pois, como afirma Macedo-Karim (2017, p. 45)

O comportamento linguístico está ligado a um comportamento social mais geral, está associado ao que é considerado modo legítimo de falar e modo pouco valorizado de falar, levando à terminologia: segurança/insegurança linguística. O falante que considera o seu modo de falar a verdadeira norma, sente-se seguro nos momentos de interação comunicativa, mas aquele que considera seu modo de falar pouco valorizado socialmente sente-se inseguro no processo de interação diante do modelo mais prestigioso. (MACEDO-KARIM, 2017, p. 45).

2.5 Atitudes e Identidade como representação social

Primeiramente, devemos compreender que o conceito de identidade é utilizado em diferentes áreas das Ciências Humanas, tais como, em estudos antropológicos, sociológicos, psicológicos e entre outros. Nos estudos sociolinguísticos, mesmo

apresentando em várias análises da área, o conceito de identidade ainda não é enfoque da maioria dos estudos. Contudo, com os estudos da terceira onda da sociolinguística (como já argumentamos no início dessa seção), nesse sentido, considerados por Eckert (2000), as identidades sociais ganharam espaço na sociolinguística.

Fernández (1998) nos diz que a identidade possibilita diferenciar uma etnia de outra, um grupo de outro, um povo de outro. A identidade pode ser definida, além da forma objetiva, que caracteriza pelas instituições que a compõem e pelos assuntos culturais que fornecem personalidade, mas também de forma subjetiva priorizando o sentimento de comunidade partilhado por todos os seus membros e a ideia de diferenciação com respeito aos demais.

Assim, a variedade linguística pode ser percebida como um traço definidor da identidade do grupo. Sobre esse assunto, Aguilera (2008) argumenta que qualquer atitude dirigida aos grupos com determinada identidade pode ser uma reação às variedades utilizadas por esse grupo ou aqueles que utilizam essa variedade, visto que as normas e marcas culturais de um grupo se espalham por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo.

A autora citada, ainda explica que, as atitudes podem ser consideradas como a expressão das preferências e convenções sociais em relação ao status e prestígio de seus usuários. De modo geral, pode-se considerar que os grupos sociais de maior prestígio são os que ditam a ação das atitudes linguísticas das comunidades de fala. E são esses grupos também os responsáveis pelas normas impostas, ainda que nem sempre elas sejam acordadas nas comunidades.

Nesse sentido, podemos retomar Weinreich, Labov e Herzog (1968) quando argumentam sobre cinco tópicos a serem analisados para a fundamentação de uma teoria da variação e mudança relacionadas ao contexto social: 1) Fatores condicionantes – análises de quais mudanças seriam possíveis na língua; 2) Transição – como acontece a mudança; 3) Encaixamento – como a mudança está encaixada, situada dentro e fora da língua; 4) Avaliação – como os membros de uma comunidade avaliam a mudança e de que modo essa avaliação pode influenciar nos processos de variação e mudança; 5) Implementação – por que e como a mudança aconteceu em determinado tempo e espaço.

O 4º tópico, a Avaliação – proposta pelos autores refere-se ao que estamos abordando, o modo como um indivíduo ou uma comunidade de fala avalia sua língua e as demais variedades com as quais mantêm contato.

Nesse sentido, os autores William e Wallace Lambert explicam que:

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com os quais nos associamos às profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

Surge outra questão importante no que diz respeito às atitudes linguísticas. O binômio: segurança/insegurança linguística, Calvet (2002) ao levantar essa questão, sobre segurança e insegurança linguística do falante em relação a sua própria fala, ele explica que:

Fala-se de segurança linguística quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados no seu modo de falar, quando consideram sua norma a norma. Ao contrário, há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam. (CALVET, 2002, p. 72).

Desse modo, podemos compreender que tanto a segurança quanto a insegurança linguística podem ter as suas consequências. A insegurança pode gerar consequências como a hipercorreção, uma forma exagerada de restaurar as formas prestigiosas por aqueles que não as detêm, o que geralmente faz com que o indivíduo seja motivo de risos diante dos outros, e atualmente como podemos ver, os indivíduos estão buscando espaços específicos, como o ambiente virtual, para utilizar sua variedade linguística, um local de aceitação. Já a segurança linguística pode provocar uma perspectiva soberana do falante em relação à fala do outro, que passa a ser considerada como “estranha”, “feia” ou “errada”, o que é chamado de preconceito linguístico.

Assim, retomando Weinrich, Labov & Herzog (1968, p. 136) observa-se que os autores preconizaram que “o nível da consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem que ser determinada diretamente”. Portanto, a avaliação da língua é decisória para a construção da identidade linguística dos falantes e tal valoração, como fixou Labov (2008) estratifica as variáveis linguísticas em três níveis de apreciação social: os estereótipos, fortemente sensíveis à avaliação social, os marcadores, razoavelmente sensíveis à avaliação, e os indicadores, com pouca força avaliativa.

Labov (2008) explica que existem protocolos para medir a atitude, tais como:

a) *self report test*, no qual os indivíduos devem selecionar, dentre uma gama de variantes linguísticas, aquelas que se aproximam do seu uso habitual; tais sujeitos geralmente assumem utilizar as formas próximas às de prestígio reconhecido; b) *Family background test*, no qual é visto o

quanto os indivíduos são capazes de identificar dialetos diferentes; c) *matched guise test*, que visa identificar atitudes inconscientes dos sujeitos em relação à língua. (LABOV, 2008 p. 193-7).

Labov em seu estudo da ilha de Martha's Vineyard, produzido em 1963, explicou sobre as variações do inglês utilizado por habitantes da ilha, localizada no estado americano de Massachusetts (LABOV³, 1972/2008). O autor buscou analisar a relação entre fatores sociais (extralinguístico) como etnia, sexo, ocupação e idade com a linguagem utilizada pelos nativos dessa ilha, focalizando seu estudo na pronúncia de certos fonemas do inglês falado por essas pessoas.

Labov, percebeu que o uso dos ditongos **au** e **ay** servia como característica para os falantes se identificarem como nativos da ilha, o que contraponha as formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que visitavam a ilha. Tal percepção mostrou que o uso da variante pelos nativos, considerada estigmatizada em relação à forma padrão, servia para a formação de sua identidade social.

Esses nativos consideravam a presença dos veranistas do continente como uma invasão cultural e econômica, de modo que, marcavam a pronúncia desses ditongos como forma de defender sua cultura e seu espaço. Em contra partida, esse estudo de Labov também revelou que o uso da forma padrão, de maior prestígio, demonstrava um sentimento de insatisfação, um desejo de deixar a ilha, isto é, de se diferenciar da identidade social dos habitantes nativos.

Dessa forma, podemos perceber que Labov já explorava as avaliações e percepções dos ditongos e, conseqüentemente, explorava o significado social das variantes. Isso demonstra a preocupação do autor com o problema da avaliação, algo que se perdeu nos estudos subsequentes, devido à dificuldade em aferir o impacto da avaliação em possíveis processos de mudança da língua.

Assim, relembremos que Zilles e Faraco (2006) sugeriram que a investigação das atitudes e valores acerca dos fenômenos linguísticos é urgente e necessária não só para o entendimento da norma culta, de forma a evitar tanto a expansão do normativismo, mas também, essa mesma investigação pode nos revelar informações sobre o léxico brasileiro, de regiões muitas vezes vista com desprestígio, seja linguístico ou social.

Pois, como bem afirma Freitag (2015), o levantamento dos dados empíricos pode contribuir para uma ampliação das identidades linguísticas regionais, subsidiando a

³ A indicação de páginas se faz pela tradução brasileira de 2008, Bagno, Scherre e Cardoso.

construção de personas regionais pela indústria midiática, que tem sido, reiteradamente, lugar de propagação e manutenção de estereótipos linguístico-identitários.

2.6 Variação lexical

Labov (2008) destaca que a linguagem retrata certos traços linguísticos que identificam os dialetos falados de determinada região ou outra. De certo modo, compreendemos que os falantes obtêm as variedades linguísticas próprias da sua região. Se visualizarmos o Brasil afora, veremos as diferenças linguísticas pelas regiões. Tais diversidades regionais são ainda mais salientes para nós estudiosos da linguagem. Pois, sabemos que ao estudarmos a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, na maioria das vezes, motivadores de suas variações, esclarecendo e ponderando fatos que talvez, até linguisticamente seriam difíceis de serem definidos, pois, no argumento do autor BARBOSA (1981) “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo...” (BARBOSA, 1981, p. 158). Esta afirmação, específica do léxico, é mais verdadeira ainda. Isso porque, toda ideologia, visão de mundo, sistemas de valores e práticas socioculturais das comunidades humanas são retratadas em seu léxico.

Por isso, é importante primeiramente entendermos o que é o léxico. Para tanto a autora Biderman (1978) nos oferece uma boa definição:

Léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. O sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo. (BIDERMAN, 1978, p. 139).

Corroborando, com a autora, Carvalho (2009) especifica que a palavra léxico tem origem grega *léxicon*, em sentido amplo, é sinônimo de vocabulário. É compreendido como o inventário completo dos vocabulários que estão sempre em dicionários de uma língua. O léxico dentro das estruturas linguísticas é considerado como o menos sistemático, pois ele depende, em algumas situações, da realidade exterior, não linguística. Nesse sentido, Carvalho (2009) define léxico como um conjunto virtual, no qual se pode reconhecer como unidade básica o morfema, ou unidade significativa mínima.

Assim, os estudos acerca do que vem a ser o léxico da língua, Carvalho (*Op. cit*) afirma que o recurso lexical de uma língua é formado por um conjunto de lexemas, sendo por meio desse conjunto que se notam as mudanças na língua, sejam suas influências e/ou modificações.

Desse modo, podemos compreender que o ser humano utiliza o léxico de uma língua natural para nomear tudo ao seu redor formando-se assim, um modo de marcar o conhecimento de uma língua. Pois, como o primeiro passo científico, da natureza humana no caminho do conhecimento do universo, está o ato de nomear a realidade.

Oliveira (2006) lembra que:

O homem foi estruturando o mundo que o rodeia reunindo objetos em grupos, identificando semelhanças e, ao mesmo tempo distinguindo traços diversos que individualizam esses seres e objetos em identidades diferentes, sendo esse o processo de nomeação que deu origem ao léxico das línguas naturais. (OLIVEIRA, 2006, p. 24)

O autor Mário Vilela (1994, p. 6) também argumenta sobre o léxico afirmando que:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extra lingüística e arquiva o saber lingüístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertos e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico que é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade. (VILELA, 1994, p. 6).

A partir dessas afirmações, podemos ver que o léxico de uma língua possui uma relação próxima com a história cultural da comunidade. Logo, o recurso lexical de uma comunidade lingüística retrata o seu modo de vida, desde como enfrenta a realidade e o modo como seus integrantes estruturam o mundo em que vivem, tal como organizam as diferentes perspectivas do conhecimento.

Dessa forma, ao mesmo passo em que o léxico entremeia realidades do mundo, coloca-se na cultura. Assim, as línguas compõem-se como uma preciosidade cultural, isto é, uma totalidade de signos lexicais que recebemos de uma série de modelos categoriais que formam outras palavras. Por isso, devemos levar em conta que o Brasil é considerado como um país, com grandes diversidades regionais e socioculturais, o que pode justificar a significativa diversidade, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico existente na língua portuguesa. A autora Aragão (2004) corrobora nos dizendo que: “Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região.” (ARAGÃO, 2004, p. 171).

Todavia, pode-se afirmar que as mudanças políticas e culturais não provocaram, nem provocam mudanças imediatas no sistema lexical, isso porque, todas as mudanças no

léxico da fala, isto é, do uso da língua por meio da fala se formam as mudanças no sistema lexical, alterando as normas e, conseqüentemente, criando novas normas (BASÍLIO, 2007).

Desse modo, a função dos estudos de variação lexical será esclarecer a utilização alternante de algumas formas léxicas em específicas condições linguísticas e extralinguísticas, assim como as diferentes unidades de ordem geolinguística presentes em uma dada comunidade. Bem como, buscar mostrar o léxico característico dos diferentes grupos sociais: léxico de faixa etária, de profissão, escolaridade, entre outros fatores.

Aragão (1999) explica que as variações lexicais podem também ser consideradas tanto essencialmente geográficas, como sociais ou ainda dependentes do estilo.

Por último e não menos importante, devemos mencionar que o aspecto semântico se torna importante aqui, pois conforme Aragão (2004) argumenta:

[...] o aspecto semântico podemos dizer com Greimas (1981) que ele é o “conteúdo total atribuído a um significante”, ou com Pottier (1987) que diz que o semântico é “o conjunto dos traços semânticos pertinentes ou ainda, as significações lexicais e gramaticais”. (ARAGÃO, 2004, p.1711).

Desse modo, precisamos perceber que os elementos que constituem os itens lexicais evoluem semanticamente como um todo, porém suas partes continuam morfologicamente inalteradas. E, como consequência disso, têm-se formas as quais a significação pouco tem a ver com o que se poderia esperar pelas características morfológicas da palavra.

Basílio (2007) argumenta que na variação lexical, pode-se dizer que as mudanças políticas e culturais não provocavam, nem provocaram transformações imediatas no sistema lexical, pois todas as mudanças no léxico resultam da fala, ou seja, do uso da língua por meio da fala se produzem as mudanças no sistema lexical, mudando as normas e, conseqüentemente, criando novas normas.

Assim, os estudos de variação lexical buscam explicar o uso alternante de certas formas léxicas em determinadas condições linguísticas e extralinguísticas, bem como as diferentes unidades de origem geolinguística presentes em uma dada comunidade.

2.7 A formação do Português brasileiro e a língua do Nordeste

Primeiramente, mesmo que de forma rápida, é importante abordarmos sobre a formação do léxico do Português brasileiro, pois demonstra a diversidade da nossa língua e como tudo isso afeta a língua do Nordeste.

Os estudos Brasileiros sobre o léxico consideram não apenas a questão da construção do léxico, na Língua Portuguesa, mas também as particularidades que esse nível

linguístico assume na sua variante brasileira. Como sabemos, o léxico português tem sua origem no latim vulgar e, de acordo com Biderman (1996, p. 321), está construindo-se há quase mil anos. No início, seu patrimônio vocabular era formado por, cerca de cinco mil palavras, e atualmente estima-se que, ultrapasse a marca de quatrocentas mil.

Dargel (2011) argumenta que:

Ao longo de sua história, o *thesaurus* latino, formador do léxico português, foi recebendo acréscimos do léxico grego, do árabe, das línguas germânicas e também de suas “línguas irmãs” como o espanhol, o italiano e o francês. (DARGEL, 2011, p. 35).

Carvalho (1989, p. 20) nos lembra de que o português do Brasil recebeu grande influência do falar indígena e do falar africano. Esse fato ocorreu, principalmente, no nível lexical, em decorrência da necessidade de interação entre as etnias branca, negra e índia. O colonizador do Brasil pegou unidades lexicais já existentes nas línguas indígenas e africanas e essas formas foram adotadas ao português falado em terras brasileiras.

Pois, como sabemos, após o descobrimento do Brasil em 1500, a Língua Portuguesa foi transplantada para o Brasil, pelos colonizadores portugueses. Nesse tempo, falavam-se no Brasil as línguas indígenas, dos troncos *Tupi* e *Macro-Jê*. No processo de catequização indígena, os jesuítas e os colonizadores portugueses usavam uma língua franca de base Tupi para terem facilidade no contato com os nativos brasileiros. Fato que justifica o porquê de encontrarmos, no léxico da Língua Portuguesa do Brasil, quantidade significativa de palavras de origem tupi. Todavia, após esse tempo, com o começo do tráfico negreiro e, assim, com a chegada de africanos para o Brasil, aconteceu também a introdução das línguas africanas, episódio que fez com que no decorrer do tempo, as línguas indígenas e africanas fossem sendo absorvidas pela Língua Portuguesa.

De acordo com Elia (1989, p. 27), “o predomínio da Língua Portuguesa foi acentuando-se a partir da segunda metade do século XVIII”. O que marcou essa situação foi quando a Língua Portuguesa passou a ser ensinada no Brasil pelos jesuítas vindos de Portugal.

Sobre esse aspecto Henriette (1997) argumenta que:

Inicialmente língua apenas de colonos, o português foi depois progressivamente ensinado à população indígena, cuja língua principal era o tupi, que se manteve por muito tempo como língua veicular do país. Mas, pouco tempo depois, o português se tornou objeto de ensino intensivo, sobretudo graças aos colégios criados pela Companhia de Jesus. Esses esforços imediatos para ensinar o português provavelmente impediram o desenvolvimento de crioulos no Brasil. O processo de

implantação do português também foi reforçado mais tarde pela instalação no Brasil da Família Real com toda a Corte, devido à fuga causada pela invasão de Portugal por Napoleão (HENRIETTE, 1997, p. 187).

Desse modo, no fim do século XIX, com o término do tráfico negreiro e a proclamação da República, imigrantes alemães e italianos chegaram ao Brasil. Mais precisamente, no século XX, vieram para o Brasil imigrantes japoneses. Essas diferentes etnias foram para regiões diversas do enorme território brasileiro. Sem dúvidas, a diversidade de etnias, de culturas veio influenciar de forma objetiva a Língua Portuguesa falada no Brasil. Tal influência pode ser notada no léxico, nos aspectos sintáticos, morfológicos e fonéticos, mas se destaca, sobretudo, no nível lexical.

Assim, é possível afirmar que a Língua Portuguesa falada no Brasil apresenta um considerável número de variedades linguísticas.

Nascentes (1953) já esclarecia que:

O falar brasileiro, apesar de sua relativa uniformidade, apresenta variações bem características. (...) a enorme extensão territorial sem fáceis comunicações interiores quebrou a unidade do falar, fragmentando-o em subfalares. Para isso contribuiu muito também o modo diferente de povoamento das diversas regiões (NASCENTES, 1953, p. 17).

Nesse sentido, pode-se observar, que o imaginário de que a Língua Portuguesa, aparentemente, mostra-se de modo uniforme em terras brasileiras, não é mais aceitável. Pois, não só estudos linguísticos demonstram a diversidade do Brasil, mas a sociedade como um todo passou a notar que há diversidades regionais originárias de diferentes fatores. Isso porque, o processo de miscigenação, que caracteriza o povo brasileiro, ocorreu em virtude de como foram sendo espalhadas as diferentes etnias.

Nessa perspectiva, Isquierdo (1998) esclarece que:

Pesquisas têm demonstrado a indubitável presença de significativo número de diversidades linguísticas na variedade brasileira da Língua Portuguesa. Condicionantes de natureza sócio-histórico-cultural e físico-geográfica motivaram o surgimento de vários “matizes” na Língua Portuguesa do Brasil – falares regionais que convivem harmoniosamente entre si no vasto território brasileiro deixando transparecer, na unidade, as diversidades regionais e culturais refletidas no âmbito da linguagem. (ISQUERDO, 1998, p. 225).

Muito se argumenta que a língua portuguesa aportou primeiramente no Nordeste, por intermédio dos donatários das capitanias, quando a antiga Terra de Vera Cruz era ainda uma faixa limitada pelo Tratado de Tordesilhas. Em meio à catequese dos jesuítas, eles

preferiam usar o latim a aprender a língua geral da costa - o tupi - para melhor divulgar a fé cristã.

No Nordeste, a língua foi adequada a novos hábitos linguísticos, cheia de termos de origem indígena e, mais para frente, de origem africana. Para Carvalho (2000), uma vez que a língua e a cultura são indissociáveis, no Nordeste, encontramos nessa região uma cultura rica em termos, ritmos e expressões, com um traço caracteristicamente popular, que não se aprende na escola, nem é valorizado em época de globalização.

Assim, como sabemos o Brasil, como resultado da colonização, tornou-se um verdadeiro museu constituído, por linhas históricas refletidas não só apenas no plano sociocultural, mas linguístico também.

Carvalho (2019) argumenta que, a língua portuguesa, trazida pelos colonizadores, foi-se espelhando em ondas de ação lenta e eficiente sobre os falares indígenas, a partir de locais essenciais como Pernambuco e Bahia, e que:

[...] Foi essa língua transplantada, nos primórdios da colonização, a base do dialeto que leva seu povo a falar diferente do resto do país. Do Maranhão à Bahia, fala-se um dialeto cheio de arcaísmos e modismos variados no vocabulário, nos torneios sintáticos, na entonação e na prosódia. Não se fala no Recife e em Salvador como em Sorocaba, Bagé ou Manaus. No Nordeste, a língua portuguesa aportou primeiro. (CARVALHO, 2019, p. 116.).

Ainda assim, apesar do patrimônio cultural já estabilizado em trabalhos acadêmicos, há pouco documentado em relação à fala nordestina. O trabalho de Marroquim (1996), intitulado “A Língua do Nordeste” foi um dos primeiros a serem publicados sobre a região, embora o grande destaque tenha sido dado a Pernambuco e a Alagoas. Além de um retrospecto histórico, o autor analisa fatos específicos como a fonologia, as figuras de dicção, o léxico e a sintaxe na fala característica da região nordestina.

O projeto VALPB, também foi um trabalho importante para o Nordeste. Iniciado em 1993, sob a organização dos professores Dermeval da Hora e Juliene Pedrosa, resultou em quatro volumes publicados em 2001. E se mantém ativo na realização de pesquisas do português falado na Paraíba. Esse projeto busca traçar o perfil linguístico em nível fonético-fonológico e gramatical dos falantes da comunidade de João Pessoa, observando fatores estruturais e sociais que interferem na realização de determinados fenômenos, com destaque para a palatalização e aspectos de concordância verbal. Nos anos de 2003 a 2006, a ênfase foi para o processo de apagamento das consoantes em posição de coda/r, l, s, n/, bastante recorrentes no Português Brasileiro e também em muitas línguas do mundo. A

proposta do VALPB também visa estabelecer comparações em nível regional e nacional, evidenciando as semelhanças e diferenças dialetais.

Nos estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos em relação ao léxico, temos a autora Maria do Socorro Silva Aragão que está sempre produzindo pesquisas acerca do falar nordestino, mais precisamente a respeito do léxico. A autora começou a observar a produção informal de dicionários regionais nordestinos. Desde o ano 2000 com o- *Do Baianês ao piauiês: A onda de dicionários regionais nordestinos*. E no ano de 2004, com a *variação semântico-lexical em Atlas linguísticos nordestinos*.

O Nordeste é a região brasileira que possui o maior número de estados, mais precisamente nove: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. Ou seja, ainda tem muito para a área de a linguagem observar. De acordo com os trabalhos dialetológicos e Sociolinguísticos já publicados, muitos aspectos lexicais foram encontrados, demonstrando a variabilidade com que o falante do Português Brasileiro se depara em especial os nordestinos.

2.8 A reinvenção do nordeste através do Regionalismo

Neste tópico iremos abordar sobre como a região nordestina precisou se posicionar para ser lembrada e como tudo isso produziu uma imagem estereotipada e preconceituosa sobre o falar e identidade nordestina. Para tanto, nos apoiaremos no estudo feito por Albuquerque Júnior (2009).

Assim, é importante mencionarmos como o Nordeste, precisou se firmar para manter sua cultura e identidade linguística. Se retomarmos a história, veremos que desde o início do povoamento dos portugueses no Brasil, tornou-se um importante meio econômico para o Brasil. O autor Fausto (2006) lembra que a região representou o primeiro centro de colonização e de urbanização da nova terra.

Contudo, com a chegada da família real no Brasil provocou uma grande mudança, como a da capital para o Rio de Janeiro. Com esse fato histórico é como se o Nordeste fosse esquecido, como se o Brasil tivesse somente a região sudeste do país. Assim, as dificuldades do Nordeste são evidenciadas por meio da música, arte e literatura de 1930. Nesse sentido, podemos perceber aspectos regionais e culturais que reinventam o Nordeste, o qual na história é apontado pelo declínio açucareiro, que foi um grande ponto da trajetória nordestina.

Albuquerque Júnior (2009) mostra a tentativa da reconstrução de um novo Nordeste, por meio da linguagem literária, desse espaço em declínio assinalado pela seca, e que aparece na literatura como fenômeno detonador de transformações radicais na vida das pessoas, desorganizando as famílias social e moralmente.

Assim, se olharmos para os romancistas de 1930, veremos como eles se preocuparam em exibir esse Nordeste para o restante do país por meio de traços regionais, da apresentação do cenário do sertão e de personagens. O regionalismo tradicional terá como um dos objetivos além de resgatar, estabelecer uma linguagem. Albuquerque Júnior (2009) argumenta que o falar nordestino já começava a ser lembrado nesses romances e tornar-se-á mais à frente, alvo de estudos não só de folcloristas, mas de linguistas também.

Desse modo, podemos ver em alguns autores, o regionalismo por meio da linguagem. Albuquerque Júnior (Op. Cit.) lembra que Graciliano Ramos, ressalta que o domínio da palavra pelo homem pobre representava um passo decisivo para a utopia. Na literatura da mencionada época, já se observava a preocupação com o domínio da língua na imagem de que o sertanejo não tinha tal domínio.

Contudo, na década de 1950, o Nordeste volta a ganhar importância no campo nacional. Sendo tema nas peças teatrais, como as peças de Ariano Suassuna, com uma das principais obras, *O Auto da Compadecida*, em que, Albuquerque Júnior (2009, p. 186) relata que o autor retrata os espaços do Nordeste trazendo uma linguagem própria.

Vale destacarmos que a linguagem é um instrumento de comunicação que, junto com o cenário, configura o espaço regional. Nesse sentido, a literatura de cordel também é um meio de expressão dos nordestinos que marca problemas do sertão, como o analfabetismo, e criando a sua própria linguagem eles conseguem se comunicar. Os folhetins traziam os versos de cordel, mas como a maioria da população era analfabeta, os narradores contavam as histórias.

Dessa forma, podemos perceber como por meio da arte literária as dificuldades do sertão são relatadas, e assim é como se criassem uma imagem estereotipada da região. Vale lembrar que a música também é outro meio utilizado para demonstrar o sofrimento e também a luta. Albuquerque Júnior (2009) comenta que na década de 40, surge Luiz Gonzaga neste cenário musical, colocando o baião como identidade cultural do migrante nordestino. A linguagem utilizada por Gonzaga é característica da região fugindo do padrão da língua portuguesa. Nos seus versos observa que o falar nordestino é preservado. A transcrição das palavras da mesma forma que é pronunciada. O cantor percebe a variação

linguística quando cria a música ABC do Nordeste, argumentando que a variação da pronúncia das palavras e a necessidade de aprender um novo ABC.

Contudo, compreendemos que ainda se faz preciso maior meios de valorização dos falares brasileiros, especialmente o nordestino. Uma vez que, ainda é um falar que convive com o estigma, rótulos e os preconceitos disseminados pela grande mídia, e assim pode-se dizer que nascem os estereótipos linguísticos, altamente utilizados pelas novelas e programas humorísticos da TV, nos quais o traço caricatural da fala regional, mais do que tolerado, é reforçado, tendo vista o efeito cômico que produz.

Tal situação revela o chamado português de arremedo, Silva (2019, p. 2) explica que “o termo é utilizado em referência à prática linguística na qual uma pessoa replica palavras e expressões de variedades não padrão, à margem do português padrão, com a intenção de fazer graça.” Em outras palavras, o autor argumenta que o indivíduo que produz o português de arremedo seria o indivíduo que arremeda o português dos falantes das variedades não padrão.

A chacota acontece então por meio da imitação das variedades marginalizadas, sotaque do falar nordestino brasileiro, o português de arremedo é baseado em noções de correção gramatical, imitação e tudo isso através de um tom humorístico, reforça-se a desigualdade linguística e reproduzem-se estereótipos linguísticos e sociais.

Outro exemplo que representa esse cenário é explicado por Cagliari (1989, p.85) ele diz que, aceitamos um novo conceito de fala de prestígio, a fala formal da televisão ou “padrão global” colocado em grande parte pela televisão aberta, e, assim, faz das outras variedades da língua motivo de riso e chacota. Nessa direção, Marcos Bagno é categórico ao revelar essa questão do preconceito em relação ao falar nordestino:

Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. (BAGNO, 2000, p. 43 e 44).

Nessa direção o autor argumenta também que a fala “cantada” dos atores interpretando personagens nordestinos em novelas faz conexão com estereótipos instaurados pelos meios midiáticos. Corroborando, Jesus (2006), explica que, em algumas novelas, consideram o Nordeste como um bloco linguístico único, deixando de lado o mosaico que forma essa região, assim como qualquer outra. Pelinson *et al* (2014)

realizaram um estudo sobre Usos dialetais, estereótipos e preconceito linguístico na telenovela “Flor do Caribe”, os autores revelam por meio da análise de um personagem chamado Candinho, a construção da imagem do nordestino, sendo como, bobo e de presença cômica:

No site da telenovela a descrição para Candinho aproxima-se muito da fala de Bagno quando da construção grotesca de personagens nordestinos: ele é “aluado” por ter sofrido um acidente quando pequeno, fala muito alto, tem a expressão muito histriônica, com a boca sempre entreaberta, olhos arregalados, cabelos desgrenhados, andar desajeitado e a presença constante de uma pitoresca cabra que o acompanha para todos os lados. Como coloca uma crítica de um jornalista potiguar: “Numa espécie de mistura de Tonho da Lua (Mulheres de Areia) e Chicó (Auto da Compadecida), o personagem de José Loreto reanima no imaginário social muitos dos estereótipos consagrados do ser nordestino” (FREIRE, 2013). Em vários momentos o personagem representa o nordestino com a ideia do arcaico, do animalesco e do não civilizado. (PELINSON; SILVA; RIBEIRO, 2014, p. 41).

Assim, ao analisar uma cena do personagem Candinho com o personagem principal Cassiano, as autoras percebem que na interação que as telenovelas repassam a vaga ideia de que no Nordeste o “não” vem sempre depois do verbo. O Candinho diz: “Se abeste não, Cassiano”. Expressões como essas geralmente transmitem a ideia de um falar “errado”, todavia os autores explicam que o que não se explica é que o advérbio “não” não se pospõe simplesmente ao verbo. O que acontece é a duplicação do “não”, comum em todas as regiões do país, por exemplo; “Não posso não”, seguido do apagamento do primeiro “não”.

Nesse sentido, Marcos Bagno, corrobora quando comprova que da mesma forma como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões:

No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão. (BAGNO, 2000, p. 43 e 44).

Assim, O falar nordestino é considerado grosseiro e errado, não respeitando a formação regional. Marcos Bagno (2000), explica que a fala nordestina passa a ser apontada como algo grotesco, atrasada, criado para criar risos. O choque cultural acaba causando o preconceito linguístico entre as duas culturas.

Contudo, não se pode dizer que a variação linguística do Nordeste sofre estigmas e preconceito, apenas por outras regiões como o Sudeste (para onde muitos nordestinos migraram), mas, também até mesmo entre os diferentes estados do Nordeste, o estudo feito por Lima e Lucena (2013), sobre a *Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /S/ em coda silábica por Paraibanos em Recife*, demonstra comportamentos linguísticos de paraibanos residindo em Recife, as autoras constaram posicionamentos particulares relativos à avaliação do novo dialeto e questões de atitude linguística em relação ao seu dialeto de origem contribuem para a preservação do falar. E que logo, a análise dessas atitudes possui um peso grande para a interpretação do comportamento linguístico do participante. Assim, a partir do questionamento a respeito de haver incômodo quando ouve o falar recifense, um informante foi taxativo:

Ah, me incomoda, porque fica feio. (...) A gente aprendeu, quando a gente estuda os fonemas, que o fonema não é o [s]? Não é o [ʃ] não. “E[s]cada”, num é “e[ʃ]cada”, não é? Então em português tá errado falar dessa forma. (...) Então assim, me incomoda porque está errado, e[ʃ]tá, tá vendo, oh? Por que e[s]tá errado. Aí, eu me pego falando. (LIMA e LUCENA, 2013, p. 173).

Isso revela, conforme as autoras, que a palatalização do /S/ em coda incomoda, pois julgam não ser a “forma correta”, revelando uma atitude negativa em relação ao novo dialeto, no caso o falar de Recife.

Desse modo, é importante compreender que o Nordeste é a região brasileira que possui a maior quantidade de estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. A cultura popular em cada região é rica e única, de modo que necessita ser vista e respeitada de acordo com suas particularidades. Pois, como sabemos, os diferentes modos de falar do brasileiro nas mais diversas localidades podem ser exemplificados, conforme salienta Sá (2011);

[...] na forma variável da palavra */bonito/* que, na fala dos pernambucanos, se realiza como [m(i)ninu], enquanto o baiano abre bem e diz [m(E)ninu], opostamente aos falantes sulistas, que pronunciam essa palavra com a vogal *e* fechada tal como [m(e)ninu]. (SÁ, 2011, p. 7).

Assim, podemos observar que apesar da riqueza cultural já estabilizada nas pesquisas linguísticas, há pouco documentado em relação à fala nordestina. O trabalho de Marroquim (1996) intitulado *A Língua do Nordeste* foi um dos primeiros a serem publicados sobre a região, ainda que o destaque tenha sido dado a Pernambuco e a Alagoas.

A seguir abordaremos como o humor é visto na linguística. Percebemos que quase toda a região nordestina, na *internet*, vem atrelada ao humorístico. Os perfis de dicionários nordestinos aqui analisados também marcam essas características.

2.9 O humor do ponto de vista linguístico

Quando falamos de riso, veremos que as mais diversas áreas do conhecimento, já abordaram sobre o assunto, desde a psicanálise à antropologia, são inúmeras as publicações que abordam sobre riso e é justamente esta diversidade de estudos que torna a tarefa de discutir este tema ainda mais difícil. Isso por que, ao mesmo tempo não queremos desprezar a amplitude do assunto e muito menos parar na generalização. Assim, desde Freud (1902) e todos os outros pesquisadores que se dedicaram a compreender o riso e o humor, todos os estudos são de grande valia para entender quer seja de que forma, quer seja o porquê desse fenômeno.

Dessa maneira, a discussão do humor neste estudo baseia-se especialmente nos estudos de Sírio Possenti, sobre o humor a partir da óptica da Linguística. Em sua obra *Os humores da língua* (1998), que é constituída por um conjunto de ensaios escritos entre os anos de 1988 e 1996, o autor observou de modo prático, utilizando um *corpus* de piadas, o humor a partir do ponto de vista linguístico. E nesse sentido, Possenti é enfático ao dizer que não existe uma linguística do humor, assim como não tem uma linguística da literatura ou uma linguística da escrita, autor argumenta ainda que “Na verdade, não faria sentido propor uma linguística do humor. Se a linguística, ou alguma linguística, for razoavelmente boa, deve servir para a análise de diversos tipos de manifestações da linguagem.” (POSSENTI, 1998, p.21).

Assim, buscamos por meio dos estudos de Possenti (1998); Bergson (2004) e outros, compreender a possível relação da variação lexical nordestina com o humor. Uma vez que, ao observamos os perfis dos dicionários Alagoanês, Baiano, Sergipanês e Paraibano, a interação com as publicações quase sempre está atrelada ao humor.

Dessa forma, a partir de Possenti (1998) em seu estudo sobre as piadas, ele argumenta que são histórias geralmente pequenas contadas com intuito de causar o riso, e que são objetos de estudo muito interessantes para os pesquisadores por três motivos principais, primeiro por que:

“[...] praticamente só há piadas sobre temas que são socialmente controversos [...]. Em segundo lugar, porque piadas operam fortemente com estereótipos [...]. Em terceiro lugar, as piadas são interessantes

porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não se manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados, como entrevistas.” (POSSENTI, 1998, p.16, 25 e 26).

Assim, ainda que as piadas não sejam o *corpus* de análise desse estudo, pois, o humor dos dicionários do *Instagram* não se dá por piadas. Contudo, nos interessa a percepção de Possenti (1998) de como o riso e o humor é construído. Desse modo, o autor explica que, dentre os mecanismos linguísticos que envolve a piada e causa o humor, ele cita o léxico e a variação linguística.

O léxico seria causador do riso, pois de acordo Possenti (*op. Cit*) as piadas lexicais podem funcionar com base no duplo sentido. O autor diz ainda que a outra principal base das piadas lexicais são as que se formatam como “pegadinhas” baseadas em uma forma especial de considerar as palavras: o fato de que é possível falar das próprias palavras. Por exemplo, em: “Como se escrevia farmácia antigamente”? Com ph. E hoje? Com f. Não, hoje se escreve com h’. (POSSENTI, 1998, p.31).

Contudo, outros elementos linguísticos são apontados pelo autor e se fazem relevantes no contexto deste estudo como, por exemplo, os recursos utilizados para provocar o humor e o riso que já não são próprios da estrutura da língua, mas seguem fazendo parte dela e de seu uso, Sirio (1998) cita: **Pressuposição:** O autor diz que, a partir deste elemento é possível criar resultados inusitados devido ao que se pressupõe de uma determinada situação e, conseqüentemente, levar ao riso; **A Inferência:** Possenti explica que nas piadas deste tipo, é necessário concluir algo que não está explicitado, tal feito pode parecer fácil e, na maior parte dos casos é, mas é preciso reconhecer que isso não é óbvio porque as informações não estão ditas; **O conhecimento prévio:** geralmente para compreender este tipo de piada o ouvinte precisa fazer uma análise lexical das palavras envolvidas; E a **variação lexical**, a qual nos interessa.

O autor explica que neste tipo de piadas toda uma gama de elementos precisa ser de conhecimento do ouvinte para que ele compreenda realmente o que se diz e chegue ao humor do que se conta. É preciso primeiramente saber que a língua varia de acordo com a região, com a faixa etária e outros fatores; e isso se aplica ao próprio falante de tal variedade, pois ele só compreenderá o humor nesta categoria se conhecer os mecanismos e funcionamentos de sua língua. Por exemplo: “Domingo à tarde, o político vê um programa de televisão. Um assessor passa por ele e pergunta: - Firme: O político responde: - Não. Sírvio Santos.” (POSSENTI, 1998, p.34).

Assim, de acordo com Sírío, é preciso que se compreenda o duplo sentido da palavra “firme”: funciona como cumprimento informal e como variante popular de “filme”. E neste último caso a pergunta significa: “o que o senhor está vendo é um filme?”. O autor finaliza explicando que, geralmente nestas piadas, o efeito é promover a caracterização dos sujeitos que falam tal variedade, e no exemplo dado o que se consegue é caracterizar o político como ignorante, caipira. Contudo, nem sempre o efeito seria negativo e prejudicial. Entretanto, Bergson (2004) explica o caráter depreciativo e segregatório implícito nas manifestações de riso em muitas construções de humor, o autor argumenta que apesar de ser um processo acidental, o riso é por vezes interpretado como uma intenção não declarada de humilhação e correção social.

Nesse sentido, podemos relembrar o Bode Gaiato, nome dado a uma página da rede social digital *Facebook*. Sucesso nas redes sociais, a página possui um número expressivo de seguidores das mais variadas classes sociais com mais de quatro milhões curtidas. As interações ocorrem a partir de uma montagem simples e expressões regionais que buscam retratar o universo do nordestino. Os memes do “Bode Gaiato” podem ser definidas como um gênero humorístico porque buscam uma forma de representação diferenciada de personagens e diálogos da cultura nordestina.

Desse modo, são criados diálogos para propiciar o riso, por meio de traços do falar nordestino. Por exemplo; “pra onde tu pensa que vai Junio? – oxe, pra cantu nenhum. – e porque tumasse banho? – armaria, pode nem tumar banho mai”⁴. No diálogo citado, percebe-se a intenção clara do autor em demonstrar as variantes regionais como forma de retratar situações comuns com o tom de humor, são usadas várias expressões como: **Tu** (O pronome “tu” é utilizado no nordeste em contextos informais com o verbo na 3ª pessoa do singular, **oxe** (expressão de estranheza – contração do oxente (ô gente), armaria (Ave Maria) forma de interjeição serve para aspectos positivos e/ou negativos no processo de interlocução, **mai** (mais) neste caso serve de intensificador de negação juntamente com a palavra “não”. São expressões que caracterizam o falar nordestinos ao expressarem situações do dia a dia.

Assim, compreendemos que o riso é algo complexo e envolve muitas questões, seja de ordem cultural, identitária, lexical, linguística. Mas que na maioria das situações em que a variação funciona como mecanismo para causar o riso, revela que muitas variantes ainda

⁴ O meme transcrito pode ser encontrado em: <https://facebook.com/ObodeGaiato>

são vistas como inferiores e atreladas ao erro, mesmo que isso ocorra de forma despretensiosa.

2.10 Traços do léxico Nordeste: A partir de estudos dialetais e vocabulares regionais

Ao selecionarmos quatro regiões do Nordeste: Alagoas, Bahia, Paraíba e Sergipe, podem surgir questionamentos, por que essas quatro regiões? A princípio, já conhecíamos o perfil dicionário Alagoano, é um dos mais famosos nesse seguimento na rede social *Instagram*, e assim a primeira ideia era realizar um estudo somente com a região alagoana.

Contudo, ao conhecer o estudo feito por Aragão (2000) sobre a onda de dicionários nordestinos, intitulado *Do Baianês ao Piauiês: A onda de dicionários regionais nordestinos*. A partir desse estudo, começamos a questionar será que essa realidade da criação informal de dicionários nordestinos também era uma realidade para outras regiões do Nordeste, dentro desse ambiente digital? Assim, começamos a buscar por outros perfis como o do dicionário Alagoanês, e nessa busca encontramos os perfis do dicionário Baiano, Paraibano e Sergipanês, que nos pareceu serem mais interativos no que diz respeito à variação lexical.

Assim, para compreendermos a realidade linguística dessas regiões, precisamos voltar em Amaral (1981, p. 44 [1920]) quando o autor apontou a necessidade de trabalhos empíricos com a finalidade de retratar “com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros”, as tentativas de divisão e sistematização de tais ‘dialeto’ veio a se consolidar na obra *O linguajar carioca em 1922/1923*, de Antenor Nascentes. Nessa obra, são apresentadas as primeiras propostas de divisão dialetal do falar brasileiro.

Na segunda edição de *O linguajar carioca* (1953), Nascentes apresenta um novo mapa dialetológico do Brasil. A partir de critérios prosódicos e fonéticos, a cadência e a abertura das vogais médias ([e] / [o]) em posição pretônica, o dialetólogo divide o Português brasileiro em seis subfalares; Amazônico e Nordeste, compondo o do Norte; Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista, que pertencem aos do Sul. Assim, compreendidos em dois grandes grupos, os falares do Norte e os falares do Sul.

Essa divisão de Nascentes (1953) é muito referenciada e tem servido de base para muitos estudos linguísticos. Quando o autor separa o falar baiano do nordeste demonstra a diversidade linguística desta região, e evidencia que o Nordeste não é um bloco homogêneo como muitos pensam.

Romano e Santos (2020) argumentam que apesar da imprecisão dos limites, pela carência de elementos de localização geográfica ou mesmo uma escala que permitisse afirmar com mais precisão os limites de cada falar e subfalar, a divisão de Nascentes tem sido de perto acompanhada pelos pesquisadores do Projeto ALiB.

Nesse sentido, Cardoso (2016) nos esclarece que a língua define o seu espaço por meio dos traços que nos revelam diferentes níveis de abordagem, a autora argumenta que o sentimento de “individualidade” é notado mesmo por aqueles que não são especialistas nos estudos linguísticos. Atualmente passamos a perceber mais fortemente, os indivíduos notarem suas individualidades linguísticas:

Eis por que se ouvem, com frequência, frases como “Fulano fala diferente de nós”, “Ele chia quando fala, nós não”, “O R deles é bem diferente do de cá”, “Aqui se chama por outro nome”, e por aí vão os exemplos de manifestação do falante não especialista nos estudos da linguagem. (CARDOSO, 2016, p. 13).

A autora, explica que isso acontece, por três motivos:

(i) o aspecto fônico, a maneira como se realizam os fonemas, atinge o ouvido do falante e o faz perceber o que distingue as elocuições em um grupo de pessoas — os que têm um R retroflexo e outros que não o têm, por exemplo; (ii) o léxico mostra de forma mais concreta as diferenças de uso que, muitas vezes, interferem na comunicação — querer comprar inhame e não o encontrar porque as placas só indicam a venda de cará, denominação vigente para a raiz, em São Paulo, em contraposição à maneira de identificá-la entre nós; (iii) a sintaxe, ao mostrar as diferenças, em certos casos, estratifica, qualificando os falantes em mais próximos ou mais afastados da norma linguística — a gente fomos ao lado de a gente foi. (CARDOSO, 2016, p 13).

Assim, podemos compreender que é possível falar de uma língua vinculada a uma região geográfica, por exemplo, o falar gaúcho, a língua amazônica, a língua do Nordeste, isso porque a diversidade de usos que se registra, em cada canto, mostra os traços fonéticos da área, as preferências lexicais e os modos de construção da informação nas suas variadas maneiras de organização sintática, garantindo-lhe o caráter regional no uso da língua e a sua individualidade.

Vale ressaltar que, primeiro a língua funciona como um conector entre o mundo e a sociedade, de modo que reflete toda transformação que uma comunidade pode sofrer. Nesse sentido, as palavras possuem a função central ao expressar toda essa mudança caracterizada pelo aspecto social, cultural e histórico.

Nesse sentido, Romero (2017) nos esclarece que o léxico não é somente um nível linguístico para nomear e classificar, mas também para expressar e conhecer uma realidade. Se retrocedermos no tempo, veremos que uma das primeiras análises sobre o estudo do léxico é encontrada nos estudos de Panini, aproximadamente acerca do século IV A.C., ao determinar que a língua sânscrita era formada de dois elementos significativos como palavras reais: as *lexias* e palavras fictícias que seriam os morfemas.

Desse modo, temos observado como a ciência da linguagem, no que diz respeito ao léxico, vem expandindo-se, de forma a ampliar ou particularizar a análise lexical, buscando integrar a diacronia e a sincronia para explicitar a evolução e a dinamicidade da língua. Um exemplo disso são os Atlas linguísticos.

Conforme explica Cardoso (2016), uma das autoras do Atlas linguístico do Brasil:

O Atlas linguístico do Brasil se fundamenta em um corpus constituído a partir de dados coletados, *in loco*, a 1.100 informantes, distribuídos por 250 localidades que recobrem as diferentes regiões geográficas do país, como se tem proclamado, “do Oiapoque (ponto 1 da rede) ao Chuí (ponto 250)”. Essa caminhada compreende uma recolha iniciada em 2001 e concluída em 2013, depois de serem percorridos 257.851 km, pelas terras, pelas águas e pelos céus brasileiros, num trabalho conjunto empreendido pelas equipes regionais do ALiB, que constituem o que já tem um nome de batismo consagrado: Família ALiB. Desse conjunto de informantes, 200 se situam nas capitais de Estado e se estratificam em duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, em dois sexos e por dois níveis de escolaridade — informantes com nível de escolaridade fundamental e universitário. (CARDOSO, 2016, p. 14).

Assim, o Atlas linguístico do Brasil, é feito pelo volume um e dois, o primeiro traz um conjunto de informações em relação ao histórico e a metodologia do Projeto. E o volume dois, oferece informações específicas sobre as capitais, cujos dados são objeto da cartografia nesse volume. Nesse sentido, Souza (2017) argumenta que os falares regionais, sejam os da zona rural, sejam os da zona urbana, são objeto de estudo da Dialetologia, que tem contribuído para os estudos do léxico nacional por meio dos Atlas Linguísticos já elaborados ou daqueles que estão ainda em desenvolvimento em um projeto maior para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), resultado de trabalho efetivo de grupos da área de investigação sobre os falares brasileiros. O atlas linguístico do Brasil deu suporte e pretensão para os estudos relacionados ao léxico regional, tais como:

A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Linguístico do estado de Alagoas (ALEAL) vol. I e II (2017), proposto por Maranúbia Pereira

Barbosa Doiron. A autora explica que a tese incumbiu-se, por meio de um atlas linguístico, de atestar se o Estado de Alagoas encontra-se dentro do subfalar nordestino.

O ALEAL, produto da pesquisa, documenta e descreve a realidade linguística de falantes da zona urbana do referido Estado, em seu espaço areal, considerando, prioritariamente, as diferenças diatópicas em seus aspectos fônicos, léxico-semânticos e morfossintáticos. A rede de pontos segue as orientações de Nascentes (1958), com 21 localidades visitadas. Os informantes são em número de dois por localidade, um homem e uma mulher, na faixa dos 30 a 50 anos, com nível de escolaridade fundamental, completa ou incompleta. Com intuito de verificar a influência da variável faixa etária, dimensão diageracional, em sete cidades dentre as mais antigas do Estado foram entrevistados quatro informantes distribuídos entre 55 a 75 anos, também com o mesmo nível de instrução.

Doiron argumenta ainda que os questionários aplicados são os mesmos do Atlas Linguístico do Brasil. O ALEAL é composto de dois volumes, no primeiro a autora buscou abordar a introdução, hipóteses, objetivos, metodologia e fundamentos teóricos da Geolinguística e Dialectologia. E o segundo, compõe 88 cartas linguísticas distribuídas entre fonéticas, lexicais e morfossintáticas.

O vocabulário dialetal Baiano Vol. I e II, de Ismar Santana Neiva de Santana, também é um estudo importante para atestarmos algumas das variedades lexicais encontradas nos perfis de dicionários nordestinos. A autora, nestes trabalhos, explica que a evidência do fato de que, mesmo com os avanços nos estudos lexicais, os trabalhos de pesquisa de cunho lexicográfico, em especial no Brasil, ainda não privilegiam satisfatoriamente a variação, configurou-se um ponto fundamental para a construção desta tese. O *Vocabulário Dialectal Baiano*, primeiro produto do *Projeto Dicionário Dialectal Brasileiro* (DDB), o qual se desenvolve no campo do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB).

Santana (2017) argumenta que sua tese registra, lexicograficamente, itens lexicais em variação, presentes no *corpus* constituído de 92 inquéritos realizados em 22 localidades do estado da Bahia e obtidos como respostas a 202 questões concernentes a 14 áreas conceituais, sendo; *Acidentes geográficos; Fenômenos atmosféricos; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Fauna; Corpo humano; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Religião e crenças; Jogos e diversões infantis; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário e acessórios e Vida urbana*. A tese é apresentada em três volumes.

O Volume I, além de considerações preliminares e finais, consta de capítulos que abordam sobre os pressupostos teórico-metodológicos adotados, evidenciam os procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa. No Volume II, versão fascicular, a autora apresenta os fascículos temáticos concernentes às 14 áreas do QSL ALiB e relações possíveis. E o volume III é a versão geral do *Vocabulário Dialectal Baiano*. Santana (2017) ressalta a relevância desses estudos para o conhecimento da realidade plurilinguística brasileira no que diz respeito ao léxico em uso na fala do português brasileiro contemporâneo.

O Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano (2007) de Vivian Regina Orsi Galdino De Souza, também é um estudo que revela a diversidade lexical, que talvez ainda não foi explorada pelos estudos dialetais.

A autora explica que a pesquisa foi dedicada ao estudo de um dos campos lexicais ditos especiais: o das zonas erógenas das línguas italiana e portuguesa, especificamente dos órgãos sexuais masculinos e femininos, para o qual elaborou e apresentou a proposta de um vocabulário erótico obsceno em português-italiano e italiano-português. E que para concretizá-lo, foi realizado um levantamento desses itens lexicais, fornecendo as variações, além de sua respectiva tradução, coletadas de diversos dicionários especializados e *Internet*. Tendo como base a Lexicologia e a Lexicografia, a autora optou por construir um vocabulário, organizado por conceitos que abrangem um mesmo campo semântico.

Souza (2007), ainda esclarece que um dos motivos que a levou a estudar esse léxico foi, além da intensidade de uso na sociedade atual, a grande quantidade de unidades lexicais existentes referentes a ele. Assim, procurou desvendar e organizar a linguagem erótico-obscena, investigando as bases de sua formação, as metáforas, motivo pelo qual explica a autora, que há necessidade de se partir sempre de uma pressuposição erótica, e as limitações morais de seu emprego, os *tabus*.

Desse modo, este estudo feito por Souza (2007) é relevante para área da variedade lexical nordestina, uma vez que não encontramos nos estudos dialetais tradicionais, denominações diferentes para as partes erógenas do corpo humano. Nesse sentido, a autora argumenta que, uma das razões de essa linguagem ainda ser relegada a um estudo secundário e prescindível se deve ao fato mencionado de ser concebida como tabu linguístico, ou seja, é proibida de ser dita na maior parte dos contextos sociais. Ao contrário do que se pensa essa mentalidade tabuística não se restringe a comunidades consideradas

primitivas ou ignaras. Em nossa própria sociedade ocidental percebe-se claramente a repulsa por pronunciar determinada unidade lexical.

Assim, para este estudo as pesquisas dialetais regionais são importantes por que compreendemos sua relevância para sociedade. Compreendemos que o papel social das pesquisas relacionadas à variedade do léxico, está ligado ao fato de ser um retrato de uma língua ou de várias línguas, em um dado momento e em uma área geográfica específica.

Por isso, acreditamos que estudos como os mencionados, nos ajudarão a demonstrar a legitimidade, alcance, expansão dessas variedades lexicais, bem como dar visibilidade aos traços do falar nordestino, publicados na rede social digital e, que têm relevância para manutenção desse falar. Ainda que a interação nas comunidades de prática virtual sejam reflexos da vida *offline*, elas acontecem de modos diferentes, que exigem abordagens, estudos diversos para demonstrar essas ações.

Na próxima seção, abordaremos sobre a caracterização do espaço digital.

SEÇÃO III

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL E TECNOLÓGICO

A história da humanidade é marcada por evoluções, e nesse sentido já demonstrou que a sociedade muda quando novas invenções são colocadas no nosso dia a dia. Por exemplo, tecnologias como, o computador e o celular, quando passaram a integrar nossas vidas, de forma sutil, causaram grande impacto. Pois, atualmente quando olhamos para essas tecnologias, raramente nos perguntamos qual a sua contribuição. Todavia, não conseguimos viver sem elas.

E dessa forma, a última fronteira em que o tecnológico vem impactando a sociedade é a internet, expoente máximo da globalização, que vem trazer novos gestos, olhares e condutas para o universo comunicacional e interacional do nosso tempo. Retirada do campo científico e militar, propósitos para os quais é desenvolvida há mais de três décadas, torna-se rapidamente no veículo de informação e comunicação intercultural privilegiado, constituindo a base estrutural e organizacional da sociedade contemporânea, em Rede (Castells, 2005).

Assim, com a Internet, nasce “o primeiro meio que é simultaneamente oral e escrito, privado e público, individual e coletivo” (Kerckhove, 1997:249 *apud* Silva, 2002, p. 20). Neste sentido, enquanto meio de linguagem, a Internet é “híbrida dado que acolhe em simultâneo vários suportes, como a escrita, a imagem, o som e o vídeo” (Silva, 2002, p. 21). Todavia, para além da sua característica informativa e comunicacional ela concebe um novo espaço, o ciberespaço, o qual não é físico, mas sem fronteiras, ligado à rede.

Neste espaço, o tempo está intrinsecamente ligado à sincronização em tempo real (Lévy, 1996). Para Pierre Lévy, o ciberespaço é um objeto comum, dinâmico, construído por todos aqueles que o usam, representando o quarto espaço antropológico. Também a noção de espaço geográfico sofre uma mudança. Assim, Silva (2002) argumenta que o indivíduo pode estar simultaneamente enraizado num lugar físico, mas suspenso numa pluralidade de lugares na rede.

Desse modo, a Internet pode ser compreendida como um espaço de fluxos (Castells, 2005) na qual o público e o privado, o local e o global, o imaterial e o virtual coabitam. E nela, está uma crescente expansão de plataformas de interação de toda natureza: as mais dedicadas ao compartilhamento, como o *YouTube*, e as mais interacionais, como o *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*. À medida que a internet expande essa infraestrutura, atende

às necessidades de comunicação, criando novas formas de colaboração, compartilhamento e interação.

3.1 Redes sociais digitais

A expressão rede social refere-se a um grupo de pessoas ligadas socialmente por meio de uma rede metafórica. No caso das redes de relacionamento virtual, os indivíduos estão unidos de forma *online*. Se formos parar para analisar as redes sociais sempre existiram, contudo, atualmente, com o avanço das tecnologias virtuais, foi possível ampliar a comunicação através da *internet*, permitindo, desse modo, a popularização das diversas redes sociais em circulação.

As redes sociais, na evolução da comunicação virtual, popularizaram-se de forma massiva e rápida. A base das redes sociais são as trocas de informações e interações entre os usuários. Nos *sites* de relacionamento, os usuários podem criar perfis de si mesmos, divulgando informações pessoais e profissionais, além de compartilhar fotos, vídeos, mensagens de textos e textos de diversas naturezas. Shepherd e Saliés (2013) argumentam ainda que é uma tendência o agrupamento de usuários de acordo com os interesses em comum. Assim,

Esse tipo de *site* atua como representação virtual dos relacionamentos entre os seres humanos em seu mundo real. E em sua condição de representação, as redes sociais encerram várias diferenças no que diz respeito ao universo das relações não virtuais humanas, gerando mudanças nos modos de interação através dos textos e dos discursos (SHEPHERD e SALIÉS, 2013, P. 80).

Nesse sentido, as redes sociais possibilitam ao usuário a manifestação de textos e hipertextos de forma a promover a interação entre as pessoas de suas relações virtuais. Além de ser também uma ferramenta de organização do pensamento de quem expõe suas práticas sociais, seja opinião, foto, texto ou vídeo. Pois, ao publicar as diversas ações sociais, o usuário das redes sociais busca a interação com seus pares, para reafirmação ou troca de opiniões e comentários sobre tudo o que é compartilhado.

Contudo, quando falamos em redes sociais, especialmente no campo da linguagem, pode haver diferentes sentidos. Assim, devemos esclarecer que, compreendemos as redes sociais como sistemas vivos e dinâmicos, e que constituem uma prática humana muito antiga. Contudo, com o advento da internet e as Tecnologias de Informação e Comunicação digitais, o conceito de Rede social ganha outros conceitos e outras dinâmicas. Pois, este conceito vem sendo teorizado por diferentes autores, como explica Fialho (2014):

[...]tem sido utilizado de diferentes modos e sentidos, referindo-se metaforicamente a uma concepção de sociedade construída e alicerçada por redes de relações quer interpessoais quer intergrupais” (Fialho, 2014, p.11).

Todavia, para este estudo, o termo rede social adquire o mesmo sentido e conceito que explicamos em outro estudo, sobre a Variação Linguística e Identidade nas redes sociais: O falar cuiabano do Xômano que mora logo ali (2018). Nesse sentido, quando o campo de estudo é o espaço digital, mas especificamente as redes sociais de interação, como o *Instagram*, *Facebook* e *Twitter*, adotamos o termo de rede social digital, primeiro, para afastar possíveis equívocos em relação à rede social ligada ao que Lesley Milroy⁵ trata, e assim deixar claro que estamos falando de um site que comporta um aplicativo de interação na *internet*.

Essas redes, às quais Recuero (2009) se refere como “redes sociais na Internet”, nós optamos por denominá-las como “redes sociais digitais”, compreendendo-as como redes de pessoas que se formam mediante a instrumentalidade de artefatos tecnológicos como os computadores, os dispositivos móveis de comunicação (*smartphones*, *tablets*). Tais redes, atualmente, existem em quantidade imensurável e cada indivíduo participa ao mesmo tempo de várias delas, inclusive através de um mesmo *site* ou aplicativo. (OLIVEIRA, 2018, p. 24).

Desse modo, devemos argumentar que, não consideramos o *Instagram* como uma rede social, mas sim, conforme Recuero (2009), como um “*site* de redes sociais”, isso por dois motivos: primeiro, uma rede é formada por pessoas e não por um artefato tecnológico; e segundo, as redes ligadas a *sites* como o *Instagram* são plurais, e não únicas.

Isso significa que, o *Instagram* é um *site* em que múltiplas redes sociais se formam e se desenvolvem. Cada usuário/seguidor, ao longo de sua atividade nesse aplicativo, acaba participando de diversas redes sociais, cada uma delas podendo definir focos específicos como, relacionamentos pessoais, discussões políticas, comunidade de afirmação linguística e cultural, dicionários regionais, que é o caso dos quatro perfis (os quais tratamos como páginas ou dicionários) analisados por este estudo.

Nessa direção, faz-se necessário entendermos que as redes sociais digitais são compostas por pessoas que possuem alguma ligação entre si, seja vontade de integrar um mesmo grupo, consumir um mesmo conteúdo ou bem material/simbólico, vivenciar

⁵ Conforme Milroy (2002), rede social corresponde aos relacionamentos criados pelos indivíduos, para suprir as dificuldades da vida cotidiana. Tais redes podem variar de um indivíduo para outro e ser constituídas por ligações de diferentes tipos e intensidades.

determinada experiência. São pontos de ligação invisíveis que integram as pessoas por alguma razão.

Assim, no próximo tópico iremos abordar sobre as características do nosso campo de estudo, a rede social digital *Instagram*.

3.2 Características da rede social digital *Instagram*

O aplicativo *Instagram* pode ser classificado como uma plataforma que opera como uma rede social *online* e foi lançado em 2010 pelos engenheiros de software, Kevin Systrom, norte-americano e Mike Krieger, brasileiro. A história de sucesso do *Instagram* marca que no mesmo dia do lançamento, o aplicativo tornou-se o mais baixado e, já em dezembro do mesmo ano, contava com a surpreendente marca de um milhão de usuários. No ano seguinte, 2011, a empresa, que tinha somente seis (6) funcionários já possuía 10 milhões de usuários na rede.

Gregolin (2012) explica que o nome *Instagram* carrega o sentido das palavras “instant” e “telegram”, fazendo referência à instantaneidade com que as fotos são tiradas e compartilhadas e, adicionalmente, faz um tributo ao telegrama, todas as tecnologias de comunicação, desde o telegrama, estiveram voltadas no princípio da conectividade pelo mundo.

De acordo com o Jornalista Pedro D'Angelo, uma das últimas estatísticas publicadas sobre o número de usuário do *Instagram*, está no site opina Box (2022), e marca que atualmente, a rede social conta com mais de um bilhão de usuários ativos e que segue em expansão. Com um crescimento contínuo em novos recursos e tanto investimento no *Instagram*, a rede já é uma das mais populares em números de usuários no mundo. O Brasil é o segundo país em número de usuários de *Instagram*, atrás só dos Estados Unidos.

Desse modo, para fazer parte dessa rede social de grande sucesso, é necessário primeiro baixar o aplicativo do *Instagram*, depois será necessário incluir os dados cadastrais na página inicial. Após o cadastro, o usuário poderá escolher um nome para sua página e uma foto para o perfil.

Assim, após essa parte inicial os usuários já podem usufruir das possibilidades de interação que a rede social possibilita. Tais como o compartilhamento de fotos e vídeos com outros usuários com interesses em comuns ou não. Essa rede social oferece diversos meios de compartilhamentos entre outras redes sociais, além de diferentes funções de interação, tais como:



[...] a utilização de filtros digitais, que trocam a cor, brilho, intensidade, velocidade e modo de transmissão das imagens, e o compartilhamento em uma variedade de serviços de outras redes sociais como Facebook, Twitter etc. O recurso Stories do *Instagram* pode exibir fotos ou vídeos, de até 15 segundos, em tempo real ou não. (APROBATO, 2018, p. 158).



Esses *Stories* na tradução literal significam “histórias”, ficam disponíveis por 24 horas e depois são apagadas automaticamente. O que é diferente dos materiais postados no perfil ou também chamado de *feed*, que permanecem disponíveis indefinidamente. Os vídeos de perfil podem durar até 1 minuto. Segundo os criadores da rede social, o *Instagram* oferece aos usuários uma forma instantânea de capturar e compartilhar seus momentos de vida com os amigos, familiares, ou quem quer que tenha interesses incomuns, por meio de uma sequência de imagens e vídeos.

Entre as possibilidades de interação, além de postar fotos e vídeos, tanto no perfil quando nos *stories*, o *Instagram* permite aos usuários: **curtir**, as famosas curtidas, que possuem como um símbolo um coração que fica vermelho; **comentar**: é outra opção de interação entre os usuários que podem ser feitos nas publicações.

Além de comentar sobre a foto ou vídeo em questão, é possível marcar amigos nestes comentários para que eles também vejam o conteúdo rapidamente; compartilhar: O *Instagram* permite aos usuários **compartilhar** a publicação que gostarem com outros seguidores, para isso existe o botão em formato de avião de papel, no qual o usuário pode escolher para quais amigos quer enviar. Ou ainda compartilhar postar seus *stories*; e por último tem a possibilidade do usuário **salvar** alguma publicação que ele tenha gostado, fica salvo em uma aba do perfil do próprio usuário, que ele pode salvar em diferentes pastas e ver enquanto o dono decidir manter a postagem ativa. A seguir quadro com os botões de interação:

Quadro 1 - Botões de interação do *Instagram*

Botão	Ação
	Curtir
	Comentar

	Compartilhar
	Salvar

Fonte: quadro elaborado a partir do aplicativo *Instagram*.

Piza (2012) explica que a base de relacionamentos do *Instagram*, essencialmente se mantém em torno de ter amigos/seguidores, ou seja, indivíduos que estão vinculados à conta de usuários, com o intuito de acompanhar continuamente as atualizações do outro na rede, dessa forma, o usuário pode seguir diferentes perfis. Essa opção encontra-se no topo da página de cada perfil. E, também podem ser encontradas informações tais como nome do perfil, do usuário, a foto que ilustra e o identifica, quantas fotos foram publicadas por ele, quantos seguidores a conta possui, e quantos a conta está seguindo. Quando o usuário opta por seguir alguém, as fotos aparecem imediatamente no *feed*, permitindo “curtir” fotos, comentá-las, salvar e compartilhar.

Um ponto importante sobre a regulamentação dessa rede social são as diretrizes. Em linhas gerais o *Instagram* estabelece que deseja que o aplicativo seja um lugar autêntico e seguro para inspiração e expressão. De modo geral estabelece que todos os usuários do aplicativo respeitem uns aos outros, não enviem spam e nem publiquem nudez.

O *Instagram* é um reflexo da nossa comunidade de culturas, idades e crenças diversificadas. Passamos muito tempo pensando sobre os diferentes pontos de vista para criar um ambiente aberto e seguro para todos. Criamos as Diretrizes da Comunidade para que você nos ajude a promover e a proteger essa comunidade maravilhosa. (META, 2023).

Assim, a pessoa ao criar sua conta na rede social *Instagram*, concorda com essas diretrizes e com os termos de uso. E caso ultrapassar os limites estabelecidos pelo aplicativo pode resultar em exclusão de conteúdo, contas desativadas ou outras restrições.

Em linhas gerais podemos dizer que o *Instagram* é uma rede social especialmente visual, na qual o usuário pode postar fotos e vídeos de curta duração, aplicar efeitos a eles e também interagir com publicações de outras pessoas, através de comentários e curtidas. Além disso, um usuário pode seguir o outro para poder acompanhar suas postagens e suas atividades dentro da rede. O número de seguidores contribui para a visibilidade do perfil.

3.3 Os dicionários nordestinos no *Instagram*:

Como explicamos no tópico anterior, sobre as características do *Instagram*, o usuário pode criar um perfil na rede social e fomentá-lo com fotos e vídeos de momentos importantes e até mesmo do seu dia a dia. Contudo, passamos a observar atualmente, a criação de perfis para publicar palavras específicas de uma região, no caso notamos um maior número de páginas denominadas de dicionários, para publicarem sobre o léxico nordestino.

Nesse sentido, de acordo com Aragão (2004) os estudos linguísticos no Nordeste têm se destacado em determinadas áreas, em momentos diferentes. Primeiro, uma fase da Dialectologia e Geografia Linguística e a fase atual da Sociolinguística. Cada uma dessas fases aborda aspectos específicos da análise linguística da Língua Portuguesa, desde o fonético-fonológico, o léxico e ao morfossintático.

A autora ainda argumenta que, atualmente, tem surgido uma nova onda de estudos dialetais e sociolinguísticos com olhar para o aspecto do léxico, mais precisamente na publicação de dicionários, vocabulários e glossários de falares regionais nordestinos.

Desse modo, na mesma direção das observações de Aragão (2004) notamos que os dicionários sobre o léxico nordestino, produzidos no *Instagram* seguem a tendência que a autora já abordou em seus estudos sobre dicionários, glossários e vocabulários nordestinos, pois seus autores não são lexicógrafos ou linguistas. São indivíduos com outras formações profissionais, pessoas que resolveram listar e publicar, com nome de dicionário, palavras e expressões populares que, eles acreditam ser típicas daquele estado específico. Neste trabalho, selecionamos o perfil do dicionário Alagoano; dicionário Baiano; dicionário Sergipanês e dicionário Paraibano.

A seguir, apresentamos um pouco sobre cada dicionário analisado.

3.3.1 Dicionário Alagoano

O perfil do dicionário Alagoano é uma das páginas sobre o léxico nordestino que mais possui seguidores. Atualmente, ela conta com cento e doze mil (112) seguidores e oitocentos e trinta e sete (837) publicações. A foto de identificação do perfil é um livro com chapéu de Lampião, seguido do nome “Dicionário Alagoano”. E, sua biografia, isto é sua descrição, representa o Alagoanês oficial, mas especificamente Maceió – AL. Além de solicitar sugestões dos seguidores via *direct* (local onde os seguidores podem enviar mensagens privadas).

A página dicionário Alagoano, de modo geral, faz publicações não apenas sobre o léxico Alagoano, mas também em relação aos pontos turísticos e cultura do estado. Com intuito de que os seguidores do perfil interajam com todos os tipos de publicações da página.

Figura 1 - Perfil dicionário Alagoano



Fonte: Imagem retirada do *Instagram* @dicionarioalagoano

3.3.2 Dicionário Baiano

O perfil do dicionário Baiano possui cento e oitenta e um mil (181) seguidores e duzentos e noventa e oito publicações (298). A foto do perfil é um livro com o nome “Baianês”. Na descrição da página tem a categoria em que o perfil se intitula, a qual para eles é o entretenimento, em seguida a expressão “Porque o baiano tem que ser estudado” com um *emoji*⁶ de um livro e uma carinha de óculos e depois uma frase “use máscara e se puder, fique dendi casa”, fazendo referência ao momento de pandemia que estamos vivenciando.

Em relação às publicações da página, notamos que focam especificamente sobre o léxico Baiano.

Figura 2 - Dicionário Baiano

⁶ São ícones/imagens que representam sentimentos e expressões, geralmente utilizados no ambiente digital.



Fonte: Imagem retirada do *Instagram* @baianês_oficial

3.3.3 Dicionário Sergipanês

O perfil do dicionário Sergipanês, possui onze mil e novecentos (11.900) seguidores, cento e sessenta (160) publicações. A foto de identificação da página é um escorpião⁷, o perfil se intitula na categoria de humor.

Em seguida, a descrição da biografia do perfil convida os internautas a conhecerem como os sergipanos falam de verdade, e solicita que os seguidores enviem um vocábulo que eles falem na cidade, povoado e bairro. Além de pedirem para utilizar a *hashtag*⁸ #sergipanes. As publicações da página dicionário Sergipanês, são todas voltadas para o léxico sergipano.

⁷ O símbolo do escorpião tem relação com o Sergipe devido a bandeira nacional. De acordo com site da prefeitura de Aracaju, a localização de Sergipe na bandeira do Brasil é o espaço da constelação de escorpião.

⁸ *Hashtag* é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão. Assim, quando a combinação é publicada, transforma-se em um *hiperlink* que leva para uma página com outras publicações relacionadas ao mesmo tema.

Figura 3 - Dicionário Sergipanês

Fonte: Imagem retirada do *Instagram* @dicionariosergipanes_oficial

3.3.4 Dicionário Paraibano

O perfil do dicionário Paraibano possui cento e noventa e cinco (195) seguidores e trinta e uma publicações. A foto do perfil da página é o mapa localizando a região paraibana, os símbolos da página são *emojis*⁹ de cacto e do sol. A sua biografia solicita que os seguidores compartilhem e marquem a página, além de pedir que sugestões sejam enviadas por *direct*.

Figura 4 - Dicionário Paraibano

Fonte: Imagem retirada do *Instagram* @dicionariomaranhense

⁹ Emojis e emoticons são representações gráficas usadas em conversas online, nas redes sociais e em aplicativos como o *WhatsApp*. Além de adicionar significado e emoção às nossas palavras, podem substituir efetivamente mensagens curtas.

3.4 A rede social *Instagram* como espaço de pesquisa e de interação com a linguagem popular

Apesar da grande popularidade do *Instagram*, são poucas as pesquisas a cerca dessa rede social, especialmente na área da linguagem. Nesse sentido, esta subseção se faz necessária, para demonstrarmos como essa rede social, é um campo de pesquisa relevante para divulgar e exibir a interação dos indivíduos com a linguagem popular nordestina, mais precisamente com a variedade Semântico-lexical. Além, de ser uma rede social que possui recursos de interatividade preestabelecidos e ter uma função importante para sociedade.

Para tanto, precisamos compreender que o processo comunicativo contemporâneo anda pela conectividade, em função do uso da internet, visto que os recursos das redes sociais digitais estão inovando as relações dos indivíduos, caracterizando-se como atraente e dinâmico. Nesse sentido, Pinto (2007) argumenta que o ser humano vive o tempo dos avanços das tecnologias e das informações, pois o mundo passou por grande desenvolvimento e mudança tecnológica nos últimos cinquenta anos, nos quais muitos comportamentos humanos foram modificados.

Pois assim, a rede social *Instagram* tem se estabelecido como um espaço para indivíduos, mesmo que não especializados, utilizar, expressar e até mesmo discordar sobre assuntos que lhe sejam importantes. No caso, observamos que a linguagem popular é algo importante e vem tornando-se, uma temática recorrente no espaço de interação digital. Pois, como já argumentamos em estudos anteriores:

Assim como a grande mídia emite suas opiniões sobre objetos de estudo da Linguística, a comunidade leiga também adota uma posição em relação a eles. Desse modo, em virtude do crescimento do acesso à internet no Brasil, essas posições sobre a linguagem, da mesma forma que abordam outros assuntos cotidianos, são discutidos não apenas no mundo físico, mas também no ambiente virtual, principalmente nos sites de redes sociais. (OLIVEIRA, 2018, p. 21).

Nesse seguimento, o autor Castells (2005, p. 17) corrobora quando nos diz: “Que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias”.

Assim, é importante entendermos que a sociedade em rede e a tecnologia que lhe está ligada, não forma uma força autônoma, que desfaz tudo o que antes tinha um contato

humano, ao contrário, compreendemos como algo completo que tudo melhora, associando a tecnologia à criatividade e realização plena do ser humano.

Desse modo, compreender a vida social na contemporaneidade requer considerar o estudo sobre as comunidades virtuais que se formam a partir da rede social *Instagram*, visto que essas comunidades alteraram profundamente nos últimos anos a forma como milhões de pessoas se comunicam e compartilham informação entre si. Neste campo, sendo o *Instagram* a rede mais popular atualmente e mais disseminada, conceitua-se como uma fonte privilegiada de informação aos estudiosos desta área.

Nos dias de hoje, o conceito de comunidade encontra-se fortemente relacionado com os discursos sobre a *Internet* (SILVA, 2002, p. 18), uma vez que ela veio proporcionar um novo espaço social, novas formas de sociabilidade que direcionam, inevitavelmente, à formação de laços sociais, de novas identidades e formas de pertença. Comunidade, do latim *communitas*, que entre outros, quer dizer “qualidade do que é comum e quando muitos formam uma unidade”, repara Aristóteles como expressão “de uma totalidade de indivíduos ligados por laços sociais”.

Assim, estimulada pelas tecnologias a interação atual, muda-se para o campo do digital, formando novos espaços partilhados e intersubjetivos. É necessário nesses espaços sociais virtuais que “a constituição do “nós” se transforma em comunidades virtuais” (Lévy, 1996, p.11). A urgência de comunidades na era da tecnologia, segundo Howard Rheingold (1998), é consequência da vida moderna, na qual a conexão de comunidade tradicional entra em declínio. Desse modo, as comunidades no espaço digital:

[...] podem ser comunidades reais, elas podem ser pseudo-comunidades, ou podem constituir um tipo de contrato social completamente novo, mas eu acredito que seja em parte uma resposta à necessidade de comunidade que seguiu à desintegração das comunidades tradicionais no mundo. (HEINGOLD, 1993 *apud* FERNBACK E THOMPSON, 1995, p. 7).

Nesse sentido, compreendemos que os perfis criados no *Instagram* denominados de dicionários caracterizam-se como comunidades de práticas digitais, pois o crescente número de pessoas fazendo parte dessa rede social digital revela a necessidade de manter as relações já existentes, ou seja, manter o contato com os amigos e fazer novas relações. Evidencia-se que os usuários das redes sociais trarão assuntos e pessoas dos seus espaços *offline* para os espaços *online*. Esta visão contrasta com a dos que consideram que a internet permite aos usuários apresentarem “eus” *online* diferentes dos “eus” *offline* (BYAM, 1995; TURKLE, 1995; MCKENNA & BARGH, 2000;).

Assim, percebemos que as comunidades digitais têm se firmado como uma importante alternativa aos contextos organizacionais tradicionais e, ao serem suportadas pelas tecnologias, tornaram-se mais visíveis na atualidade. Representam ambientes intelectuais, culturais, sociais que compartilham ideias e princípios em comum, enquanto promovem a interação, a colaboração e o desenvolvimento de um sentimento de pertença dos seus membros.

Desse modo, podemos ver uma nova forma de socialização acontecendo, por meio desses perfis criados no *Instagram* dedicadas a assuntos como: dicionários nordestinos, páginas para discussões diversas, entretenimento e outros mais. Enfim, um espaço de colaboração, troca de experiências. Redes sociais são estudadas desde 1930, por diferentes teóricos e, são formadas em diferentes culturas e sociedades por comunidades como: a família, escola, emprego entre outras.

SEÇÃO IV

DA TRADIÇÃO À CONTEMPORANEIDADE

Nesta seção, buscamos esclarecer sobre a diferença entre dicionários, vocabulários e glossários, além de abordar sobre a formação do dicionário. Abordamos ainda sobre a atualização dos dicionários no espaço digital e os dicionários selecionados para consulta das variantes lexicais encontradas.

4.1 Dicionários, Vocabulários ou Glossários Regionais?

Primeiramente, devemos pontuar que embora o objetivo principal deste estudo não seja o de promover uma discussão sobre a natureza das obras lexicográficas ou ainda desempenhar o papel de um metalexícógrafo, que é quem pesquisa sobre algo que envolva tal nomeação sobre dicionários, se faz necessário apresentar alguns esclarecimentos, ideias e posições de importantes estudiosos do tema a título de conhecimento do panorama geral deste campo de estudo na atualidade.

Por isso, essa subseção se faz necessária, uma vez que percebemos existir uma confusão sobre o que é de fato um dicionário. Pois, vistos os aspectos regionais e sociais da linguagem, as relações entre léxico, cultura e sociedade e sua formalização lexicográfica em dicionários, vocabulários e glossários, surge esses questionamentos: os chamados dicionários no *Instagram* são dicionários, são vocabulários ou são glossários?

Para respondermos esse questionamento, precisamos compreender que, o aparecimento de itens lexicais se confunde com os inícios da escrita (NUNES, 2006, p. 45). Mesmo diante de toda a história milenar que envolve as ciências do léxico, o estudo nessa área ainda apresenta dificuldades no que diz respeito à definição de cada uma, pois não foram apenas critérios linguísticos que determinaram o nascimento e o desenvolvimento de diferentes tipos de obras de cunho lexicográficas, mas também aspectos políticos e culturais. Desse modo, primeiro devemos abordar, mesmo que brevemente, sobre as definições acerca do dicionário, vocabulário e glossário.

4.1.1 Dicionário

Em termos de definição, Dubois *et al.* (1973) definem dicionário como sendo: “[...] um objeto cultural que apresenta o léxico de uma ou mais línguas sob a forma alfabética, fornecendo sobre cada termo certo número de informações [...]”.

Assim, faz-se preciso compreender que formalmente a área do saber que se preocupa com a produção de dicionários é a lexicografia. O dicionário é uma obra que surge para atender a necessidades específicas das coletividades linguísticas. Em primeiro plano, permite que elas tenham à disposição o registro do léxico de sua língua, numa correspondência com os significados que os recobrem.

Em linhas gerais, podemos dizer que o dicionário constitui um tipo de gênero textual com informações linguísticas explicativas a respeito do significado das palavras. O autor Marcushi (2008, p. 155), explica que o gênero textual é “texto materializado em situações comunicativas recorrentes”. As situações comunicativas que levam o indivíduo a consultar o dicionário são motivadas para fins específicos. Nesse sentido, Vilarinho (2013) argumenta que as funcionalidades dessa obra, são motivadas por práticas sociais:

Como exemplo das funcionalidades do dicionário, há as consultas sobre grafia, informação gramatical e etimológica, contextos, divisão silábica, pronúncia, significado, sentido, nível da linguagem, área de especialidade, fraseologia, entre outras. (VILARINHO, 2013, p. 37).

Corroborando com as funcionalidades de um dicionário, a autora Krieger (2006), explica que o chamado dicionário de língua, sempre o parâmetro primeiro de todo o pensamento sobre o fato dicionário. Essa tipologia de dicionário ultrapassa as informações semânticas, ofertando informações gramaticais e linguísticas. Como tal, descreve diferentes realizações das unidades lexicais, através do registro dos usos linguísticos diferenciados que caracterizam as variedades regionais, as diacrônicas, bem como aquelas relacionadas aos usos e significados próprios das áreas científicas e técnicas.

Assim, direta ou indiretamente, a obra lexicográfica traz informações funcionais e, por vezes, históricas sobre vários componentes dos sistemas linguísticos. Outras vezes, vale-se de frases cotidianas e passagens literárias para exemplificar e abonar determinados usos. Esses são os dados mais comuns numa obra que por traçar descritivamente, um panorama geral das realizações e virtualidades dos itens léxicos de um idioma, assumiu o caráter de referência sobre o léxico e seus modos de funcionamento em discurso. (KRIEGER, 2006, p. 142).

Todas essas funcionalidades constituem a estrutura do dicionário com o objetivo de aperfeiçoar a competência lexical do falante. E, que tal caráter está associado ao fato

que o dicionário é o lugar formal e unitário de registro do componente léxico de uma língua, por meio de uma lista alfabética, da qual cada palavra é o lema, ou a cabeça, do verbete.

Todavia, diante da amplitude do tema, privilegiamos alguns aspectos do universo dos dicionários, o qual de acordo com Krieger (2006) está longe de ser uniforme, pois apresenta uma grande variedade tipológica – dicionário monolíngue, bilíngue, dicionário geral, tipo padrão, de usos, minidicionário, dicionário escolar. Isto para ficar no campo das obras de referência linguística, isto é, as que registram o léxico de forma sistemática.

Assim, retomando Vilarinho (2013), podemos dizer que as características principais de uma obra dicionarística estão na microestrutura que é formada pelo conjunto de informações que compõem os verbetes; a macroestrutura é o conjunto da obra, constitui os elementos de composição de um dicionário, tais como: prefácio, introdução, informações a respeito da organização da obra, referências bibliográficas, entre outros.

O dicionário deve atender às demandas das práticas sociais dos consulentes. Assim sendo, a autora citada anteriormente, corrobora explicando que o dicionário:

[...] deve oferecer os usos do léxico da língua-alvo num contexto sociocultural, uma vez que o dicionário apresenta o conjunto de palavras usado pela sociedade que utiliza a língua. Por isso, o lexicógrafo registra os lexemas que podem ser recuperados da memória lexical da sociedade que emprega a língua. (VILARINHO, 2013, p. 37).

Além disso, devemos ressaltar que a obra lexicográfica “é um instrumento normatizador, já que, no corpo lexicográfico, há sempre uma grande preocupação com o ‘bom uso’ da língua” (FAULSTICH, 2010, p. 173). Diante disso, notamos que, embora o dicionário apresente os usos do léxico da língua, há prioridade para o registro da norma padrão.

Contudo, os usos desprestigiados que estão inseridos na sociedade, muitas vezes, não são contemplados nessas obras. O registro das variantes linguísticas no dicionário é essencial por contemplar os usos da língua, de modo que o consulente terá acesso ao léxico real também. Por isso, talvez, a crescente de obras informais sobre o léxico regional.

Desse modo, levando em conta as características, a estrutura que um dicionário tradicionalmente possui, os quatro perfis do *Instagram* aqui analisados, não são dicionários. Compreendemos que tais perfis se encaixam mais na definição de vocabulário, como veremos a seguir.

4.1.2 Vocabulários

O vocabulário, em linhas gerais, pode ser definido como um repertório terminológico, ou seja, apresenta termos de uma área de conhecimento ou do saber. Por exemplo, o vocabulário do Direito, da Linguística, da Literatura.

Assim, em termos de definição, Faustich (1995) pontua vocabulário como:

Vocabulário–Repertório que inventaria os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por estes termos por meio de definições ou de ilustrações. [...] Léxico–Repertório que inventaria termos acompanhados de seus equivalentes de uma ou várias línguas e que não comporta definições. Nota do Vocabulaire: os léxicos contêm geralmente um só domínio. (FAUSTICH, 1995, p. 284).

Assim sendo, o vocabulário não possui a obrigatoriedade das definições, sendo também possível a descrição dos termos por meio de ilustrações. Nesse sentido, Barbosa (1995, p. 21) analisando a questão sobre a caracterização das obras lexicográficas faz referência ao autor Charles Muller que, em 1968, distinguiu os três termos (dicionário, vocabulário e glossário), salientamos então, o vocabulário – “[...] o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva”.

Aragão (2008, p. SN) em seu estudo sobre *A Linguagem Regional – Popular no Nordeste do Brasil: Aspectos Léxicos* aborda sobre a produção informal de dicionários regionais nordestinos, e pontua que essas são vistas como dicionários. Contudo, do ponto de vista linguístico, mas especificamente, lexicográfico, essas obras produzidas de modo informal, se encaixariam como uma obra de vocabulário. Uma vez que, a partir das formulações de “MULLER-BARBOSA (1994), os consideráramos vocabulários, uma vez que suas unidades se constituem norma no falar de um estado ou região e de uma classe definida socioculturalmente”.

O que confirma as pontuações feitas por BRASIL (2011) em sua tese sobre *O vocabulário de Godofredo Filho*, a autora explica as distinções entre as obras dicionários, vocabulários e glossários, a partir do esquema feito por Barbosa (1995), e pontua que foram feitas as seguintes associações:

[...] os dicionários de língua estão no nível do sistema, com todo o léxico disponível, expressando-se através do lexema. Os vocabulários no nível da norma, representados por conjuntos vocabulários (fundamentais, técnico-científicos, especializados), manifestando-se através dos vocábulos ou termos. Os glossários estariam no nível da fala e

trabalhariam com os conjuntos reunidos em determinado texto, manifestando-se através das palavras. (BRASIL, 2011, p. 55).

A definição dessas obras pode acontecer de acordo com os níveis de atualização da língua, além da observação de traços comuns na sua tipologia. Houaiss, Villar e Franco (2001) definem ainda o verbete vocabulário como o “[...] conjunto das palavras empregadas por uma pessoa, por um autor em sua obra, ou por um grupo socialmente identificável”, tal concepção corresponde com as variações/lexias selecionadas neste estudo. Toda via, ainda optamos por manter a identificação como dicionários, uma vez que é algo que já está fixada no imaginário dos seguidores dos perfis do *Instagram*.

4.1.3 Glossário

Dubois *et al.* (1973) definem que o glossário “[...] é um dicionário que dá sob a forma de simples traduções o sentido de palavras raras ou mal conhecidas.” Enquanto, Faulstich (2010), argumenta que:

[...] O glossário apresenta um conjunto de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não o contexto de ocorrência do termo. (FAUSTCH, 2010, p.177,178).

Tal definição assemelha-se muito ao conceito de dicionário. A autora citada, explica que diferença entre ambos é, sobretudo, a quantidade de termos presentes em cada tipo de obra. Assim, um “dicionário compila uma grande quantidade de termos, ao passo que um glossário lista uma quantidade menor” (FAULSTICH, 2010, p. 178).

Nesse sentido, Aragão explica que o objetivo do glossário não é somente registrar termos, “[...] mas torná-los [os textos] o mais claro possível” para os leitores “[...] de outras regiões do país ou de países de língua estrangeira” (ARAGÃO 1990, p. 20).

Desse modo, em linhas gerais o glossário é uma lista de palavras de um texto ou uma lista de termos de um específico campo lexical. Todos eles carregam uma definição podendo haver outras informações, como categoria gramatical. Podemos dizer que a diferença básica entre esses três tipos de obra está relacionada à quantidade de palavras ou termos que cada uma registra. O dicionário é mais amplo do que um vocabulário e um glossário.

4.2 A importância dos Dicionários para a sociedade

Gostaria de iniciar este tópico, assim como Nunes (2010) iniciou seu artigo sobre *Dicionários: história, leitura e produção*. Ele começou fazendo algumas perguntas não tão simples de responder, por exemplo; O que é um dicionário? Para que ele serve? Quem faz os dicionários e para quem? Em que circunstâncias sociais e históricas?

E assim, como Nunes (*op. cit*), simplificamos e nos arriscamos a dizer como já argumentamos anteriormente, que o dicionário é uma lista de palavras, com definições e exemplos. Todavia, estudiosos sobre tal obra, argumentam que o dicionário não é algo que estaria no pensamento dos indivíduos desde que nascem, mas, sim, algo que é produzido por práticas reais em determinadas situações.

Desse modo, essas questões iniciais movimentam essa seção, por que quando passamos a observar os dicionários nordestinos no *Instagram*, percebemos, primeiro que, existe uma grande confusão sobre o que é de fato um dicionário, que este termo tem uma grande importância social e, que no espaço digital, o dicionário é uma ferramenta em grande expansão.

Assim, como este estudo busca ser relevante não apenas para o espaço acadêmico, mas para a sociedade como um todo. Iremos demonstrar a importância dos dicionários para a sociedade e por que de um tempo para cá passou a ser produzido por pessoas não especializadas. Para tanto nos apoiaremos no estudo feito por Maria Tereza Biderman, desde a tradição à contemporaneidade sobre os dicionários (2003) e José Horta Nunes, com seu estudo sobre a história dos dicionários (2010).

Assim, a autora Biderman (2003) explica que, o léxico de uma língua natural registra o conhecimento do universo na forma de palavras. E que:

Ora, o tesouro vocabular de um idioma constitui um conjunto de dimensões indeterminadas. De fato, o número total de palavras de uma língua de civilização pode atingir uns 500.000 vocábulos ou mais. Além disso, sendo um conjunto aberto, novas palavras são criadas continuamente pelos usuários, especialmente os mais cultos e mais criativos, e também pelos cientistas (as terminologias científicas), embora qualquer falante possa contribuir para a geração lexical. (BIDERMAN, 2003, p. 53).

Desse modo, podemos dizer que o conjunto dos usos sociais da língua está representado no dicionário. E que bem como argumenta Biderman (2003):

[...] o dicionário descreve o léxico em função de um modelo ideal de língua- a língua culta e escrita. Só circunstancialmente registra os padrões

subcultos, ou desviantes da norma padrão, tais como os usos dialetais, 2 populares, geriátricos. Dessa forma o dicionário convalida e promove a linguagem aceita e valorizada em sua comunidade. (BIDERMAN, 2003, p. 54).

E aqui chegamos ao ponto que desejávamos. Pois, a obra dicionário praticamente em toda a sua história, foi vista como algo normatizador, que auxiliaria aqueles que se desviam da norma padrão escrita. E assim, o dicionário era fonte de promoção da linguagem valorizada.

Nesse sentido, faz-se preciso explicar como surgiu o dicionário. A autora pontua que, com a criação da imprensa e sua popularização na Europa iniciou-se a produção de dicionários no século XVI. Os primeiros dicionários eram glossários bilíngues latino-vernáculos. A autora explica que:

Nessa época em que o processo de globalização estava em seus primórdios, os estados, que se constituíam na Europa, intensificavam seus contatos recíprocos. Na cultura humanista do Renascimento os dicionários passaram a desempenhar um papel importante. A interação dos diversos povos europeus motivou a produção de muitos dicionários bilíngues e até multilíngues para servir à comunicação de nações de culturas e línguas diferentes. (BIDERMAN, 2003, p. 56).

E assim, a forte presença do latim foi dando espaço pela crescente valorização dos vernáculos, especialmente os de origem latina. A compilação de vocabulários monolíngues dessas línguas para a produção de uma obra de cunho pedagógico iniciou-se na Itália, no século XVI.

Ainda nesse seguimento, Biderman (2003) ao argumentar sobre a elaboração de dicionários na França, aponta como a ideia de que a obra dicionarista quase sempre teve como intuito de defender a “pureza” de uma língua:

Na França, a fundação da Academia Francesa pelo Cardeal Richelieu em 1635 tinha como principal *desideratum* a defesa da pureza e da perfeição da língua francesa. A Academia nasceu com a missão de elaborar um dicionário da língua francesa, que seria um tesouro do idioma e representaria uma autoridade lingüística. (BIDERMAN, op. cit., p. 56).

Assim, a partir dos apontamentos da autora citada, compreendemos melhor a concepção de que o dicionário nasceu como uma obra de interesse superior, com objetivo de preservar uma língua.

O dicionário é investido da autoridade de guardião da língua. Aliás, várias culturas latinas herdaram esse vezo ideológico não só com respeito às academias literárias e sua função cultural, mas também com relação

aos dicionários. Instituiu-se assim o princípio da autoridade lingüística do dicionário na sociedade. (BIDERMAN, op. cit., p. 57).

Em linhas gerais, se retrocedermos um pouco no tempo, podemos dizer que a história dos dicionários, enquanto lista de palavras de uma língua ou de um aspecto da realidade como partes do corpo humano ou objetos, se embaralham com o surgimento da escrita, que aconteceu por volta de três mil anos antes de Cristo. O autor S. Auroux (2008, p. 19), argumenta que a listagem de palavras é “a técnica mais elementar que é a base de todo dicionário”. Nesse sentido, a lista de palavras não se emaranha com o dicionário, contudo “ela está indubitavelmente na origem dos dicionários”. Desse modo, compreende-se que a lista de palavras se configura um dicionário no momento em que ela mostra alguma função específica. Assim, como pontua o autor citado, as listas de palavras medievais, na proporção em que o latim deixa de ser utilizado como língua materna, essas listas são ampliadas de palavras das línguas vernáculas, e ocasionalmente de observações sobre a língua que não se utiliza mais, o latim. E assim, aparece o dicionário de uma língua.

No Brasil, um país de colonização, a história das línguas e dos instrumentos lingüísticos está diretamente relacionada a esse fato. Nunes (2010) argumenta que os primeiros conhecimentos sobre elaboração de dicionários feitos no Brasil foram relacionados às significações de palavras indígenas: e lista de palavras, português-Tupi e Tupi-português, como listas de nomes de animais e plantas, de objetos, de partes do corpo humano, da cultura indígena, e entre outras:

Essas listas de palavras deram origem aos primeiros dicionários brasileiros, que foram dicionários bilíngues português-Tupis elaborados pelos missionários jesuítas dos séculos XVI ao XVIII. Além do interesse em conhecer a língua indígena, ou juntamente com ele, estava presente, como dissemos anteriormente, o interesse na catequese dos índios. Daí o discurso religioso desses primeiros instrumentos lingüísticos brasileiros, que eram também instrumentos da colonização. (NUNES, 2010, p. 08).

Em meados do século XIX e XX, começam a surgir então os primeiros dicionários monolíngues brasileiros de língua portuguesa. Inicialmente surgem os dicionários que agregam os dicionários portugueses, como o Vocabulário Brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa, de Brás da Costa Rubim (1853).

Aparecem também dicionários de regionalismos, como a Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, de Antônio Coruja (1853). E já no final do século XIX, Nunes (2010, p. 09) argumenta que aparecem os chamados dicionários de brasileirismos, dentre os quais se evidenciam o Dicionário Brasileiro da

Língua Portuguesa, de Macedo Soares (1888). “Estas obras reúnem diversos dicionários parciais anteriores, compondo um conjunto maior das palavras utilizadas no Brasil e não em Portugal, ou de palavras que tomam significações específicas no território brasileiro, os ‘brasileirismos’”.

E assim, no século XX, Birdeman (2010) corrobora argumentando que o início da produção de dicionários advém desde a fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL). Machado de Assis programara a elaboração de um vocabulário de brasileirismos, mas foi Laudelino Freire que conseguiu tal feito: elaborou um dicionário do português. Biderman (*op. cit*) comenta que a obra da língua portuguesa foi organizada por Laudelino Freire, publicado no Rio de Janeiro de 1939 a 1944. E organizado em cinco volumes, tal obra primava pela riqueza vocabular, com a inclusão de muitas locuções e expressões, neologismos e termos técnicos.

Todavia a obra não atendeu todas as lacunas da Língua Portuguesa, não obteve grande sucesso e não chegou a uma segunda edição. Assim, em 1940 a Academia designou Antenor Nascentes da elaboração desse dicionário. O modelo escolhido era baseado no Espanhol. Em 1943 Nascentes entregou o manuscrito à ABL, o qual foi aprovado para publicação. Passaram-se ainda anos até que esse dicionário fosse publicado - 1961-1967 - em cinco volumes.

Biderman (2003) aponta que nenhuns desses dois dicionários produzidos atenderam relativamente à descrição do léxico brasileiro. E que por séculos o léxico do português brasileiro tinha a língua falada como suporte. Assim, apenas em 1938 o português brasileiro obteve um dicionário que registrou seu patrimônio lexical: o Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa- PDBLP.

E sim, de fato o dicionário é uma obra de suma importância para uma língua, no sentido de registrar o léxico e na consolidação de uma língua escrita e literária. De acordo com a autora Biderman (2003):

Pela primeira vez, pois, o PDBLP (PEQUENO..., 1938) documentou a norma linguística do Brasil e seu vocabulário. Esse dicionário teve um sucesso extraordinário para a época, constituindo-se num best-seller no Brasil atrasado e rural de então. Até a 3ª edição de 1942 vendeu 100.000 exemplares. [...] O PDBLP teve onze edições, sendo a última de 1967; sua carreira gloriosa foi interrompida quando a ditadura militar fechou a Editora Civilização Brasileira, que o publicava. Esse desastroso feito do arbítrio político deixou os brasileiros novamente órfãos de um porta-voz da sua variedade linguística. (BIDERMAN, *op. cit.*, p. 59).

Desse modo, podemos compreender que o dicionário é um instrumento de importância vital para as sociedades de cultura, Krieger (2006), explica que o dicionário é uma obra que surgiu para atender a necessidades específicas das coletividades linguísticas. Pois primeiramente, possibilita que elas tenham à disposição o registro do léxico de sua língua, numa correspondência com os significados que os recobrem. E assim, forma-se local de consulta sobre palavras, expressões, termos e sentidos desconhecidos ou não.

Assim, precisamos retomar o que mencionamos no início deste tópico, a obra dicionarística de um modo geral a sociedade percebe como uma obra de consulta e normatizadora. Krieger (2006) argumenta:

[...] o dicionário é o lugar formal e unitário de registro do componente léxico de um idioma. Nessa medida, constitui-se em paradigma linguístico modelar dos usos e sentidos das palavras e expressões de uma coletividade linguística, desempenhando o papel de código normativo da língua. É nessa mesma esteira que o dicionário adquire o estatuto de instância de legitimação do léxico, passando então a funcionar como uma espécie de cartório de registros, é ele que concede à palavra sua certidão de nascimento e, dessa forma, institucionaliza o conjunto léxico das línguas. (KRIEGER, 2006, p. 142).

E, por isso o dicionário dispõe de autoridade e não se resume apenas em uma listagem, mas, como um texto, possui regras próprias de organização. Antes ainda, a elaboração de uma obra dessa natureza não se resume a uma tarefa mecânica de compilação, mas exige uma competência especial sobre os fatos linguísticos e a metodologia desses fazeres.

Portanto, conforme Carvalho (2019), percebemos que o dicionário não é só o celeiro do idioma, mas é o depositário da cultura. Nele estão contidas as interpretações da comunidade sobre fatos, objetos, pessoas. O dicionário é considerado um oráculo e um tira-teima, respeitado como obra imparcial que reproduz a língua real/social.

4.2.1 Os dicionários selecionados para este estudo

Compreendemos que as obras dicionarísticas são importantes para sociedade e para os estudos que visam compreender parte da extensão do léxico. Pois o vocabulário é janela da língua que se abre para os objetos e as ideias povoam o mundo contemporâneo. Dessa forma, Machado (2010) nos explica que:

[...] a Lexicografia contemporânea tem caminhado no sentido de perscrutar, a passos largos e de forma incontestavelmente sólida, esse movediço alicerce que serve de base às variegadas gramáticas

das línguas naturais: o léxico. (MACHADO FILHO, 2010, p. 51).

Assim, a partir dessa concepção, um olhar mais acurado passa a ser admitido pelos estudos que têm o léxico como objeto de análise, na tentativa promissora de transformá-lo em uma parte mais amplamente observável da língua, especialmente no que concerne a seu processo de formação.

Assim, consultar essas obras torna-se relevante, uma vez que os perfis do *Instagram* ao se denominarem como dicionários, abrem precedentes para entendermos que eles julgam importantes essas obras, todavia que é necessário criar um para particularidades da sua região, que talvez os dicionários comuns não contemplem.

Desse modo, gostaríamos de ver se existe relação das variantes lexicais publicadas pelos chamados dicionários: Alagoano, Baiano, Sergipanês e Paraibano com obras dicionarísticas institucionalizadas de fato. Por isso, selecionamos um dicionário etimológico da Língua Portuguesa, feito por Antônio Geraldo Cunha (2010), assim quando possível verificaremos a origem da lexia.

Destacamos também o dicionário UNESP do Português contemporâneo, organizado por Francisco S. Borba (2011) com 58.237 verbetes. Acreditamos que esta obra irá nos mostrar a possível atualização das obras dicionarísticas, levando em conta que a língua é dinâmica e que essas obras já estão incorporando os regionalismos nelas.

4.3 Os Dicionários nordestinos no *Instagram*

Assim, chegamos ao último tópico desta seção. A importância dele se justifica para fecharmos nosso questionamento feito no início, “Os chamados dicionários no *Instagram*, são dicionários, são vocabulários ou são glossários?”. No decorrer da seção IV, abordamos sobre definições, diferenças sobre tais termos, justamente por notarmos existir certa confusão sobre eles. E que essa confusão é significativa, uma vez que a obra dicionário historicamente possui maior imponência em relação à listagem de um léxico da língua.

Desse modo, é necessário esclarecer que os perfis do *Instagram*, denominados de dicionários (Dicionário Alagoanês, Dicionário Baiano, Dicionário Paraibano, Dicionário Sergipanês) não são dicionários comuns, uma vez que seus verbetes são redigidos com base em características da oralidade e da escrita. Entretanto, essas criações informais primeiro demonstra que os dicionários tradicionais não estão imunes à outra revolução tecnológica citada por Auroux (2009): a presença massiva da *internet* no cotidiano das

peças vem proporcionando novas formas de produção e circulação do conhecimento, produzindo assim, entre outros, novas formas de representação e apresentação do léxico da língua.

Assim, a presença da internet, das redes sociais digitais é um aspecto importante na constituição dos indivíduos e suas interações com as variações lexicais menos prestigiadas. De modo que, produz atitudes e comportamentos, não só na própria maneira de utilizar a essas variantes da língua, mas também na maneira de instrumentalizá-la. Podemos pensar os efeitos dessa circulação de saberes tanto do ponto de vista da produção como sistematização desse conhecimento.

Desse modo, optamos por respeitar a posição que os perfis do *Instagram* em denominar as páginas de dicionários. Toda argumentação anterior sobre as distinções dos termos foi para nível de esclarecimento linguístico. Pois, a produção de um dicionário como os criados e publicados na rede social digital em questão, auxilia no processo de manutenção linguística, em outras palavras ajudam a manter vivos os sentidos pertencentes a uma memória regional, mostra a falta de uma institucionalização que o estabeleça e o consolide. Que veja como verdadeira a sua formulação.

SEÇÃO V

PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Nesta seção, apresentamos a metodologia de trabalho utilizada para desenvolvimento desse estudo. Desse modo, inicialmente apresentaremos sobre a abordagem qualitativa, o método Netnográfico como uma perspectiva possível para este estudo e posteriormente sobre a definição e constituição do *corpus*.

5.1 Uma abordagem qualitativa

Os estudos de pesquisa apresentam uma metodologia que explica a relevância de pesquisar determinado problema, fato ou caso. A metodologia também revela como o pesquisador chega até o *corpus*; como acontece a coleta dos dados e o modo de interpretar essas informações.

Desse modo, elegemos a abordagem qualitativa para este estudo, tendo em vista que acreditamos no fato de ela possibilitar mostrar respostas mais satisfatórias. Pois, de acordo com Minayo (2009, p. 21), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes dos seres humanos cujas ações, as mais diversas, refletem a realidade.” A abordagem qualitativa aposta em um olhar completo dos fenômenos, levando em conta todos os elementos de um contexto, bem como as interações e influências que acontecem no processo.

Nesse sentido, a autora Bortoni-Ricardo (2008) explica que a pesquisa qualitativa é a exibição do que se encontra por trás dos processos considerados habituais, por isso, a partir da análise qualitativa, buscamos demonstrar como ocorre a valorização das novas formas de produções informais de dicionários sobre expressões e léxico regional, retratados em publicações na rede social *Instagram*. Bem como, qual seu objetivo linguístico com essa produção informal de dicionário.

Assim, este estudo é de cunho qualitativo, ele possibilita que se revelem dados sobre o comportamento e atitudes linguísticas do indivíduo que participa da construção e interação dos chamados dicionários criados no *Instagram*. Todavia, compreendemos que não é possível observar o mundo longe das práticas sociais. Por isso, diante das interações dos usuários das páginas dos perfis destinados aos dicionários nordestinos, a metodologia

qualitativa também permite observar que a variação lexical e conseqüentemente a cultura expressa nas publicações.

Portanto, como este estudo é inovador para área da Sociolinguística, visto que o campo de pesquisa é o espaço digital, requer o uso de uma adaptação do método, por isso, para atender todos os aspectos que envolvem nosso *corpus* não seriam possíveis apenas os métodos tradicionais da Sociolinguística, mas uma abordagem qualitativa de cunho netnográfico, que possibilita compreender toda interação do indivíduo com o dicionário digital nordestino.

5.2 Etnografia virtual como aporte metodológico

A Sociolinguística, como uma área interdisciplinar, está aberta ao diálogo com outras disciplinas e ao emprego de métodos de pesquisa que permitem contribuir para resolução dos problemas práticos e teóricos que surgem em seu campo de pesquisa. E, atualmente, a crescente apropriação das tecnologias da informação e da comunicação, especificamente dos dispositivos móveis e das plataformas de mídia social, vêm sendo um campo fértil para diferentes áreas de pesquisa. De modo que, nos deparamos com o desafio de encontrar métodos e técnicas de pesquisa capazes de compreender as singularidades dos fenômenos que surgem e perpassam os ambientes digitais.

Nesse sentido, de acordo com Corrêa e Rozados (2017)

[...] um dos métodos que tem sido utilizado no contexto nacional por pesquisadores da área em seus estudos relacionados à Internet é a netnografia, uma ferramenta metodológica que amplia as possibilidades oferecidas pela etnografia tradicional ao permitir o estudo de objetos, fenômenos e culturas que emergem constantemente no ciberespaço a partir do desenvolvimento e da apropriação social das tecnologias da informação e da comunicação (TIC). (CORRÊA; ROZADOS, 2017, p. 2).

Desse modo, compreendemos que o método netnográfico adéqua técnicas, procedimentos e padrões metodológicos habitualmente utilizados na etnografia para o estudo de culturas e comunidades provenientes na *Internet*.

Por isso, quando optamos por trabalhar com um *corpus* encontrado na internet, compreendemos a necessidade de adotar uma metodologia específica e ao mesmo tempo em que caminhasse de acordo com os pressupostos teóricos da Sociolinguística. Para tanto, recorreremos aos estudos sobre a netnografia ou etnografia virtual. Iniciamos nossa abordagem com algumas definições prévias dessa metodologia.

De acordo com Kozinets (2014), o método netnográfico iniciou seu desenvolvimento nos anos 90 na área da pesquisa de marketing, uma área interdisciplinar que se configura como diferentes pontos de vista de diferentes campos, como a antropologia, a sociologia e os estudos culturais. Nesse sentido, a netnografia não se trata de uma abordagem metodológica totalmente nova, pois o método netnográfico surgiu da etnografia, a qual desde o começo se preocupa com o estudo de culturas e comunidades humanas situadas em locais geograficamente delimitados. Todavia, como já mencionamos o progresso, a popularização e a apropriação das novas tecnologias da informação e da comunicação permitem a construção de outras maneiras de agregação social, as comunidades, páginas e/ou perfis virtuais.

Esse novo modo de interação das pessoas nas redes sociais, como o *Instagram* (o campo de pesquisa deste estudo) exige uma adaptação do método etnográfico com intuito de compreender as novas formas de socialização constituídas no ambiente digital. Braga (2013) argumenta que o atual espaço social necessita de adequações e requerem do pesquisador a conciliação e a adequação de métodos originalmente criados, para outros espaços sociais, e que é neste mesmo espaço que nasce a etnografia virtual. Retomando o estudo de Corrêa e Rozados (2017), podemos compreender que a etnografia é um método de pesquisa:

[...] baseado na observação participante e no trabalho de campo online, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por computador como fonte de dados para a compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunais. (CORRÊA; ROZADOS, 2017, p. 3).

De acordo com as autoras, Amaral, Natal e Viana (2008) o termo netnografia tem sido comumente utilizado por pesquisadores da área do marketing e da administração e já o termo etnografia virtual é mais empregado pelos pesquisadores da área da antropologia e das ciências sociais. Para fins didáticos, utilizamos ambos como sinônimos.

Os estudos sociolinguísticos utilizam o método de pesquisa etnográfico. Em linhas gerais compreende-se que, etnografia é um método de investigação nascido da antropologia que contém técnicas que equipam o pesquisador para o trabalho de observação, a partir da inserção em comunidades para pesquisa, em que o pesquisador adentra de modo intrassubjetivo com o objeto de estudo.

Assim, a mudança dessa metodologia para estudos mediados por instrumentos tecnológicos recebe o nome de Netnografia, ou Etnografia virtual. De modo que compreendemos, ser possível sua adesão também no campo da Sociolinguística, pelo

entendimento de que “muitos objetos de estudo localizam-se no ciberespaço” (MONTARDO & ROCHA, 2005, p. 01) e necessitam de instrumentos apropriados para sua análise. Desse modo, esse entendimento inicial, percebemos a Etnografia virtual como um dos métodos qualitativos que expande o leque de possibilidades dos estudos da linguagem nos espaços digitais.

5.2.1 Vantagens do método Netnográfico

A netnografia, como transposição virtual das formas de pesquisa face a face, segundo Kozinets, (2002) nos mostra vantagens evidentes como, consumir menos tempo, ser menos custosa em termos financeiros e até mesmo menos subjetiva. Outras vantagens do método netnográfico que podemos elencar e que serão úteis para nosso estudo, são:

Anonimato: Permite que a pesquisa seja menos invasiva, visto que pode ser como um meio de observação neutro do pesquisador sobre comportamentos naturais de uma comunidade durante seu funcionamento, fora de um espaço fabricado para pesquisa, sem que o pesquisador se interfira diretamente no processo como participante fisicamente presente;

Acessibilidade: Outra vantagem, diz respeito ao acesso à informação, a qual fica mais viável, uma vez que a própria criação de dados *on-line* é feita de modo textual. Nos métodos face a face de pesquisa qualitativa, é preciso que os dados sejam transcritos para análise. No que diz respeito à abordagem do objeto de estudo, a etnografia virtual possui métodos e técnicas que de acordo com Kozinets (2010), vai além de compreender as comunicações realizadas no ambiente digital como conteúdo, mas como interações sociais, expressões cheias de interpretações. Além de que, a análise, a partir do método netnográfico, leva em consideração as palavras usadas nas interações sociais e os elementos do campo virtual escolhido (no caso o *Instagram*), a linguagem, a história, os significados e o tipo de interação realizada.

Arquivamento: Assim, dentre as vantagens de utilizar o método netnográfico, está a coleta de dados, pois uma das propriedades das ferramentas de comunicação mediada por tecnologia digital, é o arquivamento, ou seja, a capacidade de manter um registro das interações estabelecidas em espaços digitais, como as redes sociais. Uma das vantagens do arquivamento eletrônico é possibilitar o acesso aos dados quantas vezes for preciso durante a pesquisa. De modo que, a ferramenta do próprio computador ou celular, o *PrtScr* ou *print*, realiza a captura da tela, permite que seja salvo de modo mais efetivo o conteúdo

compartilhado nesses espaços digitais. Isso por que, apesar de muitos conteúdos publicados nos espaços digitais serem públicos e se propagarem muito facilmente, podem ser temporários e até ser excluídos.

Desse modo, compreendemos que as ações e interações dos indivíduos no ambiente digital são o ponto central do método netnográfico. Contudo elementos contextuais são aplicados para expandir a compreensão do objeto.

Corrêa e Rozados (2017), afirmam que esses recursos auxiliam o pesquisador a atingir *insights* em relação aos fenômenos estudados, sejam eles culturais, sociais, informacionais ou outros. Nesse sentido, os autores explicam que:

A netnografia aproxima-se muito da etnografia tradicional. Em pesquisas na qual a noção de comunidade não é importante, isto é, onde o foco não seja um grupo com características comunitárias, a abordagem do objeto de estudo tende a ser diferente. Em alguns casos, importa mais o fenômeno que está sendo observado através das manifestações dos indivíduos que identificar ou descrever quem está falando. Os dados coletados em campo podem ser classificados em três tipos: dados arquivados, dados extraídos e dados de notas de campo. (CORRÊA; ROZADOS, 2017, p. 9).

O nosso *corpus*, consiste em dados arquivados, isso significa de acordo com Kozinets (2014) os dados que são publicados de modo espontâneo pelos participantes do espaço digital, sem que haja um estímulo do pesquisador. Os dados extraídos podem ser obtidos nas interações do pesquisador com os membros da rede, seja através de postagens, entrevistas por correio eletrônico ou mensagens instantâneas. E os dados de notas de campo, correspondem às anotações do pesquisador sobre diferentes pontos relacionados à pesquisa.

Assim, concordamos com Braga (2013), quando afirma que cada objeto de estudo exige um instrumento metodológico particular. Pois, quando não é possível trabalhar com todo o espaço digital escolhido, no caso o *Instagram*, podemos escolher alguns pontos dinâmicos de interação, como os comentários e publicações realizadas no ambiente pesquisado.

5.3 Definição e constituição do *corpus*

O *corpus* deste estudo constitui-se de duas partes, a primeira diz respeito às variedades linguísticas lexicais, expressas nas publicações selecionadas da rede social digital *Instagram*, mais precisamente de quatro perfis, os quais se denominam: dicionário Alagoanês; dicionário Paraibano; dicionário Sergipanês; dicionário Baiano.

Os dicionários do Nordeste, isso porque de alguns anos para cá tem surgido uma nova onda de estudos dialetais e sociolinguísticos direcionado ao aspecto léxico, mais precisamente na publicação de dicionários, vocabulários e glossários de falares regional. Essa onda de estudos voltada para o léxico tem origem principalmente no Nordeste, conforme Aragão (2000):

[...] segue uma tradição começada por Pereira da Costa (1937) com o Vocabulário pernambucano; Leon Clerot (1959), com o Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba; Raimundo Girão (1967) com o Vocabulário Cearense; Horácio de Almeida (1979) com o Dicionário popular paraibano; Raimundo Nonato (1980) com o Calepino potiguar-gíria rio-grandense; Tomé Cabral (1982) com o Dicionário de termos e expressões populares e entre outros. (ARAGÃO, 2000, p. 1)

Nesse sentido, passamos a observar a partir da rede social *Instagram*, a criação de denominados dicionários, para diferentes estados da região do nordeste. Assim, notamos que as pessoas nos espaços digitais também começaram a interessar-se, ainda que inconscientemente pelo registro do léxico regional, ou seja, a criação de dicionários, glossários e vocabulários regionais. Porém, atualmente de modo mais informal, com auxílio de uma grande ferramenta que é a rede social digital.

Desse modo, iniciamos a fase de observação ou exploratória. Pois, é a fase que mais surge questões. Por exemplo, como, por que e quais páginas virtuais iríamos escolher para representar a região nordestina? Para tanto, definimos alguns critérios:

O primeiro critério, a página precisaria ter um bom engajamento com seus seguidores, mensuramos que isso seria constatado por meio do número de seguidores e a quantidade de publicações. Algumas páginas como o Dicionário alagoano viralizou e foi matéria de diferentes jornais.

O segundo critério, foi observar se as publicações tinham de fato conteúdo, não somente social e cultural, mas também com aspectos linguísticos relacionados com o estado do nordeste.

Desse modo, procedemos à feitura de um levantamento dos já referidos dicionários, considerando todos os vocábulos/expressões. Vale dizer que o estudo que ora realizamos segue os passos seguintes: 1) fase de observação e coleta de dados e 2) análise do material.

A fase 1 – de observação e coleta de dados, compreende ao período da coleta dos *posts*, o qual foi um tanto extenso, abarca desde a fase de observação das páginas virtuais, correspondendo ao período do segundo semestre de 2020. Isso por que, conforme nos

lembra Kozinets (2014), a fase da coleta dos dados, significa comunicar-se com membros de uma cultura ou comunidade, o que requer por parte do pesquisador; envolvimento, engajamento, contato, interação com o campo de análise.

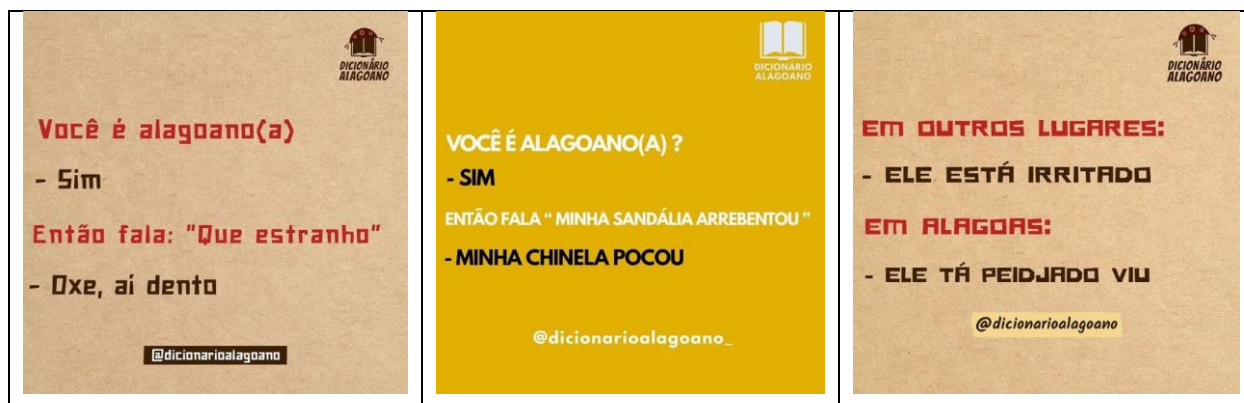
Nesse sentido, o cuidado com a seleção e constituição do *corpus*, é um dos pontos principais no desenvolvimento desse estudo. Assim, delimitamos o nosso objeto representado por termos e expressões que demonstram a variação no nível lexical. A escolha não foi aleatória. Pelo contrário, fizemos a seleção em conveniência com nossos objetivos e hipótese. Pois de acordo com Kozinets (2014) no método Netnográfico, a coleta de dados não acontece de modo isolado da análise de dados.

A fase da análise do material será apresentada em duas etapas, a primeira corresponde à parte linguística, na qual apresentaremos as variantes lexicais por meio de categorias e quadros com a variante lexical transcrita conforme a publicação. Não utilizaremos a imagem do *print*, para não encher os textos de imagens, por isso esses *prints* ficarão arquivados nos anexos, com indicação correspondente de cada perfil. Assim, para facilitar localização dessas imagens na parte de análise cada quadro terá uma nota de rodapé indicando a página.

A segunda parte da análise aconteceu com os dados selecionados a partir dos comentários dos seguidores dos dicionários. Assim, foram feitas as seleções dos comentários que mais expressavam um comportamento linguístico, seja positivo ou não, diante da variação publicada.

A seguir apresentamos quatro quadros contendo as palavras selecionadas dos dicionários nordestinos do *Instagram*, como exemplo, do nosso *corpus* de análise.

Quadro 2 - Dicionário Alagoanês



Fonte: quadro elaborado pela autora. Imagens retiradas da página:
 <<https://www.instagram.com/dicionarioalagoano/?hl=pt-br>>

Quadro 3 - Dicionário Sergipanês



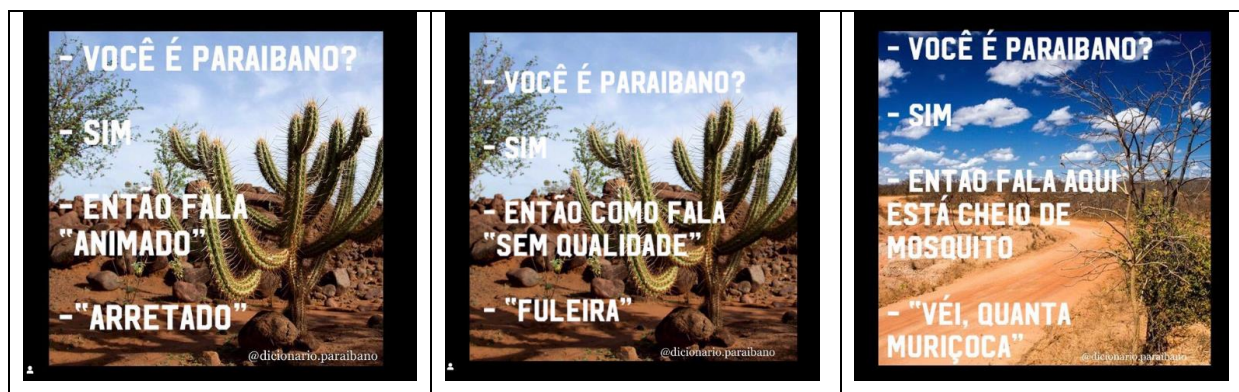
Fonte: quadro elaborado pela autora. Imagens retirada da página:
 <https://www.instagram.com/sergipanes_oficial/?hl=pt-br>

Quadro 4 - Dicionário Baiano



Fonte: quadro elaborado pela autora. Imagens retiradas da página:
 <<https://www.instagram.com/dicionario.baiano/?hl=pt-br>>

Quadro 5 - Dicionário Paraibano



Fonte: quadro elaborado pela autora. Imagens retiradas da página:
<https://www.instagram.com/dicionario.paraibano>

As publicações coletadas somam o total de vinte e cinco (25) variantes lexicais, mais especificamente, do Dicionário Alagoano selecionamos oito (08); Dicionário Sergipanês, seis (06); Dicionário Baiano, seis (06) e Dicionário Paraibano, cinco (05). Todos os dados foram arquivados em seu formato original, por meio da ferramenta de captura de tela. Pois como já mencionamos, no tópico anterior, nossos dados são dados arquivais copiados diretamente do perfil digital do *Instagram*, cuja criação é espontânea, o pesquisador não está envolvido.

Assim, com intuito de gerar um ponto em comum entre os dados, optamos por organizar em categorias:

Quadro 6 - Categorias de análise- Aspectos lexicais

Alagoanês	Baiano	Sergipanês	Paraibano
Partes do corpo humano			
Expressões/emoção			
Vestuário			

Fonte: Quadro elaborado com base na obra: *Dicionário de Termos e expressões de Mato Grosso de Carlos Gomes de Carvalho*

O autor Câmara JR. (1979) argumenta sobre as designações das coisas que são a partir de campos semânticos mais íntimos do indivíduo:

A importância lingüística está aqui ligada à estrutura fundamental da cultura a que a língua serve e às designações das coisas e atividades humanas básicas. Os campos semânticos (sic) referentes a essas coisas e atividades, dentro da estruturação cultural, são preenchidos por palavras nucleares da língua, decorrentes do acervo mais íntimo e primitivo; as

contribuições por empréstimo e as substituições lexicais posteriores são aí altamente expressivas. (CÂMARA JR., 1979, p. 199-200).

Desse modo, uma das nossas preocupações em relação à organização dos dados, era não poluir visualmente o texto com muitas figuras, no caso, publicações. Assim, uma opção foi apresentar parte dos dados por meio de transcrição, organizadas em quadros.

A seguir, seguem os quadros indicando as categorias em que *corpus* está organizado. Vale mencionar que não foi uma escolha previamente pensada, mas sim os dados que foram direcionando a forma de organização, bem como as categorias necessárias.

Quadro 7 - Categoria: Expressões/Emoções

DICIONÁRIO	INTERAÇÃO VIRTUAL	VARIAÇÃO LEXICAL
Dicionário Alagoanês	Você é alagoano(a) ? -Sim! Então fala: “Ele(a) está irritado”	- Ele(a) está peidjado
Dicionário Sergipanês	- Cê é de onde? - Sou de Sergipe. - Falai “Agoniado/impaciente!”	- Aperreado!
Dicionário Baiano	Você é baiano? -Sou Então fale “estou surpreso”	- Oxe!
Dicionário Paraibano	Você é Paraibano? - Sou Então fala: “animado”	- Arretado

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das publicações feitas no *Instagram*.

Tal campo reflete ações, respostas do corpo a estímulos externos que envolvem experiências pessoais, comportamentais e fisiológicas, gerando um sentimento de prazer ou de descontentamento. Podendo haver variações para irritado, animado, surpreso e entre outros.

Quadro 8 - Categoria: Vestuário

DICIONÁRIO	INTERAÇÃO VIRTUAL	VARIAÇÃO LEXICAL
Dicionário Alagoanês	Você é alagoano(a) ? -Sim! Então fala: “minha chinela”	- Minha alpercata
Dicionário Sergipanês	- Cê é de onde? - Sou de Sergipe. - Falai “Chinelo”	- Japonesa!
Dicionário Baiano	Você é baiano? -Sou Então fale “Casaco”	- Capote
Dicionário Paraibano	Você é Paraibano? - Sou Então fala: sutiã	- Corpete

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das publicações feitas no *Instagram*

Essa categoria indica peças de vestir, podendo variar desde vestimentas femininas até calçados. É um campo bastante expressivo de diferenças.

Quadro 9 - Categoria: Partes do corpo

DICIONÁRIO	INTERAÇÃO VIRTUAL	VARIAÇÃO LEXICAL
Dicionário Alagoanês	Você é alagoano(a) ? -Sim! Então fala: “Vagina”	- Tacaba
Dicionário Sergipanês	- Cê é de onde? - Sou de Sergipe. - Falai “Suba nas minhas costas”	- “suba na minha cacunda ”
Dicionário Baiano	Você é baiano? -Sou Então fale costas	- cacunda
Dicionário Paraibano	Você é Paraibano? - Sou Então fal: “barriga”	- Bucho

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das publicações feitas no *Instagram*

O autor Mattoso Câmara Jr. (1979) desenvolve uma interessante análise da constituição do léxico português a partir de cinco campos conceituais, dentre eles partes do

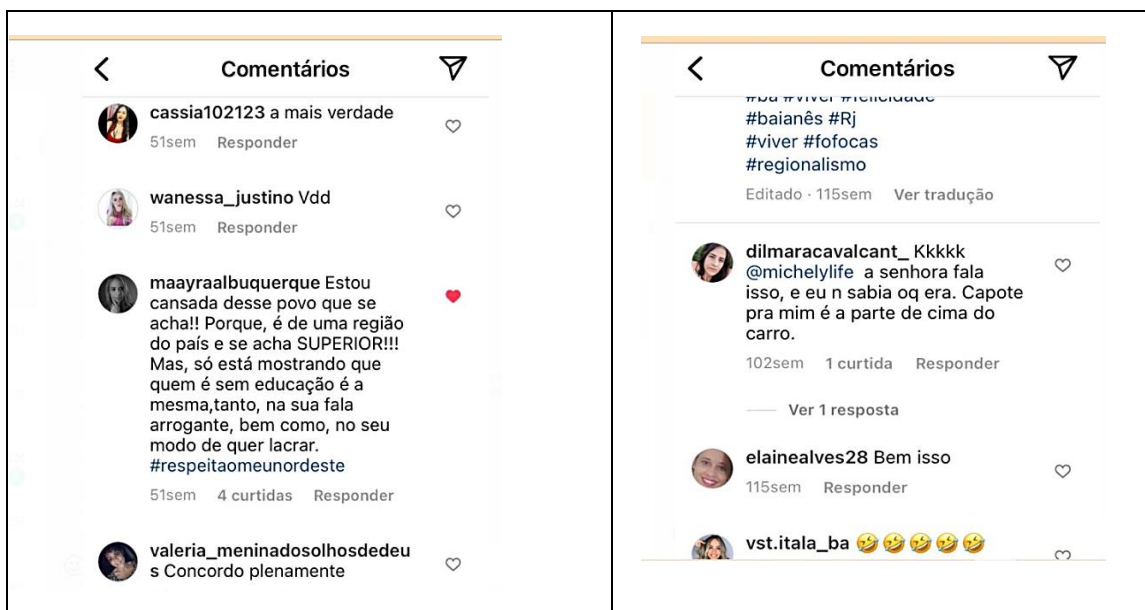
corpo humano. Percebemos que é uma área temática bastante pertinente, visto que além de fazer parte do íntimo do indivíduo é um campo natural, para nós seres humanos. Nesta categoria, veremos desde variações para partes íntimas do corpo humano até características de uma parte do corpo.

A segunda parte dos dados, como já mencionamos, diz respeito à interação dos seguidores com as publicações. Desse modo, como são quatro perfis de dicionários, cada um representando uma região do Nordeste, foi preciso observar muitos comentários e selecionar aqueles que expressavam um comportamento frente à variação lexical e ao perfil como um todo. Assim, selecionamos no total, vinte e cinco comentários que expressam um comportamento linguístico e identitário em relação à variedade nordestina. Pois na fase de observação e coleta de dados, notamos que o número de seguidores influencia na interação com as publicações.

Assim, como nosso objeto de pesquisa nessa segunda parte da análise é identificar opiniões, crenças, avaliações e tendências de comportamento, fruto das identidades individuais e sociais, compreendemos que os nossos dados em questão não podem ser quantificados. Pois, como já citamos (o tópico 5.1) a pesquisa qualitativa “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Por isso, tendo em vista essa escolha metodológica, as respostas foram primeiramente observadas e selecionadas, posteriormente à análise descritiva dos dados, ou seja, à interpretação qualitativa dos comentários dos seguidores dos perfis dos dicionários nordestinos do *Instagram*, comentando pontos que fossem relevantes para este estudo. Para ilustrar as discussões, foram reproduzidos excertos dos comentários dos seguidores. Para o desenvolvimento da análise, as questões foram reagrupadas por blocos de acordo com o que observamos dos comentários, ou seja: pensamentos e crenças (aspecto cognitivo); sentimentos e emoções (aspecto afetivo) Esse reagrupamento foi inspirado na contribuição dos psicólogos sociais acerca dos métodos de “medição” das atitudes.

Quadro 10 - Exemplos- Comentários



Fonte: quadro elaborado com imagens retirada dos perfis @dicionarioalagones e @dicionario.baiano.

Vale ressaltar que os comentários foram selecionados, por meio da ferramenta de captura de tela, portanto, armazenados em seu formato original. Contudo, fica esteticamente inviável demonstrar quarenta e oito comentários por meio da imagem original capturada. Por isso, optamos por transcrever esses comentários na seção das análises, e disponibilizar as imagens em anexo. Assim, a seguir apresentamos por meio de quadros, alguns exemplos em formato original.

SEÇÃO VI

ANÁLISES DOS DADOS: A VARIAÇÃO LEXICAL DOS DICIONÁRIOS DIGITAIS NORDESTINOS

Esta seção apresenta a primeira parte das análises, na qual demonstramos a variação lexical por categorias. Essas variedades em estudo ocorrem em determinadas áreas temáticas como: partes do corpo humano, sentimentos/emoções, acessórios e vestuário. A variação lexical foi constatada nas publicações selecionadas da rede social digital *Instagram*, em quatro perfis denominados de: dicionário Alagoanês, dicionário Paraibano, dicionário Sergipanês e dicionário Baiano.

6.1 Contextualizando as análises

Como já mencionamos no decorrer deste estudo um dos nossos objetivos, é demonstrar como o léxico nordestino está cada vez mais difundido nos espaços digitais, mais especificamente, na rede social digital *Instagram*. Desse modo, ao observarmos essa plataforma digital, notamos uma crescente onda de denominados dicionários para diferentes regiões do Nordeste. E isso, para nós como estudiosas da linguagem e dos espaços digitais é algo que chama atenção e merece ser analisado e principalmente evidenciado para o meio acadêmico.

Por isso, a fase de observação foi tão importante, pois ao selecionar os perfis digitais: o dicionário Alagoanês, o Baiano, o Paraibano e o Sergipanês compreendemos a necessidade de uma coleta de dados específica e, principalmente, com materiais teóricos que nos dessem argumentação relevantes para demonstrar a importância desses léxicos nordestinos, publicados de modo tão espontâneo e desprezioso.

Para tanto, quando trabalhamos com o léxico dentro dos estudos de variação e processo de significação, nos aparecem dois caminhos teóricos, a Sociolinguística do ponto de vista linguístico/social e nos estudos dialetais e lexicográficos do ponto de vista linguístico do léxico.

Doiron (2017) argumenta que, a análise os dados obtidos, como variantes fonéticas, lexicais, morfossintáticas e metalinguísticas, tornam-se, portanto, como uma ferramenta a mais na investigação da realidade do português brasileiro. Assim, ainda que esse não seja objetivo deste estudo realizar um estudo específico das variantes lexicais

obtidas, pretendemos aqui fazer uma síntese de algumas das variantes lexicais, notadamente, aquelas que inspiram estarem mais arraigadas nas tradições populares, no dia a dia dos indivíduos e agora nos espaços digitais.

Para tanto, nosso intuito inicial era recorrer somente aos Atlas linguísticos do Brasil e atlas regionais consolidados, todavia, esses materiais não abarcam todas as variedades lexicais encontradas nos perfis digitais aqui analisados.

Por isso, optamos por apoiarmos também em estudos disponíveis, sejam dissertações, teses e estudos que revelem sobre a variação lexical dos estados em questão. Assim, em muitos momentos utilizaremos a tese de doutorado: **A motivação semântica nas respostas dos informantes do atlas linguístico do estado de Alagoas (ALEAL)**, feito por Maranúbia Pereira Barbosa Doiron; **O vocabulário Dialectal Baiano vol. I e II**, de Ismar Neiva de Santana; **O Atlas Linguístico do Brasil; O vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino**, de Vivian Regina Orsi Galdino De Souza; **A variação fonético-lexical em Atlas Linguístico do Nordeste**, feito por Maria do Socorro Aragão (1999) e entre outros.

Pois, desse modo trataremos do ponto de vista linguístico, da extensão que essas variedades lexicais podem alcançar. E assim, conseguiremos atestar a legitimidade e possível extensão das variedades selecionadas, nos apoiaremos nos trabalhos dialetais já publicados, pois, muitos aspectos lexicais foram encontrados, demonstrando a variabilidade com que o falante do Português Brasileiro se depara, em especial os nordestinos.

Os dicionários também serão fonte de consulta para este estudo, por isso selecionamos o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa-Cunha (2010) com intuito, quando possível, verificar a etimologia do item lexical. E por meio do Dicionário UNESP do português contemporâneo- BORBA (2011). Objetivamos verificar se a variante lexical já está incorporada na língua portuguesa, caso sim, com que acepção.

Isso porque, acreditamos que consultar os itens lexicais nos dicionários é de grande relevância, ainda que estes não deem conta da dinamicidade e elasticidade da língua, não necessariamente recobrem o léxico regional. E também não possuem tal objetivo, contudo, dada a importância que a sociedade atribui a essas obras (assim como vimos na seção IV), torna-se importante verificar a extensão que podem atingir as formas lexicais típicas da variação regional e como elas são percebidas pela língua institucionalizada.

Assim, gostaríamos de evidenciar que a variação lexical encontrada nos chamados dicionários na rede social *Instagram*, possui legitimidade, valor linguístico e social. Os

dados selecionados, não são parte de um imaginário criado para o ambiente virtual, mas sim de uma história de uma comunidade linguística, que já existia antes da *internet*, e que agora por meio, desta ferramenta tecnológica buscam dar visibilidade, prestígio para um léxico, no caso o nordestino.

Pois, existe uma tendência de considerarem como inferior os falares regionais, principalmente, quando se trata da fala dos nordestinos. Assim, alguns aspectos do falar, são marginalizados. Conforme Labov (2008, p. 362), “o estereótipo social é um fato social”, pois há sempre um grupo de pessoas ou comunidade que considera o seu modo de falar mais correto e aqueles que não seguem esse modelo sofrem com a estigmatização (BAGNO, 2007).

6.2 A variação lexical por áreas temáticas: Partes do corpo humano

A temática **corpo humano** constitui-se de nove lexias das quais se pode obter as designações/variantes¹⁰ para diferentes partes do corpo. Esse campo semântico, é relevante uma vez que percebemos como os estudos do corpo humano em suas diferentes dimensões é objeto de pesquisa de muitos estudiosos, justamente, por ser a primeira via de acesso ao mundo do ser humano, traz consigo a identidade e as experiências de cada indivíduo na sociedade. A autora, Luna (2010) argumenta que:

Desde la Antigüedad, el hombre ha pretendido desentrañar las relaciones que existen entre la mente, el cuerpo y la realidad externa a él. Se puede considerar una de las cuestiones fundamentales de la filosofía de todos los tiempos (LUNA, 2010, p. 21).

Desse modo, podemos perceber que o corpo se torna o elo entre a mente e a realidade, pois, muitas vezes, quando o indivíduo não sabe denominar determinada coisa, por processos de figuras de linguagens, como analogias e metáforas, utiliza partes do corpo para dar nomes a objetos externos. Rodrigues (2006), em seu livro *Tabu do corpo*, analisa a relação do corpo com a sociedade e as representações resultantes do contato social. Esse é um trabalho antropológico, fundamenta a teorização do processo de nomeação de partes do corpo que se faz a partir da perspectiva linguística.

¹⁰ Segundo Calvet (2002, p.170) variante é a forma linguística que representa uma das alternativas possíveis para a expressão, num mesmo contexto, de determinado elemento fonológico, morfológico, sintático ou léxico. Por exemplo, no português brasileiro, as pronúncias *praça e placa* para o que se escreve PLACA.

6.2.1 Dicionário Alagoanês- partes do corpo humano

Nesse campo semântico, corpo humano, encontramos variantes Semântico-lexicais do plano de estudo do tabuísmo, por isso trouxemos a lume o léxico de conotação sexual, que também foi registrado no Atlas Linguístico do ALEAL.

No perfil do *Instagram*, do Dicionário Alagoanês, para a temática corpo humano, selecionamos quatro variantes. Iniciaremos nossas análises pelas três variantes que designam às genitálias masculinas e femininas. Pois, diante dos estudos sobre o léxico, sob um olhar para a sociedade, constatamos poucas variantes para nomear partes íntimas do corpo humano.

Abaixo segue o quadro com as variantes lexicais encontradas no dicionário Alagoanês. Selecionamos quatro variações para as partes do corpo humano, sendo três relacionadas às partes íntimas do corpo e uma relacionada às características dos membros inferiores-pernas. Conforme o quadro a seguir:

Quadro 11 – Dicionário Alagoanês – Partes do corpo humano

Lexia	Varição lexical¹¹
Vagina	<i>Tabaca</i>
Pênis	<i>Chibata</i>
Clitóris	<i>Pinguelo</i>
Pernas finas	<i>Cambitos</i>

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas publicações do perfil @dicionarioalagoanes.

Tais variantes tornam este tópico ainda, mais interessante e altamente relevante, visto que, percebemos que nos Atlas linguísticos de modo geral, a temática corpo humano fica restrita somente a algumas partes do corpo humano. Isso por que, existe o que se chama de *Tabu*¹² linguístico. Dar nomes aos órgãos reprodutores femininos e masculinos é cercado de proibição. Pois, é considerado como um léxico erótico, obsceno que revela por meio do seu contexto histórico a visão de a que não se deve falar.

¹¹ O *print* dessas variedades selecionadas pode ser encontrado nos anexos, página 161.

¹² Segundo o dicionário crítico de Sociolinguística, “O termo *Tabu* provém do tongano (língua polinésia) *tapu*, que significa “posto à parte, proibido”. [...] Nos estudos linguísticos, são consideradas tabus determinadas palavras cujo emprego é evitado por certos contextos.” (BAGNO, 2017, p. 445).

De acordo com Preti (1984, p. 3), uma “linguagem proibida” constitui-se de “[...] formas estigmatizadas e de baixo prestígio, condenadas pelos padrões culturais, o que as transformou, com poucas exceções, em tabus linguísticos”.

Assim, destacamos a seguir a variante *tabaca*, a qual designa a genitália feminina vagina:

Lexia	Vagina
Variante	<i>Tabaca</i>

A variante *tabaca* para órgão sexual feminino foi atestada no Atlas linguístico de Alagoas- ALEAL de Doiron (2017), a autora em seu estudo de campo em regiões alagoanas, explica que a variante *tabaca* surge a partir da questão de número 39 do QSL, “*como chamam por aqui a planta cultivada para a fabricação daqueles produtos que algumas pessoas fumam?*”. A partir desta questão Doiron (2017) menciona que ao entrevistar um informante do sexo masculino, em Maceió, registrou: [ta'bakU], e que neste momento percebeu que o informante se esquivava de responder, e explicou o motivo:

[...]a planta era o *tabaco*, mas esse nome correspondia ao órgão sexual feminino. Perguntei-lhe, então, qual seria a designação para a planta. Ele respondeu: —*fumol*, mas essa palavra também não era bem vista, pois remete ao órgão sexual masculino. Insisti na questão, tentando saber dele como denominar a referida planta, se não se pode dizer nem *tabaco* e nem *fumo*, no que ele desconversou, dizendo que havia outro nome para o referente, mas não se lembrava naquele momento. (DOIRON, 2017, 80. grifo nosso).

Nesse sentido, podemos pensar no significado etimológico da lexia *tabaco*. No dicionário etimológico da língua portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha, encontra-se o seguinte registro: “*Tabaco sm.* Planta da fam. das solanáceas, cujas folhas dessecadas constituem o fumo ou tabaco.” (CUNHA, 2010, p. 617).

Já a variante *tabaca* possui registro no dicionário Português contemporâneo da UNESP (BORBA, 2011, p.1330), “TABACA ta- ba-ca (*Or duv*¹³) **Sf**¹⁴ (*Ch*¹⁵) vulva”. A variante dicionarizada é registrada como termo chulo.

Os dicionários informais na *internet*, também registram a lexia *tabaco* com flexão do gênero feminino, o simples ato de digitar a palavra no site *Google* já exhibe diversos sites

¹³ O dicionário do Português contemporâneo (BORBA, 2011) define a abreviação como; origem duvidosa.

¹⁴ **Sf**; substantivo feminino.

¹⁵ Ch; chulo.

de dicionários informais, denominando *tabaca* como órgão sexual feminino, origem nordestina.

E, assim, surge o questionamento qual a relação da lexia *tabaco* com o órgão sexual feminino, então? Do ponto de vista linguístico, podemos compreender que as variantes para os órgãos sexuais, possuem um processo metafórico que demonstra uma tendência popular, e que pode basear-se numa relação física, como na metáfora *gíria*. A maioria das metáforas, que se referem às partes íntimas, constituem imagens muito banais, de rápida compreensão. Ullmann (1964) explica que as palavras podem ser motivadas por fatores semânticos, motivados pela semelhança.

Scerbo (1991, *apud* SOUZA, 2007, p. 80) corrobora argumentando que a origem das metáforas e eufemismos relacionados às partes íntimas do corpo humano está relacionada, a motivações como: - forma e características de alguns objetos; forma e características de alguns animais; forma e características de alguns vegetais; contraposições lexicais (por exemplo, “passarinho” e “gaiola” para o sexo masculino e feminino); personificação do genital; idealização e exaltação e feminilização de um nome do genital masculino.

Nesse sentido, destacamos a seguir mais uma variante que selecionamos do dicionário Alagoanês para fazer parte da temática corpo humano, a qual pode ser considerada uma metáfora com a motivação da forma e característica de um objeto:

Lexia	Pênis
Variante	<i>Chibata</i>

Souza (2007) explica que as metáforas desse tipo estão baseadas na forma e também na analogia com a uretra, as quais são próximas da genitália masculina. “[...] Exemplos desse sema /forma/ são “cana”, “canudo” /“canna”; “calabrote”, “chibata”, “chicote””. (SOUZA, 2007, p. 85).

Etimologicamente, a lexia *chibata* vai ao encontro da metáfora com a forma e características de um objeto, pois de acordo com o *dicionário etimológico de língua portuguesa*, tem o seguinte registro: “sf. ‘vara para fustigar’” (CUNHA, 2010, p. 146). Enquanto no dicionário do Português contemporâneo (BORBA, 2011, p. 274) “chi-ba-ta (*Esp*¹⁶) Sf chicote; açoite: *levar uma surra de chibata*”.

¹⁶ Abreviatura para; Espanhol.

Já no Atlas linguístico de Alagoas ALEAL, a autora registra a variante fumo para designar o órgão masculino: “[...] *fumo*, mas essa palavra também não era bem vista, pois remete ao órgão sexual masculino.

Para Dorin (2017, p. 80) muitas das variantes para designar partes íntimas do corpo humano ainda não foram registradas pelos atlas regionais, talvez, por que as cartas lexicais giram em torno de outras temáticas, até mesmo por que, a metodologia para coletar tais dados busca não gerar certos desconfortos nos colaboradores dos estudos.

Assim, notamos ao buscar nas cartas lexicais, com a temática corpo humano, no Atlas linguístico de Alagoas, a variante destacada a seguir:

Lexia	Clitóris
Variante	<i>Pinguelo</i>

Encontramos nas transcrições feitas por Doiron (2017) NOTAS QSL 004 – sobre perguntas relacionadas ao redemoinho (na água). Assim, encontramos nas respostas de alguns entrevistados a lexia *pinguela*, com flexão de gênero feminino, talvez por ser um órgão sexual da mulher. O entrevistado pela autora do ALEAL demonstrou graça ao mencionar a palavra talvez, por que a palavra não fosse designação somente para eventos da natureza como autora sugeriu na pergunta:

PONTO 9 – CORURUPE HGI
 INF.- Pinguela [pi]'gElâ]. (risos).
 INQ. Por que você riu?
 INF. Porque é um nome diferente.
 MGI
 INF- (risos)
 INQ. Por que que tá dando risada?
 INF. Porque chama pinguela [pi]'gElâ] (risos).
 INQ. E por que você deu risada?
 INF. Porque o nome é feio. (DOIRON, 2017, p. 441)

Outro entrevistado demonstrou vergonha ao mencionar a lexia *pinguela*, e deu um possível segundo significado, que seria ponte ou travessia, mas que este não tem relação com o nome:

MGII
 INF.- Travessia.
 HGII.- Ponte, né.
 INQ.- Mas a ponte não é uma coisa mais assim...
 INF.- Porque aqui a gente chama, desculpa dizer, mas pinguela [pi]'gElâ].
 (DOIRON, 2017, p. 442).

Nesse sentido, a vergonha ao mencionar a palavra que remete à parte do órgão sexual feminino, tem relação com o que Scerbo (1991) argumenta que os nomes dos órgãos

sexuais, muitas vezes, possuem sentidos depreciativos em função de ter recebido, por muitos anos, pela tradição e pela religião, valores de objetos, reduzidos à simples função básica de necessidades básicas do corpo humano e à reprodução. O autor explica que por isso, mantém-se ainda, o uso de “vergonha” para se referir aos órgãos sexuais.

Nos dicionários consultados como, Cunha (2010) não encontramos o registro da lexia em questão. Já o dicionário do Português contemporâneo (BORBA, 2011, p. 1074) registou a variante com duas possibilidades, primeira seria parte de algo que abre e fecha, e a segunda acepção seria pênis, registrado como de origem duvidosa e jocoso; “pin- gue- lo (*Or duv*) **Sm**¹⁷ **1** gatilho: *Ouvi os estalos do pinguelo (Ch Joc*¹⁸) **2** Pênis.)

Assim, ao encontrarmos tais palavras, *chibata, tabaca e pinguelo* no perfil do *Instagram*, dicionário Alagoanês, só reforça nossa hipótese de que o indivíduo inserido nas redes sociais digitais busca não só construir relações sociais, mas também reafirmar sua identidade linguística, a qual talvez não seja bem aceita fora desse espaço digital.

Carvalho e Lóssio (2010) corroboram argumentando que:

Cada um tem a oportunidade de construir sua própria rede de relacionamento, e, mesmo autônomos para fazerem suas escolhas, as pessoas buscam aproximarem-se pela linguagem. O que nos chama atenção são as especificidades dos usos linguísticos no suporte digital. É interessante como a diversidade linguística é patente também no ambiente virtual. (CARVALHO; LÓSSIO, 2010, p. 8).

Desse modo, podemos perceber que as três variantes para vagina, pênis e clitóris, são lexias do campo da sexualidade, as quais se enquadram na concepção do que se chamam *tabus* linguísticos, presentes na sociedade. Ao referirem-se a essas partes íntimas do corpo humano, muitos se utilizam de outros nomes, designações populares, pois chamá-los pelo seu verdadeiro nome parece causar-lhes certo desconforto, timidez, constrangimento, pudor.

Nesse sentido, compreendemos que a diversidade e liberdade do léxico nordestino presente no perfil Alagoanês, insere uma nova fase para os estudos da linguagem, pois ao encontrarmos um léxico direcionado para partes do corpo humano de modo tão explícito e sem tabus envolvidos, percebemos que as normas linguísticas não permeiam esse espaço. Todavia, a autora Bortoni-Ricardo, nos lembra:

É interessante constatar que, nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma linguística de prestígio, considerada correta,

¹⁷ Abreviação para; Substantivo masculino.

¹⁸ Abreviação para; jocoso.

apropriada e bela, são ainda mais arraigados e persistentes que outros de natureza ética, moral e estética (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 13).

Ousamos até dizer que esse léxico explícito para designar partes do corpo humano, pode ser melhor aceito nesses espaços de interação digital. Pois como vimos no atlas linguístico ALEAL (2017) os colaboradores da pesquisa sentem receio ao mencionar tais palavras. Ao contrário do que ocorre no dicionário do *Instagram* Alagoanês, a interação o léxico explícito, se realiza de modo dinâmico e livre.

Assim, seguindo essa característica de interação seguidores do perfil Alagoanês, é importante dizer que ela ocorre com todas as publicações feitas pela página, não só de cunho explícito. Para finalizar encontramos a variedade para pernas finas;

Lexia	Pernas finas
Variante	<i>Cambitos</i>

O dicionário etimológico da Língua portuguesa, (CUNHA) não registra a *lexia*. Já a obra dicionarística do Português contemporâneo (BORBA, 2011, p. 225) marca a variante como a aceção do perfil Alagoanês, pernas finas; “cam- bi- to (*Or duv*) **Sm 1** perna fina; caniço; gambito: *A moça vivia suspendendo a saia e mostrando os cambitos.*”

Nessa direção, a variante *cambitos*, para pernas finas, no Atlas linguístico de Alagoas só aparece essa realização para motivação de libélula, como explicação do Sinônimos/variantes no Português Brasileiro: “[...]aviãozinho, cabra-cega, calunga, **cambito**, canzil, catarina, cavalinho-de-judeu, cavalinho-do-diabo, cavalo-judeu, chupeta, donzelinha, fura-olho, furaterra, helicóptero, jaçanã, jacina, jacinta, lava-bunda, lava-cu, lavadeira” (DOIRON, 2014, p 178, grifos nossos). Nos demais atlas linguísticos do Nordeste, como o vocabulário Baiano vol. I e II são mencionados nas cartas lexicais sobre fauna, também como *Cambito* para denominação para libélula.

Portanto, podemos retomar as percepções de Ullmann (1964) e Scerbo (1991) já mencionadas aqui. Pois, o primeiro argumenta no sentido de que muito das denominações para partes do corpo humano nasce da percepção de objetos e/ou coisas da natureza, existe um processo de comparação implícita que revela uma tendência popular, e que pode relacionar-se numa relação física. A maioria das comparações que se referem às partes do corpo humano é a partir de imagens de rápida compreensão, motivados pela semelhança. O segundo autor, corrobora argumentando que a origem para denominações de parte do corpo humano está ligada, à forma e características de alguns objetos; forma e características de alguns animais como no caso *cambitos* que aparece como variação para libélula, o inseto possui características físicas que retomam pernas finas.

6.2.2 Dicionário Baiano- partes do corpo humano

No perfil dicionário Baiano, encontramos duas variações para partes do corpo humano, as quais designam parte dos olhos, as pálpebras e parte do tronco, costas. Conforme o quadro a seguir mostra:

Quadro 12 - Dicionário Baiano- Partes do corpo humano

Lexia	Variante lexical¹⁹
Pálpebras	<i>Capela</i>
Costa	<i>Cacunda</i>

Fonte: quadro elaborado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionariobaiano

Destacamos primeiramente a variedade para pálpebras:

Lexia	Pálpebras
Variante	<i>Capela</i>

O dicionário de Cunha (2010), não registra a lexia *capela*. Mas, Borba (2011, p. 233) registrou a lexia; “ca- pe- la **Sf** santuário pequena igreja; ermida **2** cada uma das partes de uma igreja em que há um altar”

Já no vocabulário baiano vol. II de Santana (2017) apresenta as seguintes realizações: “capa do olho; capelinha e **capela**” (SANTA, 2017, p. 105, grifos nossos). O autor apresentou essas designações para *pálpebras* a partir de amostras de verbetes do *Vocabulário Dialectal Baiano*, por áreas temáticas, no caso, a temática corpo humano.

O Atlas linguístico de Doiron (2017) a partir do questionário fonético fonológico também apresenta essa mesma realização de *capela* para *pálpebras*, a partir da motivação: “... esta parte que cobre o olho? *Apontar*.” (DOIRON, 2017, p. 285). E o Atlas linguístico de Curiúva-PR: Aspectos lexicais, de Siqueira (2015) também registrou a designação de *capela* para *pálpebras*:

Na carta 44, para o nome da parte que cobre o olho, foram coletadas duas variantes: *capela* (52,95%) e *pálpebra* (47,05%), além de sete entrevistados (de ambos os sexos e faixas etárias) que não souberam responder. (SIQUEIRA, 2015, p. 85).

¹⁹ O print dessas variedades selecionadas pode ser encontrado nos anexos, página 161.

Isso demonstra que tal variação não é exclusiva do estado da Bahia, a mesma variação de *pálpebra* foi registrada no atlas de Alagoas e Curiúva- Paraná. Ou seja, a variação *capela* pode ser considerada além da região do Nordeste. Ao contrário do imaginário criado pelo perfil Baiano no *Instagram*, não só essa página, mas as outras também possuem a crença de que o termo ou expressão que eles interagem no perfil é única daquele estado.

Tal extensão dessa variedade lexical pode confirmar a divisão dialetal de Nascentes (1953), pois, nessa direção, o falar Baiano e sulista está como pertencente ao Sul.

Aragão (2013) corrobora com a nossa ideia ao explicar que o Brasil é tido como um país, com diferenças regionais e socioculturais vastas e, justamente por isso, a nossa língua portuguesa, exibe uma variedade bastante significativa, tanto no nível regional quanto social, especialmente em relação ao léxico: “Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região.” (ARAGÃO, 2013, p. 98).

E a variação para costas:

Lexia	Costas
Variante	<i>Cacunda</i>

De acordo com o dicionário Houaiss Conciso (2011, p. 242), o termo **Costas** significa “dorso (região) parte de trás de um objeto”. Na mesma direção o dicionário do Português contemporâneo (BORBA, 2011, p. 214) registra a *lexia*.

Essa variação está mais relacionada às características físicas, no vocabulário dialetal Baiano vol. I Santana (2017) demonstra a realização de *cacunda* para costas, surge a partir da pergunta QSL 107: “[...] *pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (mímica)? ~ cocunda ~ **cacunda** ~ caucunda ~ caucundo ≈ corcundo ~ cocundo ~ gimbrundo. → gimbra*” (SANTANA, 2017 grifos nossos, p. 185).

Todavia, no perfil dicionário Baiano, não faz menção à designação *cacunda* como característica física e sim como parte do corpo humano sem especificação de deformidade ou algo semelhante.

Alkmim e Petter (2008, p. 161) falam sobre Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje, as autoras realizaram um levantamento de vocábulos de origem africana em registros de estudiosos dos séculos XIX e XX. O *corpus* do trabalho foi constituído a partir de uma pesquisa considerada como o mais completo dos registros do léxico de origem

africana no Brasil. E registraram a variação *cacunda*, tal como designação para dorso das costas e originado da língua bunda ou Angolense.

E no perfil dicionário Sergipanês, também encontramos a realização de *cacunda* para costas, como demonstramos a seguir.

6.2.3 Dicionário Sergipanês- partes do corpo humano

No dicionário Sergipanês apenas uma realização para partes do corpo humano, que é a mesma encontrada no dicionário Baiano.

Quadro 13 - Dicionário Sergipanês- Partes do corpo humano

Lexia	Variante lexical ²⁰
Costas	<i>Cacunda</i> ²¹

Fonte: quadro criado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionariosrgipano

Como já argumentamos anteriormente a variação *cacunda* para costas, está diretamente ligada à deformidade nos estudos linguísticos. Beaurepaire (1889) registra apenas como “Cacunda”, no sentido de dorso costas, ainda considera a hipótese do termo *cacunda*, seja uma alteração do termo vulgar *corcunda*. Em nossos estudos encontramos a variação de *cacunda*, significando costas, e não relacionado à deformidade.

Ao encontrarmos a variante lexical *cacunda* com a mesma significação tanto no perfil dicionário Baiano e no perfil dicionário Sergipanês, nos lembra do estudo feito por Mota e Oliveira (2022), no qual as autoras realizaram um estudo comparativo de dados lexicais do Atlas prévio dos falares baianos- APFB (ROSSI, 1963), do Atlas linguístico de Sergipe - ALS (FERREIRA *et al.*, 1987) e do Atlas linguístico do Brasil - ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014). O objetivo era verificar a existência do ponto de vista lexical, de um contínuo entre Bahia e Sergipe, estados que integram o chamado subfalar baiano na proposta de Nascentes (1953) para uma divisão dialetal do Brasil.

²⁰ O *print* das variedades selecionadas para categoria partes corpo humano do perfil dicionário Sergipanês, pode ser encontrado nos anexos, página 162.

Assim, talvez com essas mesmas realizações tanto no dicionário Baiano quanto no Sergipanês seja explicada por meio desse estudo, pois, as autoras argumentam que se pôde observar que Bahia e Sergipe, integram uma mesma área dialetal no sentido de que Sergipe dá continuidade à realidade linguística baiana.

6.2.4 Dicionário Paraibano- partes do corpo humano

Quadro 14 - Dicionário Paraibano- Partes do corpo humano

Lexias	Variante lexical ²²
Barriga	<i>Bucho</i>
Calcanhar	<i>Mocotó</i>

Fonte: quadro elaborado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionarioparaibano.

No perfil do dicionário Paraibano, encontramos duas realizações para diferentes partes do corpo humano, destacamos a primeira;

Lexia	Variante
Barriga	<i>Bucho</i>

O autor Cunha (2010, p. 104) em sua obra, dicionário etimológico da língua portuguesa, registra tal variação como referente aos animais mamíferos, sem relação com corpo humano: “*Sm* ‘estômago dos mamíferos e dos peixes’ XI. De origem controvertida; talvez seja de formação expressiva.”

Já Borba (2011, p. 204) registra a variante *bucho*, além do entendimento de estômago de animais, no dicionário do português contemporâneo, encontra-se também a variação da lexia em questão, assim como o sentido do perfil paraibano “*bu- cho* 2 estômago humano: *O coitado levou um soco no bucho*. 3 ventre de ser humano: *Diocleiana já estava com mais um no bucho*”.

Contudo, retomando o registro de Cunha, confirmamos o que já argumentamos no início dessa categoria, muitas das variações lexicais em relação a partes do corpo que tem relação com a natureza e o mundo animal, isso talvez justifique a realização de *bucho* para

²² O *print* das variedades selecionadas para categoria partes corpo humano do perfil dicionário Paraibano pode ser encontrado nos anexos, página 162.

barriga. O Atlas Linguístico- ALEAL (2017), registrou a variação *bucho*, a partir do campo Semântico corpo humano:

Questão do QSL 102 – ÚTERO. [...] Dois homens, um jovem e outro da faixa etária II disseram que o bebê, antes de nascer, fica no *bucho*. O informante mais jovem, vaqueiro de profissão, comentou que nas fêmeas, sejam elas animais ou mulheres, o local onde o ser está gerando é o mesmo: no *bucho*. (DOIRON, 2017, p. 224).

Assim, podemos ver também na canção do compositor e cantor Luiz Gonzaga, a variação *bucho*, como marca do falar nordestino:

[...] Vou ver meu padim
De **bucho** cheio ou **barriga** vazia
Ele é o meu pai, ele é o meu santo.
É minha alegria. (GONZAGA, SILVA, p. 1986).

A canção confirma a lexia *bucho* é sinônimo de barriga, *estômago* humano, pois o Padim Ciço é o pai, é o santo, é a alegria em quaisquer condições.

O registro da variação *bucho*, também pode ser encontrada além da região Paraibana, Azevedo (2015) em seu estudo, *Atlas semântico-lexical do norte de Mato Grosso –ASLNMAT: Suas influências topodinâmicas*, registrou a variação *bucho* para barriga, o autor a partir da questão relacionada à parte do corpo:

[...]... parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?, para o objeto/conceito “útero”, os informantes deram como resposta as seguintes lexias: barriga, bucho, útero, utro, mãe do corpo e utre. As variantes mais usadas pelos falantes da região foram as lexias “útero”, “utro” e “barriga” (AZEVEDO, 2015, p. 355).

Assim, destacamos a segunda variação lexical do campo Semântico, encontrada no perfil do dicionário Paraibano:

Lexia	Variante
Calcanhar	<i>Mocotó</i>

No dicionário etimológico (2010) não existe o registro da variante *mocotó*. Todavia, a variante é encontrada no dicionário do português contemporâneo (BORBA, 2011, p. 929): “Mo -co -tó (*Tupi*) **Sm** extremidade dos membros bovinos, desprovidos do casco; pata de boi: *Comprava mocotó para fazer geleia*”.

Podemos notar mais uma variante de origem indígena, nessa direção etimologicamente Marroquim (1934) em sua obra sobre a Língua do Nordeste, marca o termo *mocotó* como originário da língua *Tupi*.

Assim, a variante para designação do tornozelo, osso redondo que fica na frente do joelho, segundo Aragão (1999) está registrada como *mocotó* nos Atlas Linguísticos da Paraíba (1984), Bahia (1963) e Sergipe (1987). Contudo, tal variação também foi registrada no Atlas Linguístico Sul Amazonense-ALSAM (2018). A carta lexical do campo semântico calcanhar registra:

NÃO SOUBE RESPONDER: MA01 (Boca do Acre).

2. HB02 (Boca do Acre): **Calcanhar** aqui, o chamado calcanhar que é o **tornozelo**, né?

3. MA02 (Tapauá): **Calcanhar**, ou **mocotó**, né, que a gente chama. (MAIA, 2018, p. 687).

Desse modo, podemos constatar de um modo geral que as variações lexicais encontradas a partir da categoria/ campo semântico corpo humano neste estudo especialmente demonstram primeiro, que as variantes não são específicas de um estado do nordeste como muitos dos perfis dos dicionários do *Instagram* acreditam. Pois, como demonstramos muitas das variantes são comuns a outras regiões também, como a variante *mocotó* que foi registrado no Sul Amazonense.

Quadro 15 - Dicionarização do léxico para categoria temática: partes do corpo humano

Variante	Dicionários consultados	
	Cunha (2010)	Borba (2011)
<i>Tabaca</i>	ND	D
<i>Chibata</i>	DOA	DOA
<i>Pinguelo</i>	DOA	DOA
<i>Cambitos</i>	ND	D
<i>Capela</i>	ND	DOA
<i>Cacunda</i>	D	D
<i>Bucho</i>	DOA	D
<i>Mocotó</i>	ND	DOA

D: Dicionarizada;

ND: Não dicionarizada;

DOA: Dicionarizada com outra acepção.

Fonte: Quadro elaborado pela autora

Assim, a partir dos dicionários consultados, constatamos que das oito (08) variantes para partes do corpo humano, encontradas nos perfis; Alagoanês, Baiano, Sergipianês e Paraibano, três (04); *Tabaca*, *cambitos*, *bucho* e *cacunda*, foram constados como dicionarizadas com acepção igual ao dos perfis nordestinos do *Instagram*. Contudo, não há especificação se é uma lexia regional. Entretanto, o fato de serem variantes

dicionarizadas, pode nos direcionar a percepção que essas variantes não são restritas àquela região e que podem fazer parte de grupos sociais diversos.

Já três (04) variantes; *chibata*, *capela*, *pinguelo* e *mocotó*, foram constadas como dicionarizadas com acepção diferente ao que os perfis nordestinos publicaram, não significa que essas não ultrapassem as fronteiras de uma região, mas que possuem valor de verdade específico nesses contextos.

Ao visualizarmos as variantes dicionarizadas, especialmente aquelas para partes do corpo humano, é possível perceber que muitas já estão amplamente difundidas nas obras institucionalizadas, mas que, ainda têm-se:

em relação ao registro da variação nos dicionários contemporâneos, publicados no Brasil, se refere meramente a marcas de uso, que normalmente refletem uma certa carga de preconceito em face do padrão ortográfico que neutraliza quaisquer outras atualizações linguísticas que se possam insinuar na nomenclatura. (MACHADO FILHO, 2010, p. 52).

Pois, ao consultarmos os dicionários selecionados, encontramos a marcação de jocoso e chulo para duas variantes *pinguelo* e *tabaca* respectivamente, tal registro pode demonstrar a relação de inferioridade dessas variantes.

A seguir apresentamos as variações lexicais, do campo semântico, expressões/emoções.

6.3 A variação lexical por áreas temáticas: Sentimentos/emoções

Esse campo semântico foi escolhido por ser extremamente abstrato, e ter aparentemente amplitude de variação. Coseriu (1975) em seu estudo sobre a tipologia dos campos lexicais argumenta que o campo semântico dos sentimentos é caracterizado como um campo lexical pluridimensional, representado pelo sentimento. Os atlas linguísticos regionais, pouco abordam esse campo semântico.

Assim, compreendemos que a grande quantidade de expressões/emoções humanas que nos afetam, de modo positivo ou negativo, praticamente não é estudada por outras ciências a não ser a Psicologia. Nesse sentido, esse campo semântico irá revelar variantes de conceitos tão abstratos existentes no léxico nordestino, para tanto, selecionamos ao todo doze termos. A seguir apresentamos o quadro referente ao campo semântico expressões/emoções.

6.3.1 Dicionário Alagoanês- expressões/emoções

No perfil do dicionário Alagoanês, referente ao campo semântico expressões/emoções, encontramos quatro termos que possuem variantes, como demonstramos no quadro abaixo:

Quadro 16 - Dicionário Alagoanês- expressões/sentimentos

Lexias	Variante lexical ²³
Rir	<i>Mangar</i>
Desconfiado	<i>Cabreiro</i>
Certeza	<i>Iapois</i>

Fonte: quadro criado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionarioalagoanes

Desse modo, destacamos primeiramente o termo;

Lexia	Variante
Rir	<i>Mangar</i>

A variante *mangar* para rir, já é dicionarizado, podendo ser encontrada no dicionário etimológico de língua portuguesa, Cunha (2010, p. 406) registra da seguinte forma: “vb ‘zombar, escarnece, fazer mofa’”. Já Borba (2011, p. 878), registra a variante como uma lexia coloquial: “man- gar (*Coloq*²⁴) **Vt**²⁵ (+de/com) 1 caçar; zombar: *não percebi que as mulheres estavam mangando de mim.*”

Desse modo, visto que a variação no campo semântico implica-nos vários significados que uma mesma palavra pode ter, nota-se que a variante *mangar* no dicionário Alagoanês funciona como verbo, significando rir de algo ou alguém, mas pode se referir à palavra manga de uma blusa, à fruta.

Assim, a variante *mangar* não é invenção ou variante específica do Nordeste, contudo, muito se argumenta que *mangar* é uma palavra de uso comum no Nordeste, especialmente no interior. Muito provavelmente, como a maioria das expressões semelhantes, é um vocábulo que veio de Portugal no início de colonização (séculos XVI a XVIII) e que, quando a colonização se intensificou, e passou a se deslocar para o restante

²³ O *print* das variedades selecionadas para categoria expressões/emoções do perfil dicionário Alagoanês, pode ser encontrado nos anexos, página 163.

²⁴ Abreviação para; coloquial.

²⁵ Abreviação para; verbo transitivo

do Brasil, deixou de ser usado. Abaixo destacamos a expressão **desconfiada, que significa quem não confia, quem tem suspeitas**. Tal termo no perfil dicionário Alagoanês apresenta a variante *cabreiro*;

Lexia	Variante
Desconfiado	<i>Cabreiro</i>

O dicionário etimológico da língua portuguesa não registra a variante *cabreiro*, mas o dicionário português contemporâneo (2011, p. 212), marca como lexia também coloquial: “ca- brei- ro **adj** (*Coloq*) desconfiado: Todo mundo estava cabreiro com o novo delegado.”

Nesse sentido, podemos ver que o termo assim como já argumentamos, as variações relacionadas ao léxico quase sempre estão ligadas ao mundo natural, no caso a variante *cabreiro*, pode ter sentido ligado ao animal cabra, a função de quem cuida desse animal. E, também podemos pensar nessa variante como fixada no senso popular com sentido para quem não confia, por isso já dicionarizada. Abaixo, destacamos a variante *Iapois* para irritado;

Lexia	Variante
Certeza	<i>Iapois</i>

A variante alagoana *Iapois* serve para concordar, emitir certeza. Não é um termo dicionarizado na língua portuguesa. Todavia, a variante é registrada nos dicionários informais²⁶ na internet, basta digitar o termo no *Google*, que a definição do termo aparece: “É o modo como, as pessoas alagoanas dizem "sim". - Bora jogar bola amanhã? - Iapois.” (IAPOIS, 2020).

Nesse sentido, podemos ver também como a variante já está amplamente incorporada na região de Alagoas, pois além de sites sobre o léxico regional registrarem o termo, existe estabelecimentos que levam o nome da variante *Iapois*, como é o caso de um restaurante que fica localizado em São Miguel dos milagres-Alagoas.

²⁶ Dicionário informal *online*:

<https://www.dicionarioinformal.com.br/iapois/#:~:text=2.,Iapois&text=%C3%89%20o%20modo%20como%2C%20as,os%20alagoanas%20dizem%20%22sim%22.>

6.3.2 Dicionário Baiano- Expressões/emoções

O perfil do dicionário Baiano apresenta dois termos em relação a essa categoria, conforme segue o quadro abaixo:

Quadro 17 - Dicionário Baiano- expressões/emoções

Lexia	Variante lexical ²⁷
Legal	<i>Bala</i>
Surpreso	<i>Oxe</i>

Fonte: quadro criado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionariobaiano

Lexia	Variante
Legal	<i>Bala</i>

Etimologicamente, Cunha (2010, p. 462) registra que a palavra *bala*, tem o significado direcionado para “‘projétil arredondado de metal’ ‘confeito, queimado, guloseima açucarado’”.

Borba (2011, p. 155) fez o mesmo registro.

Nesse sentido, a variante *bala* foi registrada também, pela autora, Alice Marcelino Cardoso que tece considerações a partir de dados de cinco cartas lexicais que integram o volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil. Nesse sentido, (CARDOSO *et al*, 2014b) analisa a variação das lexias para ‘tangerina’, ‘inflorescência da bananeira’, ‘galinha d’Angola’, ‘libélula’ e ‘bala’ nas capitais nordestinas. A autora identificou o termo *bala* como a tão apreciada pelas crianças, e por muitos adultos também, isto é, doce, guloseima, açucarado.

Todavia, no perfil do dicionário Baiano, tal variante *bala* assume o sentido para expressar algo legal e não doce ou munição de uma arma. Tal como foi publicada em uma matéria no site Correio o que a Bahia quer saber²⁸. O autor do texto, João Gabriel Galdeia comenta que “‘bala’ não é tiro, nem ‘queimado’, mas sinônimo de algo ‘massa’. ‘Massa’ não é macarrão, muito menos maconha, mas uma coisa ‘de lenhar’, entendeu?”. (GALDEIA, 2018, S.P).

²⁷ O *print* das variedades selecionadas para categoria expressões/emoções do perfil dicionário Baiano, pode ser encontrado nos anexos.

²⁸ Acesso ao site Correio o que a Bahia quer saber: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/barril-linguistico-salvador-tem-dialetto-que-quase-nunca-se-leva-ao-pe-da-letra/>

A segunda variante que selecionamos para o campo semântico expressão/emoção é a *lexia* *surpreso* que no perfil do dicionário Baiano se realiza como *oxe*, conforme destacamos a seguir:

Lexia	Variante
Surpreso	<i>Oxe</i>

Tal expressão não é dicionarizada nas obras da língua portuguesa, todavia, do ponto de vista do dicionário regional Baiano de Nilvado Lariú (1992) o tradicional *oxe*, abreviatura do *oxente*, é uma das interjeições preferidas para várias situações, desde espanto, surpresa, negação.

A origem da expressão foi comentada pela etnolinguista Yeda Pessoa, em uma matéria sobre o jeito de falar do Baiano (2014). A autora argumenta que a variedade *oxe* é abreviatura de *oxente*, e lembra que é o mesmo caso de *vosmicê* que deu origem a *você*. A etnolinguista comenta que a origem desse termo advém do português trazido pelos colonizadores, e que *oxente* vem de 'Ô gente'.

6.3.3 Dicionário Paraibano - Expressões /emoções

O perfil do dicionário Paraibano em relação à categoria Expressões/emoções, selecionamos um termo conforme o quadro abaixo:

Quadro 18 - Dicionário paraibano- expressões/emoções

Lexia	Variante lexical ²⁹
Animado	<i>Arretado</i>

Fonte: quadro criado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionarioparaibano

O primeiro termo que destacamos é **animado**, o qual no dicionário Paraibano se realiza como *arretado*:

Lexia	Variante
Animado	<i>Arretado</i>

A variante *arretado* encontra-se registrada no dicionário Português contemporâneo (BORBA, 2011, p. 113) como: “ar-re-ta-do **Adj**³⁰ (Reg: NE) 1 bacana;

²⁹ Os *prints* das variedades selecionadas para categoria expressões/emoções do perfil dicionário Paraibano podem ser encontrados nos anexos, página 164.

³⁰ Abreviação para; adjetivo.

legal: *ontem estivemos numa festa arretada*. **2** corajoso; impávido: *meu arretado amigo garantiu-me que não haveria risco naquela aventura*. **3** gostoso: *a compositora tinha um nome arretado*.

A partir desses registros é interessante notar que o dicionário em questão, marca a variante como regional do estado Nordeste, a partir da abreviação *Reg: NE*. Assim, demonstra o que a Sociolinguística já concebia uma expressão da oralidade do Nordeste brasileiro, cujo significado relaciona-se tanto à ideia de alegria como de elogio daquilo que é belo, grandioso, quanto a qualidades como coragem, ousadia. Dias (2020) realizou um estudo sobre as obras de Ariano Saussuna em que utiliza o termo *arretado*, para qualificar o autor paraibano.

Notamos que a variante *arretado* é mais amplamente comentada no espaço digital, se fizermos uma busca por esse termo, veremos um grande número de sites de dicionário informais que registram tal variante para expressar alegria.

Uma curiosidade sobre essa variante de acordo com o site “Acuma é?” de verbetes da linguagem oral cearense Arretado é cearensismo por excelência. O maior elogio que se pode fazer a uma pessoa. "O Pelé é um jogador arretado", quer dizer: é o máximo. "A Xuxa é arretada", é bonita, inteligente e tudo mais de elogiável que se possa imaginar.

Desse modo, percebemos que variante *arretado* está incorporada no vocabulário não só dos paraibanos, mas dos nordestinos como um todo.

5.3.4 Dicionário Sergipanês- Expressões/emoções

O perfil do dicionário Sergipanês, no que diz respeito ao campo semântico expressões/emoções contamos com três termos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 19 - Dicionário Sergipanês- expressões/emoções

Lexia	Variante lexical³¹
Falta appetite	<i>Fastio</i>
Raiva	<i>Barriado</i>
Agoniando/impaciente	<i>Aperreado</i>

Fonte: quadro criado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionariosergipanes

Destacamos inicialmente, a expressão sem appetite a qual no perfil dicionário Sergipanês, se realiza como *fastiu*. Cunha (2010) em seu dicionário etimológico da língua portuguesa registra tal variante como: “fastio sm. ‘inapetência’, ‘repugnância, aversão’, ‘tédio’ XVI. Do lat. Fastidium.”, o que corrobora com o estudo citado de Biderman (1996), no qual a autora argumenta que o léxico português tem sua origem no latim vulgar e, está construindo-se há quase mil anos.

No entanto, no dicionário português contemporâneo (BORBA, 2011, p. 600) encontramos a realização de *fastio* conforme na página do dicionário Sergipanês “faz- ti-o **Sm 1.** falta de appetite: *escolheu um prato com fastio, e em seguida cruzou o talher*”). Nos estudos dialetais consultados, não encontramos o registro dessa variante, mas ao buscarmos pela lexia no *Google*, o primeiro site que aparece é o dicionário informal da língua portuguesa, e nele aparece a realização de *fastio* para sem appetite, recorrente no Sertão Nordeste. Isso demonstra que a variante não é específica do Sergipe como a perfil dicionário Sergipanês acredita.

Assim, outro termo que podemos destacar do perfil dicionário Sergipanês da categoria expressões/sentimentos é:

Lexia	Variante
Raiva	<i>Barriado</i>

A lexia Barriado, não se encontra dicionarizada nos dicionários consultados. Já no dicionário do perfil Sergipanês serve para expressar raiva, contudo, pode ter outros sentidos também como, confusos conforme o *cordel de termo e expressões nordestinas*: “Uma FARDA é um uniforme escolar. Um confuso ta muito BARREADO. (LIMA, 2018)”.

Um ponto interessante sobre este termo é em relação à grafia. Se fizermos uma busca na *internet*, o próprio mecanismo de busca corrige a expressão para barreado (com

³¹ Os *prints* das variedades selecionadas para categoria expressões/emoções do perfil dicionário Sergipanês, podem ser encontrados nos anexos, página 164.

E), a qual significa uma comida³² típico do litoral paraense. E, não como no perfil do dicionário Sergipanês, *barriado* (com I), que expressa o sentimento de raiva.

A seguir o último termo selecionado da categoria expressão/emoção:

Lexia	Variante
Agoniado/impaciente	<i>Aperreado</i>

A variante *aperrado*, no dicionário do perfil Sergipanês, se realiza para expressar agonia ou impaciência. Já o dicionário etimológico da língua portuguesa, de Cunha (2010) registra o ato, verbo aperrear ““ fazer perseguir por cães’ ‘aborrecer’ XVI. Do cast. *Aperrear*, de *perro* ‘cão’”.

Desse modo, podemos perceber que a etimologia da lexia *aperreado* vem de *perro*, que, em espanhol, significa cachorro. *Aperreamiento* (aperreamento, em português), portanto, significa literalmente ser alvo de cães. A jornalista Cynara Menezes (2016) em seu artigo sobre o significado da palavra Aperreamento argumenta que o termo surgiu dessa prática comum entre os conquistadores da América de atirar cães ferozes contra os nativos para amedrontá-los e, em muitos casos, os devorar. E que, portanto, *aperreado* não seria sinônimo de “agoniado”, “aflito”, mas de “dilacerado ou comido por cães”.

O dicionário Português contemporâneo (BORBA, 2011, p. registra também a lexia com acepção de aborrecimento “a-per-re-a-do **Adj** aborrecido; preocupado: *fiquei tão aperreado que nem tive coragem de me levantar.*”

Assim, dado a possível origem do termo *aperreado*, se retomarmos Carvalho (2019) mencionado no tópico sobre a língua do Nordeste, podemos pensar que de fato a origem do termo em questão, advenha do português arcaico, o qual é muito semelhante com o espanhol atual. O Nordeste teve colonizadores vindos da parte norte de Portugal e Espanha.

Portanto, observamos que o campo semântico expressões/emoções necessita de maior investigação por parte da linguagem, talvez não seja uma área temática abordada pelos estudos dialetais e Sociolinguísticos por remeter a questões de subjetividade, costuma estar mais naturalmente vinculado aos estudos do discurso, na Linguística.

Contudo, ao olharmos para os nossos dados de modo geral, percebemos a necessidade de um campo semântico para abarcar as variantes que evocam emoções e

³² Barreado é um ensopado de carne cozido em fogo muito baixo numa panela de barro lacrada com pirão de farinha para evitar que o vapor escape durante o cozimento.

expressões de sentimentos. E, os dados aqui descritos demonstram que variação semântico-lexical se realiza nesse campo e de modo significativo, pois as variações que podem emergir das lexias dessa área temática são altamente expressivas para a comunidade que se criou nos perfis de dicionários no *Instagram*.

Pois, como já argumentamos na seção bases teóricas, o indivíduo utiliza o léxico de uma língua natural para nomear tudo ao seu redor, principalmente sua realidade, nesse sentido, as emoções e expressões de sentimentos fazem parte intimamente da realidade do ser humano.

A seguir apresentamos o quadro com as variantes da categoria temática sentimentos/emoções, dicionarizadas, não dicionarizadas e dicionarizadas com outra aceção.

Quadro 20 - Dicionarização do léxico para categoria temática: sentimentos/ emoções

Variante	Dicionários consultados	
	Cunha (2010)	Borba (2011)
<i>Mangar</i>	D	D
<i>Cabreiro</i>	ND	D
<i>Iapoís</i>	ND	ND
<i>Bala</i>	DOA	DOA
<i>Oxe</i>	ND	ND
<i>Arretado</i>	ND	D
<i>Fastio</i>	DOA	D
<i>Barreado</i>	ND	ND
<i>Aperreado</i>	D	D

D: Dicionarizada;

ND: Não dicionarizada;

DOA: Dicionarizada com outra aceção.

Fonte: Quadro elaborado pela autora

A categoria temática sentimentos/emoções nos perfis de dicionários nordestinos do *Instagram*, aqui analisados, somam nove (09) variantes para diferentes sentimentos/emoções. Sendo, cinco (05) dicionarizadas: *Aperreado*, *fastio*, *arretado*, *cabreiro* e *mangar* pelo menos em um dicionário consultado. Três (03) variantes: *Oxe*, *iapoís* e *barreado* não dicionarizadas em nenhum dos dois dicionários consultados. E uma (01) variante: *bala*, com dicionarização diferente da aceção publicada nos perfis do *Instagram*.

A seguir apresentamos os dados referentes à área temática, vestuário:

6.4 A variação lexical por áreas temáticas: Vestuário e acessórios.

Os perfis do dicionário do *Instagram* registram algumas variantes semântico-lexicais para a área temática vestuário e acessórios. Essa temática é bastante registrada nos Atlas linguísticos. O *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, analisa os itens do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB referentes ao campo semântico vestuário e acessórios.

Os Atlas Linguísticos do Nordeste como o de, Alagoas-ALEAL, o vocabulário dialetal vol. I e II da Bahia, o de Sergipe e o da Paraíba, também registram variantes lexicais para o campo semântico vestuário, mas não registram todas aqui selecionadas.

6.4.1 Dicionário Alagoanês- Vestuário e acessórios

O perfil do dicionário Alagoanês aborda pouco a temática: vestuário e acessórios. Encontramos somente (01) um termo relacionado a esse campo semântico. Conforme o quadro a abaixo:

Quadro 21 - Dicionário Alagoanês- vestuário e acessórios

Lexia	Variante lexical³³
Chinelo	<i>Alpercata</i>

Fonte: quadro criado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionarioalagoanes

Destacamos assim o artigo considerado como vestuário que utilizamos nos pés:

Lexia	Variante
Chinelo	<i>Alpargata</i>

O perfil dicionário Alagoano, considera a variante *alpargata* para denominar o item de borracha ou couro que calçamos nos pés. A variante é dicionarizada, e podemos encontrar seu registro no dicionário etimológico da língua portuguesa, Cunha (2010, p. 29) registra a variante como de origem pré-romana *alparga*; “‘tipo de calçado’| XVI, alpargata XVI, alpargate”.

Borba (2011, p. 53) define a variante, com significado mais próximo ao do perfil Sergipianês: “al-per-ca-ta” **Sf 2** calçado leve de lona, com sola de borracha, couro ou outro material.

³³ Os *prints* das variedades selecionadas para categoria vestuário e acessórios do perfil dicionário Alagoanês, podem ser encontrados nos anexos, página 165.

O Atlas Linguístico de Alagoas- ALEAL (2017, 2017, p. 279), no questionário semântico lexical, categoria vestuário e acessórios, registrou-se a variante *alpargata* a partir da questão motivadora 183, para pergunta “... aquele calçado aberto que se prende ao pé com tiras de couro ou de tecido?”.

Um ponto interessante sobre a variante *alpargata* para chinelo, calçado, foi registrado no estudo de Doiron e Aguilera (2013), no qual abordaram sobre as Variantes Lexicais para Alpargatas no Paraná e na Região Nordeste do Brasil. As autoras expuseram que a análise das variantes lexicais para o calçado designado por *alpargata* teve como ponto inicial os dados do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR, de Aguilera (1994). À questão de número 276 do Questionário Semântico-Lexical do ALPR, que tinha como semas: ‘calçado antigo’, ‘de lona’ e ‘sola de corda trançada’. Os informantes registraram diversas variantes lexicais.

Assim, depois de analisá-las, Doiron e Aguilera (2013, p. 67) concluíram que o calçado designado por *alpargatas* se refere a “[...] um modelo patenteado pela São Paulo Alpargatas Company, colocado à venda com o nome de Alpargatas Roda. O nome da marca, metonimicamente, acabou se estendendo a todos os calçados com design semelhante”.

6.4.2 Dicionário Baiano- Vestuário

No perfil do dicionário Baiano, encontramos dois termos para a área temática vestuário e acessórios, conforme apresentamos no quadro a baixo:

Quadro 22 - Dicionário Baiano- vestuário e acessórios

Lexia	Variante lexical³⁴
Tiara de cabelo	<i>Passadeira</i>
Casaco	<i>Capote</i>

Fonte: quadro criado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionariobaiano

O primeiro termo que ressaltamos da página do dicionário Baiano é o acessório comumente feminino utilizado no cabelo:

Lexia	Variante
Tiara de cabelo	<i>Passadeira</i>

³⁴ Os *prints* das variedades selecionadas para categoria vestuário e acessórios do perfil dicionário Baiano podem ser encontrados nos anexos, página 165.

A lexia não se encontra registrada nos dicionários de língua portuguesa consultados aqui. Contudo, encontramos no Atlas Linguístico do Brasil, a partir dos dados do projeto ALiB (2001) a variante *passadeira* apenas nas capitais como Salvador e Aracaju, a partir da questão 193 do questionário semântico-lexical (QSL). Os dados do mapa da rede de pontos das capitais do Brasil evidenciaram que das variantes lexicais, referentes ao acessório de cabelo, **tiara**, é a mais comum às capitais brasileiras pesquisadas, e só não aparece na capital Salvador.

Outro termo encontrado no perfil dicionário Baiano, que faz parte da área temática vestuário, que em outras localidades costuma ter a designação de casaco, para esse dicionário é capote. Feito de tecido, comprido e para tempo frio:

Lexia	Variante
Casaco	<i>Capote</i>

A variante capote não se encontra dicionarizada no dicionário etimológico da língua portuguesa (CUNHA, 2010). Já, o dicionário Português contemporâneo (BORBA, 2011, p. 2036), define o termo no mesmo sentido da variante do perfil do dicionário Baiano: “ca-po- te Ft **Sm** capa com mangas longa, com comprimento variado, do joelho para baixo, usado no frio. **2** (Reg: NE) galinha -d’angola.”

Contudo, nos estudos dialetais consultados, essa variante ainda não foi registrada com o significado para roupa de frio, mas ao buscarmos fora deles, encontramos no estudo feito por Nascimento (2013) sobre o uso de *Nós e a gente em salvador: Confronto entre duas décadas*. A autora dentre seus dados sobre vestuário, do ano de 1975, registrou sobre o levantamento das ocorrências encontradas, a fala de uma colaboradora da pesquisa a menção à variante *capote* para casaco: “E a mulher, cham... nós chamamos um casaco ou mantô, né? Antigamente, quando eu era menina, se chamava capote. (rindo)” (NASCIMENTO, 2013, p. 96).

Dessa maneira, como mencionamos anteriormente, Borba (2011) registra a variante capote como, designação também para galinha d’angola, e que essa variante é uma marca regional do Nordeste. Tal fato é atestado também nos estudos dialetais, as autoras, Razky, Guedes e Costa (2022, p. 114) em estudo sobre a variação lexical no português falado em quatro Terras Indígenas paraenses e uma maranhense, a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI), registraram: “Observando-se a distribuição diatópica das lexias na carta 067.1, verifica-se que as formas

angolista, *capote/capota*, galinha d'angola e guiné parecem ser as únicas presentes em mais de uma das áreas indígenas estudadas”.

Tal variação, nos mostra a importância das línguas indígenas na formação do português falado no Norte/Nordeste do Brasil e expõe a complexidade e a diversidade plurilinguística do Brasil.

6.4.3 Dicionário Paraibano- Vestuário e acessórios

O perfil do dicionário Paraibano, em relação à área temática vestuário e acessórios, apresenta apenas um termo, conforme o quadro a seguir:

Quadro 23 - Dicionário Paraibano- vestuário e acessórios

Lexia	Variante lexical ³⁵
Sutiã	<i>Corpete</i>

Fonte: quadro criado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionarioparaibano

O termo *sutiã* pode ser considerado como parte do vestuário íntimo feminino, usada para sustentar, modelar e cobrir os seios. Nessa definição o perfil do dicionário Paraibano, considera a variante *corpete*, como destacamos:

Lexia	Variante
Sutiã	<i>Corpete</i>

O dicionário etimológico da língua portuguesa (2010, p. 238), registrou a variante *corpete* como “2 *sutiã* [ETIM: it. *Corpetto* ‘jaleco, corpete; parte superior da roupa feminina, aderente ao corpo’]”. Já no dicionário português contemporâneo (BORBA, 2011, p. 348) define a *lexia* como: “*cor pe te (Ital) Sm* blusa ajustada ao corpo e sem mangas.”

Encontramos o registro dessa variante em Santana (2017) no vocabulário dialetal Baiano vol. I. A autora argumenta sobre a relevância em destacar fatos acerca do registro etimológico ou a origem de algumas variantes documentadas, a partir de uma análise do étimo e ou origem dos itens lexicais, reconhecendo, os processos de formação. “*Corpete* (do it. *corpetto*) e *sutiã* (do fr. *soutien*), em função da acomodação fônica e adaptação ortográfica, encontram-se amplamente divulgada nos dicionários de língua portuguesa.” (SANTANA, 2017, p. 223).

³⁵ Os *prints* das variedades selecionadas para categoria vestuário e acessórios do perfil dicionário Paraibano podem ser encontrados nos anexos, página 166.

Aragão (1999) em seu estudo sobre a variação fonético-lexical em atlas linguístico do Nordeste argumenta que na análise sobre a variação lexical, a partir de algumas cartas léxicas dos Atlas Linguísticos da Bahia (1963), Paraíba (1984) e Sergipe (1987), constatou a realização de *corpete* para *sutiã*.

Paraíba- Sutiã- Corpete; Califon; porta-seio; guarda-seio; bustiê
Bahia- Soutien; corpete; Califon; guarda-seio; porta-seio
Sergipe- Soutien; corpete; Califon; guarda-seio; porta-seio (ARAGÃO, 199, p. 18).

A autora, nos mostra que a variação para *sutiã*, como *corpete* além de não ser específica da região paraibana, se estende para região baiana e sergipana.

6.4.4 Dicionário Sergipanês- Vestuário e acessórios

O perfil do dicionário Sergipanês, apresenta dois termos para a categoria vestuário e acessórios, conforme o quadro abaixo:

Quadro 24 - Dicionário Sergipanês- vestuário e acessórios

Lexia	Variante lexical³⁶
Grampo	<i>Misse</i>
Chinelo	<i>Japonesa</i>

Fonte: quadro criado pela autora com base nos dados coletados da página @dicionariosegipanes

Desse modo, destacamos primeiramente o termo, grampo de cabelo, considerado parte dos acessórios para cabelo.

Lexia	Variante
Grampo	<i>Misse</i>

O perfil dicionário Sergipanês, utiliza a variante a *misse* para denominar o acessório de cabelo, comumente conhecido como grampo (de cabelo). Assim, a partir dos dicionários consultados, verificou-se o registro do item lexical *misse* no dicionário etimológico da língua portuguesa (CUNHA, 2010) que registrou o termo de modo mais

³⁶ Os *prints* das variedades selecionadas para categoria vestuário e acessórios do perfil dicionário Sergipanês podem ser encontrados nos anexos, página 166.

produtivo, contudo, com acepções diferentes. Não há verbetes responsáveis pelo significado do referido acessório registrado pelo perfil do dicionário Sergipanês:

Miss, misse *sf.* ‘*tratamento* dispensado a mulher solteira, o mesmo que senhorita’ (neste uso, tal termo deve vir seguido do sobrenome ou, às vezes, do pronome da mulher) 1873; ‘moça classificada em primeiro lugar em concurso de beleza’ (CUNHA, 2010, p. 430).

Todavia, contrariando a acepção registrada no dicionário, confirmou-se a partir da variação lexical em relação às respostas da questão 192 “Como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo? Mostrar grampo (com pressão) /ramona/ misse”, nas capitais e municípios das regiões Nordeste e Sul do Brasil (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 37).

Além disso, o Atlas linguístico do Brasil registra no primeiro exemplo, um colaborador senhor idoso, residente da cidade de Euclides da Cunha (BA), que compreende o vocábulo *misse* de acordo com a descrição realizada na questão 192 do questionário semântico-lexical:

(01)INQ. – E um objeto fino de metal que serve para prender o cabelo?
 INF. – Misse.
 INQ. – Chama por outro nome?
 INF. – Só me lembro de misse. Misse de botar no cabelo.
 (Euclides da Cunha – BA, homem, nível fundamental, faixa 2).

Isso mostra como a variante *misse*, não é específica de uma localidade, como o perfil do dicionário Sergipanês acredita. De modo que, compreende-se “os significados não são entidades fixas e perfeitamente determináveis, mas processos flexíveis” (ALMEIDA, 2016, p. 26).

Assim, outro termo encontrado, no perfil do dicionário Sergipanês, faz parte do vestuário, utilizado nos pés geralmente para situações informais do dia a dia:

Lexia	Variante
Chinelo	<i>Japonesa</i>

O perfil do dicionário Sergipanês, considera a variante *japonesa* para se referir aos tradicionais chinelos de borracha. Os Atlas linguísticos, aqui já consultados, não registraram ainda o termo *japonesa* como variante para chinelo.

Assim, talvez a razão para tal variante, seja porque que este tipo particular de sandália, que não sai nos nossos pés, teve origem com os antigos egípcios. O que conhecemos como o chinelo moderno ganhou popularidade nos Estados Unidos após o fim

da Segunda Guerra Mundial. Eles são originários do *zori* japonês, calçado feito de palha de arroz, quanto o nosso popular chinelo, é feito de borracha. Desse modo, podemos pensar que nossos chinelos brasileiros, foram inspirados no calçado japonês. O termo *japonesa* não está registrado nos dicionários aqui consultados.

Desse modo, podemos observar que o campo semântico vestuário e acessórios, também é um ponto pertinente nos perfis de dicionários nordestinos do *Instagram*, especialmente no que diz respeito à variação semântico-lexical, à produtividade lexical observada, em exemplos de lexias trazidas pelos seguidores para designar um objeto, comumente, conhecido ou designado como, por exemplo: grampo de cabelo; casaco; chinelo; sutiã; tiara de cabelo. Demonstramos anteriormente, que esses termos nos dicionários nordestinos em questão apresentam outras variantes: *misse*; *capote*; *alpargata*; *japonesa*; *corpete*; *passadeira*.

A partir dessas demonstrações sobre cada variante lexical publicada pelos perfis denominados de dicionários, revela como os estudos sobre a variação lexical no Brasil tem crescido à medida que se torna emergente explicar determinados usos linguísticos, isso recai mais especificamente sobre as particularidades linguísticas de cada região do nosso país. Nesse sentido, observamos que a região nordestina cada vez mais vem ocupando os espaços digitais para expor e utilizar sua variedade lexical.

Por isso, retomamos um de nossos questionamentos: *qual o objetivo linguístico dos dicionários regionais produzidos no Instagram?* Após demonstrarmos as variações lexicais mais utilizadas nos dicionários nordestinos do *Instagram*, nos fez confirmar nossa hipótese, de que apesar dos avançados estudos sociolinguísticos e Dialetais, o ato de criar um perfil para publicar lexias, as quais, muitos ao interagirem com elas acreditem ser específica de sua região, revelam um comportamento de resgate, de manutenção linguística sobre a variação lexical nordestina, e que pode ajudar no processo de valorização de falares estigmatizados, como a da região nordestina.

E isso se torna relevante para sociedade, uma vez que demonstra como os estudos linguísticos sobre variação, não alcançam a sociedade como um todo. Por isso, acreditamos que os indivíduos buscam seguir e interagir com as variedades lexicais publicadas em cada dicionário do *Instagram*, isso demonstra não apenas como eles percebem a variação nordestina, mas como esses indivíduos estão contribuindo para um processo de manutenção da variação lexical nordestina.

Portanto, percebemos que o perfil do dicionário Alagoanês, do dicionário Baiano, do dicionário Paraibano e do dicionário Sergipanês, contribuem não apenas para o registro

da diversidade lexical em comunidades de prática virtual, mas também reforçam a riqueza linguística e identitária da região nordestina.

A seguir demonstramos o quadro com as variantes da categoria temática sentimentos/emoções, dicionarizadas, com a acepção igual ou não dos perfis do *Instagram*.

Quadro 25 - Dicionarização do léxico para categoria temática: vestuário e acessórios

Variante	Dicionários consultados	
	Cunha (2010)	Borba (2011)
<i>Alpercata</i>	D	D
<i>Passadeira</i>	ND	ND
<i>Capote</i>	D	DOA
<i>Corpete</i>	D	D
<i>Misse</i>	DOA	ND
<i>Japonesa</i>	ND	ND

D: Dicionarizada;
 ND: Não dicionarizada;
 DOA: Dicionarizada com outra acepção.

Fonte: Quadro elaborado pela autora

A categoria temática vestuário e acessórios entre todos os perfis aqui analisados somam seis (06) variantes distintas para diferentes acessórios ou vestuário. Dessas seis variantes, três (03) são dicionarizadas em pelo menos um dos dicionários da língua portuguesa, aqui consultados: *alpercata*, *capote* e *corpete*. Duas (02) variantes: *passadeira* e *misse* não foram dicionarizadas pelos dicionários aqui consultados. E uma (01): *misse* no dicionário etimológico (CUNHA, 2010) foi dicionarizada com outra acepção e no dicionário UNESP do português contemporâneo (BORBA, 2011) não foi dicionarizada.

Ao visualizarmos os quadros com as variantes de cada categoria temática escolhida para este estudo, notamos que consultar se as variantes lexicais estão ou não dicionarizadas em obras institucionalizadas de língua portuguesa, evidencia que muitas lexias já estão amplamente difundidas nessas obras que fornecem rigor e formalidade à língua portuguesa. E isso é importante, pois como já argumentamos, os dicionários são obras vistas pela sociedade como instrumento de poder da língua.

Todavia, concordamos com Santana (2017) quando argumenta que ainda são necessários estudos e obras que possam contribuir para o entendimento de língua como instrumento social de comunicação diversificado, e, mais oportuno ainda é considerar a emergência da continuidade e aprofundamento de realização de estudos que registrem a riqueza e particularidade das variantes lexicais de forma a assegurar a fim de sistematizá-

las nas diversas regiões do país e, por conseguinte, construir um dicionário capaz de apreender os diversos falares da população brasileira e assegurar, minimamente, a difusão mais ampla do conhecimento cultural do país, no que tange aos usos lexicais.

SEÇÃO VII

ATTITUDES LINGUÍSTICAS ANALISADAS NOS DICIONÁRIOS NORDESTINOS DO *INSTAGRAM*

Já, a análise da segunda parte, diz respeito à contextualização dos dados linguísticos com a perspectiva da identidade linguística nordestina. Pois, o nosso questionamento parte da concepção de que a rede social digital, como um todo possibilita a criação de comunidades de prática virtual, as quais podem ser um espaço de interação livre para aqueles que possuem desejos e ideias semelhantes. Isso mostra um comportamento linguístico e identitário interessante para o estudo da linguagem.

7.1 O comportamento linguístico e identitário analisado nos comentários dos perfis de dicionários nordestinos no *Instagram*:

A grande discussão teórico-metodológica em torno das atitudes no cenário da sociolinguística está quase sempre atrelada ao modo como se obtêm e como se acessam as atitudes. De acordo com Lopes (2015), a sociolinguística tem grande interesse no nível social, regional e étnico da variação e pouco interesse na forma como a variação é percebida, processada e codificada pelos falantes.

Dessa forma, como este estudo tem um caráter inovador, buscamos a partir de uma abordagem indireta e de um *corpus* escrito e pronto, sem interferências e induções, resultantes de quatro comunidades de prática virtual, na rede social digital *Instagram*, coletar atitudes linguísticas, acerca da variação lexical nordestina.

Assim, os comentários foram coletados dos quatro (04) perfis de dicionários nordestinos, mas especificamente de cada termo selecionado na seção anterior. Contudo, na fase de observação notamos que os comentários nem sempre eram direcionados apenas para o termo publicado. Muitos dos seguidores comentaram sobre a variável publicada de um modo mais amplo. Por isso, para abordarmos sobre as atitudes linguísticas dos seguidores, optamos por agrupar as dos dados de acordo com a temática dominante e a afinidade existente entre eles.

Dessa forma, como temos um *corpus* pronto, que não foi motivado ou criado para tal fim de análise, eles o direcionaram como a análise necessitava ser realizada. Por exemplo, os dados selecionados em relação às atitudes linguísticas nordestinas mostram

que podem ser percebidos em índices³⁷ comportamentais da atitude, assim os dados serão aqui analisados a partir de dois índices; índices cognoscitivos da atitude e índices afetivos da atitude.

7.1.1 Índices cognoscitivos da atitude

Os índices cognoscitivos da atitude podem demonstrar a percepção metalinguística e epilinguística dos seguidores dos perfis dos dicionários nordestinos do *Instagram*, a respeito da(s) própria(s) variante lexical. Assim, integramos aqui as crenças, os estereótipos e pré-julgamentos, as opiniões ou convicções, a consciência linguística dos seguidores, bem como o conhecimento a respeito do próprio repertório lexical e a designação das variantes semântico-lexicais nordestinas que falam e ouvem. Desse modo, compreende-se que esses elementos, do ponto de vista cognitivo, representam os modos de conceber e interpretar o mundo e seus fenômenos, construídos no conjunto de experiências dos indivíduos e resultantes de um processo interativo de interpretações e (re) significações.

Assim, a partir desse índice Cognoscitivo da Atitude, identificamos os seguintes comentários, a partir das variantes semântico-lexical, referentes ao corpo humano:

7.1.1.1 Dicionário Alagoanês: *tabaca; chibata; cambitos;*

(01) “kkkk ainda falam assim ai? Eu ouvia isso quando era adolescente”.

O comentário (01) nos faz identificar que existe a consciência que o falante tem sobre a evolução e dinamicidade da língua, o questionamento sobre se ainda utilizam o termo *tabaca* (variante para vagina), e a justificativa de que ele ouvia a variante na adolescência, (presume-se então que esteja na idade adulta). Torna-se um fator importante para observamos como o perfil do dicionário Alagoanês contribui para manutenção linguística de termos do falar alagoano, rememorando o seguidor com um termo que ele ouvia quando mais jovem. Isso propicia um fortalecimento para que não caia em desuso termos tão particulares da variedade nordestina.

Todavia, faz-se necessário expor que o riso (kkkk) é algo muito presente nos comentários, e não necessariamente precisa ser depreendido como chacota, no caso do

³⁷ O termo ‘índice’ se justifica, aqui, pelo fato de os dados representarem apenas parcialmente os componentes da atitude na perspectiva da abordagem mentalista, isto é, são dados apenas indicadores de tais componentes.

comentário (01) em relação à variante *tabaca*, argumentamos na seção anterior que existe toda uma relação envolta de vergonha, ou que se chama de *Tabu* linguístico. Uma vez que dar nomes aos órgãos reprodutores femininos, no caso, é cercado de proibição. Pois, é considerado como um léxico erótico, obsceno que mostra por meio do seu contexto histórico a visão do que não se deve falar.

Retomando o autor Preti (1984, p. 3), uma “linguagem proibida” constitui-se de “[...] formas estigmatizadas e de baixo prestígio, condenadas pelos padrões culturais, o que as transformou, com poucas exceções, em tabus linguísticos”.

Nesse sentido, podemos perceber que a língua identifica o grupo, conforme podemos ver no próximo comentário:

(02) “Só quem é alagoano vai entender”.

Ao afirmar que “só quem é alagoano vai entender”, funciona tanto como instrumento de comunicação, quanto como símbolo de identidade de grupo. Desse modo, podemos ver com esse comentário aquilo que Fernández (1998) argumentou sobre a identidade, que possibilita diferenciar uma etnia de outra, um grupo de outro, um povo de outro.

A afirmação de que só quem é de Alagoas compreende o que significa *chibata* (pênis), demonstra que a identidade é um ponto importante e, priorizando o sentimento de comunidade partilhado por todos os seus membros e a ideia de diferenciação com respeito aos demais.

Assim, a variante semântico-lexical aqui, pode ser percebida como um traço definidor da identidade do grupo. Nesse sentido, em relação à identidade linguística presente nos comentários, podemos resgatar também sobre esse assunto, como esses seguidores percebem as reações de outros falantes perante os termos alagoanos por eles utilizados. Por exemplo, o comentário (03), no qual a seguidora faz um breve desabafo, envolto de os estereótipos e pré-julgamentos, os quais ela provavelmente tem consciência que sofre por conta de variantes que particularizam o Nordeste.

Desse modo, quando ela afirma estar cansada do povo de outros estados que se julgam superiores a Alagoas e finaliza com a *hashtag* respeita o meu Nordeste, demonstra como a avaliação da língua é decisória para a construção da identidade linguística dos falantes e tal valoração, como fixou Labov (2008) estratifica as variáveis linguísticas em três níveis de apreciação social: os estereótipos, fortemente sensíveis à avaliação social, os

marcadores, razoavelmente sensíveis à avaliação, e os indicadores, com pouca força avaliativa. Assim, recaem as afirmações de Lambert e Lamber (1972):

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com os quais nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

Portanto, podemos depreender o quão forte são as atitudes dos outros e como elas interferem em toda nossa relação com a nossa língua materna e nosso processo de identificação. O próximo comentário apresenta neste estudo, uma sobreposição entre os índices aqui definidos, pois o comentário revela também o índice afetivo:

(03) “Estou cansada desse povo que se acha! Porque, é de uma região do país e se acha SUPERIOR!!! Mas, só está mostrando que quem é sem educação é a mesma, tanto, na sua fala arrogante, bem como, no seu modo de querer lacrar. #respeitaomeunordeste”

Pois, foi uma resposta produtiva, que pode demonstrar como as redes sociais digitais vêm oportunizando espaços de interação com variedades linguísticas e mais que isso, possibilitar a demonstração de novos comportamentos linguísticos. De fato, do ponto de vista sociolinguístico “Não há manutenção, promoção ou revitalização linguística sem que exista a consciência por parte do falante do valor dessa língua e da importância dessa ação”. (HORST, KRUG e FORNARA (2017, p. 16)).

Assim, relembramos que Zilles e Faraco (2006) sugeriram que a investigação das atitudes e valores acerca dos fenômenos linguísticos é uma atividade mais que urgente e necessária não só para o entendimento da norma culta, mas também, essa mesma investigação pode nos revelar informações sobre o léxico brasileiro, de regiões muitas vezes vista com desprestígio, seja linguístico ou social.

7.1.1.2 Dicionário Baiano: *bala, massa, oxe, capote*

Os comentários, a seguir, foram retirados do perfil do dicionário Baiano, a partir das publicações em relação aos termos *Bala/massa* e *oxe*, ambos foram demonstrados na categoria expressões/emoções; e a variante *capote* exibida na categoria vestuário e acessórios:

(04) “kkkkk é assim mesmo”

O comentário (04) demonstra uma ação de concordância com a publicação do perfil, em relação ao termo legal, no caso quem é Baiano utiliza a variante semântico-lexical *Bala ou massa*. Assim, quando o seguidor comenta demonstra riso e afirma que “é assim mesmo”, podemos notar a partir do índice cognoscitivo, a opinião com a convicção de confirmar que concorda que é desse modo mesmo que os Baianos falam o termo legal.

Desse modo, o comentário (04) demonstra que a rede social *Instagram* tem-se estabelecido como um espaço para indivíduos, mesmo que não especializados, expressarem-se, concordarem e até mesmo discordarem, sobre assuntos que lhe sejam importantes. No caso, em relação ao termo que para ele no estado Bahia é diferente.

No sentido de expressar uma opinião discordando, rechaçando a variante *Bala/massa*, podemos ver outro comentário:

(05) “pode ver que o estudo deli é quase nada a periferia de salvador é diferenciada”

Neste comentário o seguidor associa que o termo é utilizado pelos baianos que residem em periferias, e que desse modo pode perceber que aqueles que optam por utilizar a variante, são pouco escolarizados.

Assim, podemos notar os estereótipos que são direcionados às pessoas que moram em periferias. O estereótipo é de base cognitiva, está mais relacionado às crenças. Diz respeito à uma generalização exagerada, desfavorável e simplista, exibindo-se, no campo sociolinguístico, nos rótulos atribuídos a determinada variedade ou a seus falantes. No caso deste comentário, por exemplo, a associação de um traço linguístico (como a variante lexical *bala/massa*) a uma característica não linguística como o nível de escolarização ou a localização geográfica, constitui um estereótipo que possibilita realizar juízos de valor. Bagno (2008) bem nos lembra de que o preconceito não é linguístico, ele é social, está atrelado a condições financeiras, status, escolaridade.

Outro ponto pertinente neste comentário, em relação à atitude linguística, está nos componentes relacionados às atitudes atribuídos por Lambert e Lambert (1972), quando eles argumentam que a crença, a valoração e a conduta, estão todos situados no mesmo nível.

Nesse sentido, entendemos que é possível existir falantes com atitude negativa em relação às variedades da fala, tanto da sua quanto da do outro. Especialmente, porque esta não oferece uma ascensão social e até mesmo quando sua variedade o impede de circular por lugares diferentes dos seus.

Contudo, não se pode dizer que a pessoa do comentário (05) na publicação sobre a variante *bala/massa*, não valoriza a língua em absoluto ou que não tem um mínimo de sentimento por ela, até porque se observarmos a transcrição do comentário, podemos ver diferentes deficiências ortográficas, de modo que demonstra como as variedades da fala, podem ser estimadas por motivos sociais ou afetivos. Calvet (2002, p. 72) chama de binômio a insegurança e segurança linguística: “[...] insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam”, o que talvez explique as deficiências ortográficas e a afirmação de que a escolaridade seria pequena das pessoas que utilizam tal termo.

Nessa direção podemos ver o próximo comentário:

(06) “lembrei de vc que foi morar ai em SP e a glr ficou te zoando pq tu fala capote”

A pessoa que fez este comentário, responde na publicação sobre a variante *capote*, que se lembrou de outra pessoa, e ai ele faz a menção dela no comentário e argumenta que lembrou quando essa pessoa foi morar em São Paulo e foi “zoada” por utilizar a variante lexical *capote*, para nomear casaco.

Dessa forma, o comentário (06), ao suscitar que uma pessoa conhecida por ele provavelmente, quando foi residir no estado de São Paulo, utilizava a variante lexical *capote*, e que por isso, outros, paulistas ou não, não dá para saber ao certo, mas que emitiram contra a falante da variante lexical atitudes negativas, pois o termo “zoar” tem a ver com zombaria, rir de alguém de modo pejorativo. No caso, foi em relação à utilização da variante lexical *capote*. Tal situação pode nos levar a depreender que essa “zoação”, em relação à variante não foi em tom valorativo. Pois, tais ações retomam as percepções de outros estudos, em que os falantes paraibanos residentes em São Paulo receberam as avaliações linguísticas negativas, tal como já foi atestado no estudo feito por Silva (2016, p. 92), ela pontuou sobre as percepções atitudinais dos colaboradores paraibanos quanto a sua forma de falar estando em contato dialetal com o falar paulista. A autora constatou a partir de ambientes de relações de poder, que paraibanos sofrem preconceitos linguísticos e sociais por serem nordestinos.

Dessa forma, podemos retomar aquilo que Aguilera (2008) nos diz sobre a variação linguística de poder ser percebida como um traço definidor da identidade do grupo e ou do indivíduo. Nessa direção, a autora argumenta que qualquer atitude dirigida aos grupos com determinada identidade pode ser uma reação às variedades utilizadas por esse

grupo ou aqueles que utilizam essa variedade, visto que as normas e marcas culturais de um grupo se espalham por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo.

Assim, podemos reafirmar que a linguagem regional é algo importante e vem tornando-se, uma temática recorrente no espaço de interação digital. Pois, como já abordamos em estudos anteriores:

Assim como a grande mídia emite suas opiniões sobre objetos de estudo da Linguística, a comunidade leiga também adota uma posição em relação a eles. Desse modo, em virtude do crescimento do acesso à internet no Brasil, essas posições sobre a linguagem, da mesma forma que abordam outros assuntos cotidianos, são discutidas não apenas no mundo físico, mas também no ambiente virtual, principalmente nos sites de redes sociais. (OLIVEIRA, 2018, p. 21).

7.1.1.3 Dicionário Sergipanês: *misse*, *japonesa*

Os comentários que destacamos do perfil do dicionário Sergipanês, diz respeito às publicações para *misse* e *japonesa*, variantes que constam na seção anterior como parte da categoria- vestuário e acessórios:

(07) “**Miusse/ milsse/ miussim/ milssem** 🤔🤔🤔🤔”

(08) “**Hei, é miusse**”

Os comentários (07) e (08), referentes à variante lexical *misse* (grampo de cabelo) demonstram consciência linguística, bem como o conhecimento a respeito do próprio repertório lexical, pois o comentário (07) ao apresentar outras possíveis variantes fonológicas para o termo *misse revela* ter conhecimento do repertório linguístico regional e, portanto, da existência de outros modos de falar tal termo.

Contudo, o comentário (08) parece chamar atenção para que vejam que a pronúncia é miusse e não *misse*. A tentativa de correção, mostra na realidade a convicção de como ele utiliza e conhece a variante de um modo particular. Assim, podemos dizer que o seguidor desse comentário, além de reconhecer a variante, se identifica com ela. E isso acaba mostrando que é uma atitude positiva, pois é querer fazer parte e tomar para si um ideal social formado pela tradição que ele conhece.

O próximo comentário sobre a variante lexical *japonesa*:

(09) “**Pior é eu que achava normal as pessoas de outros estados não entenderem o que estava falando hahahaah**”.

O comentário argumenta que acreditava ser normal as pessoas de outros estados não compreenderem quando utilizava tal variante. E assim, podemos perceber que as variações linguísticas no nível lexical podem ser percebidas mais rapidamente. O fato da autora do comentário (09) achar que não é normal, pessoas de outros estados não compreenderem tal variação lexical, expõe que existem no nível desse tipo de variação, fronteiras do domínio do repertório linguístico regional.

Todavia, para a seguidora isso foge da normalidade, talvez por não ter a concepção de que a variação regional é o que particulariza os falantes da região. Pois, se olharmos para os trabalhos dialetológicos já publicados, vários aspectos lexicais foram encontrados, evidenciando a diversidade com que o falante do Português Brasileiro se depara, em especial, os nordestinos. Como exemplo desse fato, na seção anterior, em relação à categoria vestuário e acessórios, no perfil do dicionário Alagoanês, encontramos o termo chinelo, mas para o perfil Alagoanês é considerada a variante *alpargata*, enquanto o mesmo termo no perfil do dicionário Sergipanês é considerado a variante, *japonesa*.

Assim, são dois perfis que buscam representar dois estados diferentes de uma mesma região, o Nordeste. Mas que ambos percebem e defendem sua variante lexical. Desse modo, podemos perceber a necessidade da consciência linguística, pois, como afirma Aragão (1999, p. 14) “Sabe-se que a língua é um todo homogêneo, composto de partes heterogêneas que, reunidas, constituem a estrutura desse todo. O princípio da variedade na unidade é uma realidade que não se pode desconhecer”.

7.1.1.4 Dicionário Paraibano: *arretado*

Para finalizarmos o índice cognoscitivo da atitude, selecionamos do perfil do dicionário Paraibano, a variante lexical *arretado*, a qual faz parte da categoria expressões emoções:

(10) “Sou baiana, mas falo um pouco de português e paraibanês também”.

Ao observarmos a publicação sobre a variante *arretado*, notamos diversos comentários concordando e outros argumentando que em outros estados do Nordeste também utilizam esse termo. Mas o comentário (10) nos chama atenção pela crença de que o falar baiano, a língua portuguesa e o falar paraibano são diferentes, como se fossem três idiomas completamente distintos.

Nesse sentido, podemos retomar Labov ([1972] 2008, p. 120), quando ele explica que na comunidade de fala, apesar dos indivíduos compartilharem as mesmas normas relacionadas à linguagem, não falam da mesma forma. Ao contrário, pois são encontradas com frequência formas linguísticas em variações que concorrem umas com as outras na comunidade de fala.

Assim, em outras palavras, o comentário (10) expressa que todos os falantes de uma língua podem pertencer a mais de uma comunidade de fala, de modo que partilham das normas e variedades linguísticas. Talvez por isso a crença da seguidora de que são três línguas diferentes. Todavia inconscientemente ela sabe que pode transitar entre os diferentes falares.

No comentário seguinte, sobre a variante lexical *arretado*, a seguidora diz:

(11) “Temos um dicionário próprio e danado de arretado”

Ao afirmar que os paraibanos, com perfil dicionário paraibano, possuem um dicionário próprio e danado de arretado, podemos ver conforme explicamos na seção anterior a variante lexical em questão é para denominar algo legal, animado, é um elogio máximo na região cearense também. Essa resposta da seguidora pode retomar a percepção de visualizarmos as atitudes como um fenômeno interdependente da consciência social, dialetal e cultural; da percepção dialetológica.

Pois, de modo geral, segundo Lambert (1966), as atitudes possuem níveis de funcionamento. O nível primário, no qual o indivíduo constrói a consciência linguística e o ramo axiológico. Desta forma, é neste nível que encontramos as formas mais primárias de valores atribuídos em relação à fala, visto que é neste nível que repousa toda uma consciência de valor atribuída à linguagem. Neste caso, a partir da variante *arretado*, a seguidora atribui grade valor à variante lexical em questão.

Assim, foi possível perceber como os elementos, do ponto de vista cognoscitivo, representam os modos de conceber e interpretar o mundo e seus fenômenos, construídos no conjunto de experiências dos indivíduos e resultantes de um processo interativo de interpretações e (re) significações.

7.1.2 Índices afetivos da atitude

Aqui abordaremos sobre os comentários dos seguidores, em relação aos índices afetivos da atitude. Assim, podemos depreender que o componente afetivo nada mais é do

que uma resposta emocional à atitude, estando baseado, desse modo, no componente cognitivo. Por isso compreendemos que a avaliação social e cultural em relação a determinado grupo, normalmente, diz respeito aos estereótipos dados àquele grupo, cujos valores estão no campo da memória, das crenças sociais e, nesse sentido, podem ser entendidas como objetos mentais compartilhados de cognição social.

Desse modo, integra-se aqui, os comentários correspondentes à identificação que os seguidores têm das variações lexicais publicadas, bem como todas as expressões de afeto familiar e orgulho de pertencimento acerca da região nordestina. Pois, compreendemos que a atitude linguística não é simplesmente um resultado, mas um processo, que envolve toda complexidade das crenças, emoções, juízos de valor, reações e comportamentos.

Selecionamos três comentários do perfil Alagoanês para as variantes; *Iapoís* e *Mangar*, ambas da categoria expressões/emoções.

7.1.2.1 Dicionário Alagoanês: *iapoís*, *mangar*

(12) “ALAGOANA, NORDESTINA DO INTERIOR COM MUITO AMOR E ORGULHO SINSEHOR 🤍 😊”

O comentário (12) referente à expressão *iapoís* (com certeza) demonstra um comportamento de orgulho por ser Alagoana e Nordestina. Assim, percebe-se que há uma atitude positiva diante da variante e a crença de pertencimento regional, bem como exemplifica Labov (1972), quando argumenta que está ligado ao desejo do falante manter sua identidade no interior de seu grupo social.

Nos comentários dos seguidores do perfil do dicionário Alagoanês, pode-se observar uma atitude favorável também ao uso da variante semântico-lexical *iapoís*. Assim, o próximo comentário, demonstra não só atitude positiva pelo termo, mas também o comportamento de tentar compartilhar a variante lexical, para quem faz parte do seu convívio afetivo.

(13) “meu remmote³⁸ do Paraná até hoje tenta falar igual, mas não consegue. 😊 Só quem tem sangue nordestino na veia ❤️”.

³⁸ Aqui presumimos que a seguidora gostaria de dizer romance.

Além de revelar que tem prestígio pela identidade nordestina, quando afirma que só quem tem sangue nordestino na veia consegue falar igual. Assim, a noção de prestígio encoberto está associada, então, à noção de identidade social, ao orgulho linguístico.

Nesse sentido, destacamos este comentário:

(14) “amoo minha página predileta 😊😊”

Releva também uma atitude positiva, não só pela variante *mangar* (rir), mas aparentemente por todos os termos que o perfil publica, pois afirma ser a página predileta dela.

Não podemos nos esquecer de mencionar os *emojis* incluídos nos comentários, desde o coração até carinhas com corações. A rede social digital *Instagram* é dinâmica e possibilita a interação com recursos lúdicos e afetivos. Assim, é importante argumentar que esses *emojis* representados nos comentários são significativos, especialmente no índice afetivo da atitude linguística, uma vez que a linguagem tecnológica é rodeada de simbologia que representa as emoções.

Portanto, podemos perceber, a partir desses comentários, o componente Afetivo da vertente mentalista das atitudes linguísticas, pois segundo López Morales (1993), esse componente é ligado a emoções e sentimentos. E realiza juízo à valoração que o falante atribui acerca das características da sua fala ou do falar dos demais. Pode-se dizer que este componente “Está diretamente ligado ao orgulho ou aos valores que a sua fala representa dentro de uma comunidade: traços de identidade, etnicidade, lealdade e valor simbólico” (GÓMEZ MOLINA, 1998, p.31).

7.1.2.2 Dicionário Baiano: *passadeira*, *capote*

Nessa mesma direção dos sentimentos e emoções, o perfil do dicionário Baiano, apresenta vários comentários, dentre eles selecionamos duas variantes lexicais; *passadeira* e *capote*, ambos fazem parte deste estudo na categoria vestuário e acessórios:

(15) “😊😊😊👏👏👏👏👏 bem isso”

O comentário (15), em demonstração de aprovação da variante lexical *capote* (casaco), além dos *emojis* com coração nos olhos representa no campo digital que a pessoa que utilizou está apaixonada, no caso pelo uso do termo *capote*, além das palminhas que representam aplausos.

Para a mesma variante lexical:

(16) “toma misera ta vendo que não troco meu capote pelo seu moletom?”

Este comentário, ao afirmar que não troca a variante *capote* por *moletom*, pode-se dizer considerada padrão, expressa afeto, que para Lambert (1967), está inter-relacionado e, de certa forma, fixado ao campo primário. Podemos ver então com esse comentário provável de atribuição de valor à variante lexical *capote*, partir das emoções que são atribuídas (in) conscientemente ao campo afetivo.

Nessa direção selecionamos o próximo comentário em relação à variante lexical *passadeira*:

(17) “20 anos que sai da Bahia, e só falo “passadeira”.

O comentário (17) exhibe relação de afeto com a variante lexical *passadeira* (tiara de cabelo), ao afirmar que mesmo após vinte anos longe da Bahia, mantém o uso do termo, para acessório usado na cabeça. Isso pode revelar uma atitude de preservar sua relação com traços do falar Baiano, ou seja, ela pode se identificar com outros termos, mas mantém sua identidade linguística, mesmo fora de sua região. Pois, conforme os postulados de Labov (1972) há um conjunto de normas encobertas que atribuem valores positivos ao vernáculo local e informal. Trata-se do fenômeno do prestígio encoberto, que está ligado ao desejo do falante de manter sua identidade no interior de seu grupo social.

Desse modo, nos comentários, pode-se notar uma atitude favorável ao uso das variantes lexicais, *capote* e *passadeira* como forma de prestigiar e expressar o orgulho pela identidade linguística.

7.1.2.3 Dicionário Sergipanês: *japonesa*, *mangar*

Para revelar o índice afetivo da atitude dos seguidores do perfil do dicionário Sergipanês, selecionamos cinco comentários, provenientes dos termos: *japonesa*, que faz parte da categoria vestuário e acessórios. E a variante lexical *mangar*, da categoria expressões/emoções.

(18) “ fiz uma viagem para minha infância nessa publicação kkkk”

(19) “ Lembrei do meu avô... 😊”

(20) “salve vênho 😊👋😊👋”

Os comentários (18), (19) e (20) demonstram toda uma relação de afetividade com a variante lexical, *japonesa* (chinelo). Revelam uma volta ao tempo da infância com a publicação do termo. Isso demonstra uma relação de afeto, pois o termo provavelmente era utilizado na interação com os pais, avós ou amigos.

Assim, como o comentário (19) que o termo fez lembrar-se do avô, e o comentário (20) é uma resposta ao comentário (19) o qual responde salve vênho, provavelmente também se identificou com a lembrança afetiva, do laço família com avô. Nesse sentido, pressupomos que se cria uma forte ligação, entre traços do léxico Sergipanês e sua interação na infância e com o avô. Isso é rememorado no tempo presente, pode-se dizer que, a publicação da variante lexical *japonesa*, proporcionou relembrar o afeto que lhe está relacionado. Pois, como já afirmamos a atitude efetiva, em partes, está ligada ao domínio da memória.

Nesse sentido, podemos retomar aqui um de nossos questionamentos iniciais, pois quando mencionamos Aragão (2013) que em seu estudo sobre linguagem regional/popular em dicionários físicos, evidencia a hipótese de que as diferenças diatópicas não são muito significativas. O que é mais marcante, são grandes diferenças diastráticas no léxico da língua portuguesa do Brasil. E, questionamos: *será que essas diferenças diatópicas de caráter semântico-lexical são mais significativas nos dicionários nordestinos criados do Instagram?*

De fato, podemos confirmar que sim, uma vez que a variação semântico-lexical, principalmente aquelas que se realizam por campos semânticos que fazem parte da vida pessoal da construção do falante, desde sua infância, costumam ser mais salientes, e, portanto, mais expressivas dentro de uma comunidade.

Nesse sentido, é importante ponderarmos que os dicionários tradicionais não têm como objetivo uma descrição de termos regionais e sim de catalogação e definição do léxico da língua. Os perfis aqui analisados, têm um objetivo bem definido, de explorar a variedade dos estados em questão. Por isso, a variação semântico-lexical é saliente nelas. Pois o regionalismo ocorre quando há um grupo particular de elementos linguísticos que caracterizam um grupo por meio de seu dialeto, característica essa que se torna uma de suas principais formas de expressão. Essa relação entre falantes e sua língua nunca é neutra, pois, existe todo um conjunto de sentimentos, de crenças, de atitudes que influenciam em seu modo de falar.

Por conseguinte, no campo da afetividade, também podemos observar a partir da variante lexical *mangar*, com estes comentários:

- (21) “kkk o melhor”
 (22) “ tão tudo mangando❤️”

Com o emprego do artigo *o*, precedido do adjetivo melhor. E o comentário (22) com a utilização do *emoji* de coração, são ações que representam afeto e identificação com a variante *mangando*, que demonstramos na seção anterior e se refere a rir de alguém ou de algo. Pois, como bem afirmou Calvet (2002), existe um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, e para com as pessoas que as utilizam.

7.1.2.4 Dicionário Paraibano: *arretado*

Assim, para finalizarmos o índice afetivo da atitude, selecionamos, do perfil dicionário Paraibano três comentários provenientes do termo *arretado*, que está na categoria expressões e emoções.

- (23) “ 😊😊😊😊 é assim mesmo oh jeito gostoso de falar 😊😊 ”
 (24) “Eu amo esse dicionário❤️”
 (25) “o melhor de todos❤️”

Os comentários anteriores demonstram atitude positiva para com o termo *arretado*. Podemos perceber isso a partir das afirmações “jeito gostoso de fala”, “eu amo esse dicionário”, “o melhor de todos” são comentários que revelam toda uma relação de afetividade, não só com a variante lexical em questão, mas com todas as outras publicadas pelo dicionário Paraibano.

Esses comentários de afetividade positiva em relação às publicações do perfil demonstram uma ação coletiva da comunidade, que em grande parte, além de concordar com a variante, se reúnem nesses comentários com intuito de externar esses sentimentos aos outros.

Dessa forma, a partir da compreensão que o domínio da percepção, atitudes são as reações, positivas ou negativas, a algo ou alguém, a partir desses comentários analisados constatamos mais produtividade no índice afetivo (sentimentos) ou comportamental (uso), isso talvez se deva à maneira como a consciência linguística está intimamente ligada à consciência sociolinguística, isto é, em que as crenças acerca do prestígio social atribuído a uma variedade linguística podem ser representadas por atitudes positivas. Como percebemos nos comentários “é assim mesmo oh jeito gostoso de falar”, além dos *emojis* em grande parte corações, aplausos, esses símbolos são significativos de avaliação positiva,

é uma linguagem atual e produtiva nesses espaços. Assim, concordamos com Bourdieu (1999), pois quanto mais plural for o conhecimento cultural e social, e quanto mais interação houver nas distintas instituições sociais, menor será o preconceito linguístico, e ampliamos para argumentar que maior será manutenção dessas variantes.

Dessa forma, podemos perceber por meio de todos os comentários aqui exibidos, um conjunto de atitudes e crenças majoritariamente positivas. Pois, o ato de pessoas interagirem com um perfil criado para publicar expressões de uma região, revela o desejo de encontrar outras pessoas que utilizam os mesmos traços linguísticos.

Assim, podemos perceber diante desses comentários feitos pelos seguidores dos quatro perfis dos dicionários do *Instagram*, aqui analisados, que é possível confirmar que as variantes lexicais publicadas, possibilitam a interação espontânea e dinâmica. E que para estes seguidores o regionalismo deve ser entendido como algo que singulariza indivíduos seja aqueles que pertencem ou somente se identificam linguisticamente com a região de Alagoas, Bahia, Sergipe e Paraíba. Uma vez que demonstramos como os termos publicados despertam nos indivíduos sentimentos positivos frente à variação lexical nordestina.

Esses perfis denominados de dicionários, na rede social *Instagram*, revelam a criação espontânea do que chamam de comunidade de prática virtual, ou seja, pessoas com o mesmo interesse, no caso, o falar da região nordeste, integrando e interagindo virtualmente um mesmo espaço. Ainda que essas comunidades registrem que o objetivo é o humor ou entretenimento, podemos ver outras práticas acontecendo nelas. Tais como a valorização da variação lexical do Nordeste, a manutenção desses traços linguísticos.

Além de podermos perceber a visão de *identidade do sujeito pós-moderno*, fixada por Hall (2006), o autor ao nos dizer que nessa visão, não tem uma identidade fixa, permanente ou indispensável, mas construída e transformada constantemente, vivenciando a influência das formas. Esclarece as ações das pessoas que já não residem mais na região nordestina, ou só possuem lembranças dos traços desse falar, optam por fazer partes dessas comunidades virtuais em paralelo a sua realidade *offline*, que pode presumir outra postura linguística. Dessa forma a pessoa pode estar em constante construção de uma identidade linguística e cultural.

Nessa direção, ao observamos a interação dos seguidores nos perfis selecionados, é que muitos integrantes nem mesmo são da região nordestina, mas que por algum motivo, fazem parte dessas comunidades de prática virtual, e acabam interagindo com as publicações. De modo que podemos ver que essas pessoas adotam identidades diferentes em diversos contextos, que são na maioria das vezes contraditórias, impulsionando suas

ações em inúmeras direções, de modo que suas identificações são constantemente deslocadas.

Assim, essa concepção torna-se altamente interessante para nossa atual realidade da conectividade, pois conforme Hall (2006) frente à diversidade de significações e representações sobre o que é o homem na pós-modernidade, o sujeito se relaciona com inúmeras e variadas identidades, possíveis de se identificar, mas sempre de modo temporário. Desse modo, o sujeito pós-moderno se define pela mudança, pela diferença, pela inconstância, e as identidades permanecem abertas. Entretanto, entendemos que essa visão não pode ser vista apenas com seu caráter de incerteza e imprevisibilidade resultante do deslocamento constante, pois Hall, explica que ela tem características positivas, pois se, de um lado, desestabiliza identidades estáveis do passado, de outro, abre-se possibilidades de desenvolvimento de novos sujeitos. Portanto, todas essas visões colocam em evidência o papel do indivíduo que trata suas identidades com outros indivíduos, grupos e construtos sociais.

Outro aspecto importante nos comentários exibidos, diz respeito ao riso, pois como vimos é algo muito presente nos comentários, seja pela representação KKK, rsrs, haha, ou por *emojis* de risadas. Contudo, é importante frisar que dentro dos perfis, acreditamos que os integrantes dessas comunidades não tomam isso como uma atitude negativa em relação à variação lexical. Pois, as risadas são atos muito presentes nas redes sociais digitais, está mais ligada à descontração, interação livre e espontânea.

Todavia, compreendemos que existe toda uma relação de estereótipos acerca desse humor desprezioso, que talvez os integrantes não compreendam. Mas é importante percebemos que o humor está ligado a essas comunidades de prática virtual, especialmente porque são considerados espaços livres, de interação espontânea. Prova disso, está na seção III caracterização do espaço digital, no tópico em que abordamos sobre os perfis de dicionários Alagoanês, Baiano, Sergipianês Paraibano, todos eles fixaram em suas páginas do *Instagram*, que o perfil é de humor e ou entretenimento.

Assim, podemos perceber o sentimento que envolve essas comunidades é o humor e as variantes lexicais também. Elas são importantes para interação, é o empreendimento e desejo em comum dessas pessoas. Contudo, quando se atrela o humor, o riso do ponto de vista linguístico a essas variantes, retoma-se ações dos espaços *offline*, nos quais a partir de alguns estudos citados no decorrer deste estudo, mostram que a variação nordestina quase sempre é vista para causar o riso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi desenvolvido na perspectiva teórica da Sociolinguística e nos estudos de ordem Dialetológica. Trata-se da variação semântico-lexical publicada na rede social digital *Instagram*, mais precisamente em quatro perfis denominados de dicionário Alagoanês, dicionário Baiano, dicionário Paraibano e dicionário Sergipanês. E também das atitudes dos seguidores desses perfis em relação à variedade lexical, além de suas crenças e avaliações a respeito dos termos publicados, que representam toda uma identidade linguística de cada estado.

O estudo teve como objetivo geral, *observar e caracterizar como é construída a representação do falar nordestino por meio da variação semântico-lexical e de aspectos culturais e identitários nas publicações dos perfis dicionário Alagoanês; dicionário Baiano; dicionário Sergipanês; dicionário Paraibano.*

Para tanto, foi necessário um método específico de observação e coleta de dados, por isso utilizamos a etnografia virtual, a qual nos direcionou a demonstrar por meio de um *corpus* de modalidade escrita, as peculiaridades do léxico regional nordestino.

Verificamos, assim, no decorrer deste estudo que os perfis dos dicionários nordestinos, criados no espaço da rede social digital *Instagram*, aqui estudados nos levam a diferenciá-los de outras obras dicionarísticas. Primeiro, pelas condições de produção, depois, pela forma e efeito que os termos são publicados e permitem a interação dos indivíduos. Assim, nos permitem refletir sobre a circulação de termos, mas especificamente, a variação semântico-lexical nordestina, nesses espaços, que vai muito além das delimitações geográficas do estado no Nordeste.

Pois, os termos publicados pelos perfis nem sempre são específicos da região que eles buscam representar, muitas vezes se estendem para toda uma região, como pudemos observar por exemplos na seção V, a partir da categoria partes do corpo humano. O perfil do dicionário Baiano registrou o termo *capela* para *pálpebras*. Todavia, a variante também é utilizada por Alagoanos, conforme atestou Doiron (2017) no ALEAL. O Atlas linguístico de Curiúva-PR: Aspectos lexicais, de Siqueira (2015) também registrou a designação de *capela* para *pálpebras*. Assim, percebemos que dos termos publicados, muitos não são específicos daquele estado, em alguns casos se estendem para região nordestina e também se sobressaem.

Nesse sentido, observamos que os termos publicados pelos dicionários: Alagoanês, Baiano, Paraibano e Sergipanês ocupam lugares importantes para área de linguagem, uma vez que podem contribuir com os estudos sobre a realidade linguística do Brasil. Especialmente, nos tempos que estamos vivenciando, a constante evolução dos mecanismos de interação, demonstram a criação de novos espaços para registrar e interagir com termos que muitos acreditam ser específicas desses estados da região nordestina.

Por isso um de nossos objetivos, foi demonstrar parte da realidade linguística nesses espaços digitais de interação, a partir de estudos como o Atlas linguístico do Brasil e, quando possível, os Atlas linguísticos regionais, o ALEAL- de Alagoas, o vocabulário dialetal da Bahia, o atlas regional da Pernambuco e de Sergipe. Além do dicionário etimológico da língua portuguesa e dicionário UNESP do português contemporâneo.

Desse modo, demonstramos como socialmente as publicações dos termos de ordem lexical, revelam comportamentos linguísticos e que respondem um de nossos questionamentos: *porque os indivíduos não especializados estão produzindo e interagindo com esses chamados dicionários, relacionados às expressões e ao léxico regional?* Nossa hipótese pautou-se na concepção de que os traços linguísticos, principalmente os lexicais, costumam ser altamente salientes, e por isso, muitas vezes fora do espaço digital, vistos como errados. De modo que, os perfis dos dicionários aqui estudados, podem contribuir com a manutenção linguística de termos do falar Nordestino. Pois argumentamos, no decorrer desta tese, como acreditamos que o espaço da rede social digital *Instagram*, permite essa liberdade e identificação linguística.

Portanto, verificamos que a iniciativa de criar um perfil na mídia digital *Instagram*, denominar de dicionário e publicar palavras que julgam ser particulares de um estado do Nordeste, revelam comportamentos linguísticos favoráveis para interação dos seguidores com a variação lexical, como foi possível perceber por meio dos comentários exibidos no índice cognoscitivo da atitude e índice afetivo da atitude.

Nessa direção, podemos depreender que como atualmente a mídia digital *Instagram* tem se tornado um espaço para dar maior visibilidade e um novo *status* para aspectos da linguagem e identidade do povo nordestino. Uma vez que compreendemos e valoramos o fato de que a sociedade moderna ou também conhecida como sociedade da interatividade, começou a interessar-se, ainda que inconscientemente, pelo registro do léxico regional, ou seja, a criação de dicionários. Agora com auxílio de uma importante ferramenta que é a rede social digital.

Por isso, compreendemos que *o objetivo linguístico dos dicionários regionais, produzidos no Instagram*, é conceder valor social a sua identidade linguística, pois acreditamos que esse objetivo nasce de uma questão histórica que envolve o povo nordestino, pois a mídia passa a ideia de homogeneidade do Nordeste, como se de fato representasse um todo. Não se restringindo somente às manifestações culturais, como também ao sotaque. Formada por nove estados, a região nordestina é marcada pela diversidade. Vários recortes que em conjunto constituem o Nordeste, especialmente suas particularidades acerca da variação lexical.

Assim, acreditamos que os avançados estudos Sociolinguísticos e os Dialetológicos têm mostrado o quanto o conhecimento de variações podem ajudar no processo de valorização de falares estigmatizados, como os da região nordestina. Todavia, não alcançam a sociedade como um todo. Por isso, este estudo se justifica para dar luz à variação semântico-lexical nordestina que ocorre no ambiente digital e demonstra que é de suma importância, especialmente por estar ocorrendo nos perfis denominados de dicionários, em um processo inverso da nossa realidade *offline*.

Não podemos nos esquecer de como os estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos, vêm expondo que as variedades linguísticas nordestinas mais características, estão cada vez mais frequentes apenas no falar das pessoas mais velhas. Contudo, os dicionários nordestinos criados no *Instagram*, espaço que abarca praticamente todas as idades, propicia a manutenção linguística de variante lexical do falar nordestino. Talvez essa necessidade de manter esses traços seja o objetivo linguístico desses chamados dicionários. E assim, a criação de perfis denominados dicionários, é uma forma de produzir conhecimentos sobre a língua ainda pouco estudada, mas seus efeitos sobre o uso da língua já são significativos.

Para finalizar, mencionamos que este estudo não se encerra aqui. Os fenômenos linguísticos de ordem semântico-lexical, em especial, admitem vários olhares e a riqueza do material coletado nos perfis dos dicionários nordestinos do *Instagram*, abrem um leque de possibilidades de estudos de aspectos igualmente relevantes sobre a variação semântico-lexical nordestina e as atitudes linguísticas dos seguidores com essa variação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAÇADO, J.; RONCARATI, C. (Org.) **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. p. 311-333, Niterói, RJ: EdUFF, 2008.
- AGUILERA, V. (2008) **Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira?** *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.
- ALMEIDA, A. A. D. **Histórias sobre as redes de significação do item léxico foda à luz do sociocognitivismo**. *In*: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. (org.). **Linguagens e cognição**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- APROBATO, V. C. Corpo digital e bem estar na rede *Instagram*: um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 38, n. 95, p. 157-164, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415711X2018000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 abr. 2022.
- ARAGÃO, M. S. S. Do baianês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos. **Revista do GELNE** (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste), Fortaleza, n. 1, v. 2, p. 53-59, 2000. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/31705>>. Acesso em: 05 de Ago. 2021.
- _____. 2004, João Pessoa. **Anais da XX Jornada - GELNE**. João Pessoa: GELNE, 2004. 10 p. Disponível em: <<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2004/PDF/Maria%20do%20Socorro%20Silva%20de%20Arag%20E3o.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2021.
- _____. **A Linguagem Regional – Popular no Nordeste do Brasil: Aspectos Léxicos**. 2008. Disponível em: <<http://www.ufac.br/portal/unidadesadministrativas/orgaoscomplementares/edufac/revistas-eletronicas/revista-ramal-deideias/edicoes/edicao-1/caminhos-da-cultura-e-sociedade/relacoes-lingua-sociedade-ecultura-na-linguagem-popular-do-ceara>>. Acesso em: 16 mar. 2022.
- _____. 1990. **A linguagem regional/popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: FUNESC.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: O que é, Como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma proposta da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

_____. **Léxico e vocabulário básico**. São Paulo: Alia, 1996. v.40, p.27-46.

BORBA, Francisco S.. **Dicionário UNESP do Português contemporâneo**. Curitiba: Piá Ltda, 2011. 1487 p.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CALVET, L. J. **Sociolinguística, uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. **Sociolinguística**. In: **Introdução à linguística** –MUSSALIM e BENTES (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2001.

CARDOSO, S. A. M. **Que traçados faz o léxico do Nordeste?** In: **Estudos Sobre O Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade**. p. 13-26. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/que-tracados-faz-o-lexico-20411>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. S. **O léxico rural: glossário, comentários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000. 138 p.

CARDOSO, S. A. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**: volume 1. Londrina: Eduel, 2014a.

_____. **Atlas Linguístico do Brasil**: volume 2. Londrina: Eduel, 2014b.

CARDOSO, S. A. M. S. **Atlas Lingüístico de Sergipe II**. 2 v. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002.

CARVALHO, N. **Empréstimos Linguísticos na Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CASTELLS. M. A. **Sociedade em rede do conhecimento à política**. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Orgs). **A sociedade em rede do Conhecimento à ação política**. Brasília: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.

_____. CASTELLS, M. **O Poder da Identidade. A Era da Informação. Economia, Sociedade e Cultura**, V. II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricometodológicos e propostas de ensino. Domínios de linguagem**. v.4, n. 2, p. 173-194, 2010.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: [S.N], 2012. 172 p. Disponível em: <https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2021.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionários**. Londrina: Editora da UEL, 2001.

_____. **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Instituto de Letras, 2003.

COSERIU, E. **A geografia linguística**. In: COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Tradução Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: Presença; USP, 1982. p. 79- 116.

COSTA, E. O. ; GUEDES, R. J. C. ; RAZKY, A. variação lexical do item galinha d'angola nos dados do projeto Atlas Lingüístico do Português em áreas indígenas (ALiPAI). In: Greize Alves da Silva; Valter Pereira Romano. (Org.). **Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Lingüísticos**. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, v. 1, p. 99-122.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4^a. ed. Revista e atualizada, Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DALLEMOLE, J. M. P.; OSÓRIO, P.; PATATAS, M. J. C. **Variação sociolinguística e dialetológica: um estudo contrastivo entre Cuiabá e Covilhã**. *Laborhistórico*, [S.L.], v. 4, n. 2, p. 104-134, 30 dez. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/issue/view/991/showToc>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

DARGEL, A. P. T. P. **O ensino do vocabulário nas aulas de língua portuguesa: da realidade a um modelo didático**. 2011. 291 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154634/000892135.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 ago. 2021.

DIAS, V. F. **ARIANO SUASSUNA, O PLAUTO ARRETADO DO NORDESTE BRASILEIRO: Emulações Plautinas em Auto da Compadecida**. 2020. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa, Viçosa - Minas Gerais, 2020. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/28347/1/texto%20completo.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2022.

DOIRON, M. P. B.; AGUILERA, V. A. Variantes lexicais para alpargatas no Paraná e na região Nordeste do Brasil: um estudo etnolinguístico. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 67, 25 dez. 2013. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/15409/14014>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

ECKERT, P. **Variation, convention and social meaning, Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland CA, Jan. 7 2005.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. **Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder**. 2010. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**. p. 93-107, São Paulo, Parábola: 2012.

_____. **Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation**. *Annual Review of Anthropology*. V 41, p.87-100, Palo Alto, 2012.

ELIA, S. **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Ática, 1989.

FAULSTICH. **Para gostar de ler um dicionário**. In: RAMOS, C. de M. de A.; BEZERRA, J. R. M.; ROCHA, M. F. S. **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas: homenagem a Socorro Aragão**. São Luís: EDUFMA, 2010c, p. 166- 185.

FERNÁNDEZ, M. F. **Princípios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

FERREIRA, C. *et al.* **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIALHO, J. M. **Análise de redes sociais: Princípios, Linguagem e estratégias de Acção na gestão do conhecimento**. Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa, v.4, Número especial, p. 9-26, out. 2014. Disponível em: <<http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/105-redes-sociais-na-internet-desafiosa-pesquisa>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

FIORIN, J. L.; PETTER, M. (Org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

FREITAG, R. M. K. Prefácio: atitudes e identidade linguística. **Atitudes Linguísticas e Avaliações Subjetivas de Alguns Dialeto Brasileiros**, [S.L.], p. 3-8, 2015. Editora Edgard Blücher. Disponível em: <<https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/281/19327>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; LIMA, Marcus Eugenio Oliveira; SILVA, Lucas Santos; SOUZA, Victor Renê Andrade. O uso da língua para a discriminação. **A Cor das Letras**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 185, 30 abr. 2020. Universidade Estadual de Feira de Santana. <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v21i1.5233>. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/5233>>. Acesso em: 17 dez. 2022.

GARTON, L.; HARTHORNTHWAITE, C.; WELLMAN, B. Studying Online Social Networks. **Journal of Computer Mediated Communication**, V 3, issue 1 (1997). Disponível em <http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue1/garton.html>. Acesso em 23 jul 2021.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11., 1996, Las Palmas de Gran Canaria. Acta. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

HENRIETTE, W. **A aventura das línguas no ocidente**. São Paulo: Mandarin, 1997.

ISQUERDO, A. N. “**Marcas**” do popular rural no nível lexical: um estudo no campo do entretenimento infantil. In: AGUILERA, V. A. (Org) **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora da UEL, 1998, p. 225-233.

KRIEGER, M. G. **Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias.** *In: Calidoscópio.* V. 4, n. 3, p. 141-147, set/dez, 2006. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/149046>>. Acesso em: 06 abr. 2022.

KOZINETTS, R. **Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online.** Porto Alegre: Penso, 2014.

_____. **Netnografia: a arma secreta dos profissionais de marketing: como o conhecimento das mídias sociais gera inovação.** 2010. Disponível em: <http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2022.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors.** Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Padrões sociolingüísticos.** [Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso]. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. W. **Psicologia Social.** [Trad. Álvaro Cabral]. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

LEMOS, Andre. **Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura.** COMPÓS, 2006. Disponível em: Acesso em: 15 de jun. de 2023.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LISBOA, C. M. O. M. **Doutor e outras formas de tratamento direcionadas aos profissionais jurídicos: Análise de uma comunidade de prática à luz da terceira onda da sociolinguística.** 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Federal Fluminense Instituto de Letras Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Niterói, 2015. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/3105/1/MATOS%20LISBOA%2c%20C.M.O.%20Vers%c3%a3o%20final%20da%20disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20mestrado%20em%20pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

LIMA, I. S. ; LUCENA, R. M. **Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /S/ em coda silábica por paraibanos em Recife.** *Letrônica*, v. 6. 2013. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/13368>>. Acesso em: 18 de dez. de 2022.

MACEDO-KARIM, J. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais.** Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2012.

MARROQUIM, M. (1934). **A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco.** 3. ed. Curitiba, PR: HD Livros Editora, 1996.

MINAYO, M. C. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, J.L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira. **Bahia e Sergipe: um contínuo linguístico que perdura no tempo**. Signum: Estudos da Linguagem, [S.L.], v. 25, n. 1, p. 11-28, 4 jul. 2022. Universidade Estadual de Londrina. <<http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2022v25n1p11>>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/45415>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

NASCIMENTO, C. S.; PAIM, M. M. T. (2020). **A variação lexical no campo semântico vestuário e acessórios do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. In: **Traços De Linguagem - Revista De Estudos Linguísticos**, 4(1). Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4655>>. Acesso em: 15 de jun. 2022.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NEIVA, I. S. **Vocabulário dialetal baiano**. 2 vol. Tese (Doutorado em Letras) – Língua e Cultura - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26662>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

RECANTO DAS LETRAS: Cordel de termos e expressões nordestinas. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/1078671>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

OLIVEIRA, G. C. **Variação semântico-lexical no português brasileiro: fenômenos atmosféricos nos dados do atlas linguístico do Brasil – Bahia e Paraná**. In: **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. v. 24, p. 117-130, São Cristóvão: UFS, 2016.

OLIVEIRA, Samuel Gomes de; ROCKENBACH, Lívia Majolo; GUTIERRES, Athany. Três ondas do Estudo da variação. **Organon**, [S.L.], v. 37, n. 73, p. 268-291, 7 jul. 2022. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122962>.

PIZA, M. V. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica**. 2012. 48 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/3243>>. Acesso em: 28 out. 2021.

PINTO, V. B. *et al.* **Netnografia: uma abordagem para estudos de usuários no ciberespaço**. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 9., 2007, Açores. Anais. Lisboa: APBAD, 2007. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/582/418>>. Acesso em: 5 dez. 2021.

POSSENTI, S. **Os Humores da Língua**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

PRETI, D. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: Queroz, 1984.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, H. **The virtual community**. 1998. Disponível em: <<http://www.rheingold.com/vc/book>> . Acesso em: 25 nov. 2021.

ROCHA, P. J.; MONTARDO, S. P. **Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura**. E-Compós, v. 4, p. 1-22, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/55/55>>. Acesso em: 31 out. 2021.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 16 ed., Coleção Primeiros Passos, 110, São Paulo: Brasiliense, 2006 [1983].

SANCHES, R. D.; SILVA, M. S. C. Variação semântico-lexical no Amapá. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 10, n. 1, junho de 2014. ISSN 1808-835X 1. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

SCERBO, E. **Il nome della cosa. Nomi e nomignoli degli organi sessuali**. Milano: Mondadori, 1991.

SILVA, Antonio Jose Bacelar da. **Português de arremedo**. Cadernos de Estudos Lingüísticos, [S.L.], v. 61, p. 1-19, 22 fev. 2019. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v61i1.8653608>. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8653608>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SILVA, Mikaylson Rocha da. **Contato dialetal: atitudes do falar Paraibano em São Paulo**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Linguística e Ensino, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11632>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SOUZA, V. R. O. G. **Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano**. São José do Rio Preto, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86604/souza_vrog_me_sjrp.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

ULLMANN, S. **A Semântica. Uma introdução ao estudo do significado**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

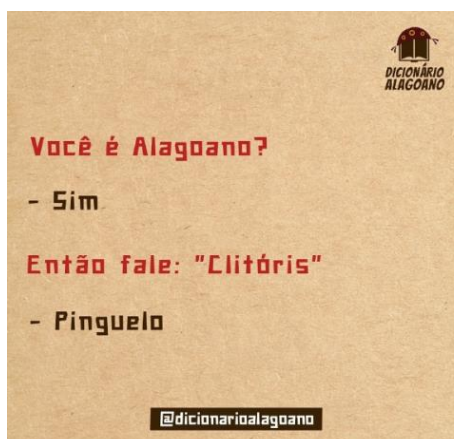
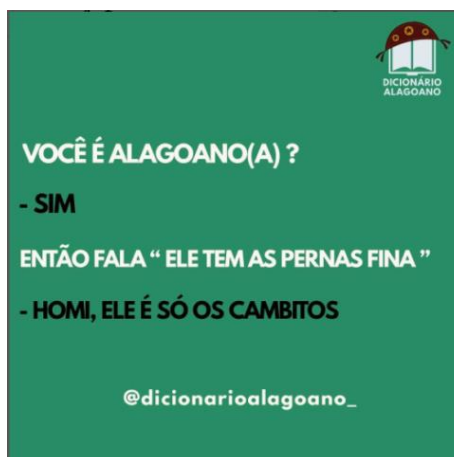
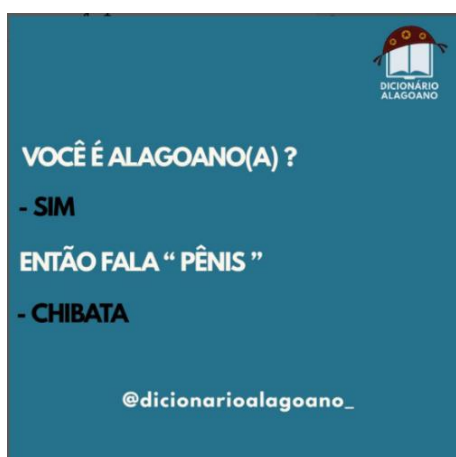
WELLMAN, Barry e GULIA, Milena. **Net Surfers don't Ride Alone: Virtual Communities as Communities**. 1999. Disponível em <<http://www.acm.org/~ccp/references/wellman/wellman.html>>. Acesso em 05 mai. 2005.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. **As tarefas da sociolinguística no Brasil: balanços e perspectivas.** *In:* GORSKI, E. e COELHO, I. L. (Orgs). **Sociolinguística e ensino – contribuições para a formação do professor de língua.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

ANEXO I

PARTES DO CORPO HUMANO

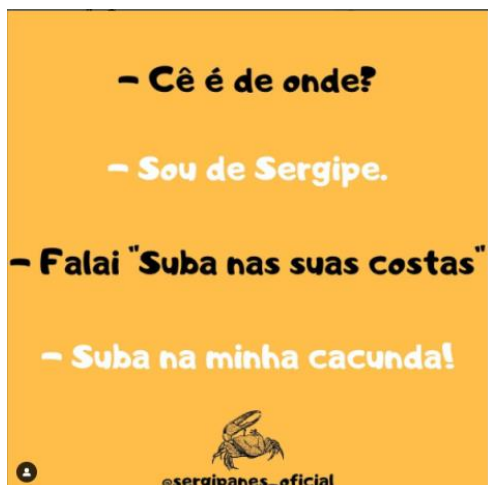
Alagoanês



Baiano



Sergipianês



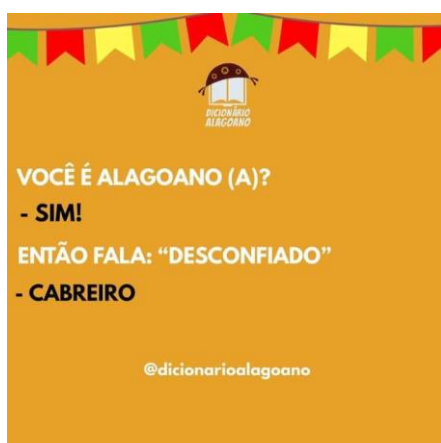
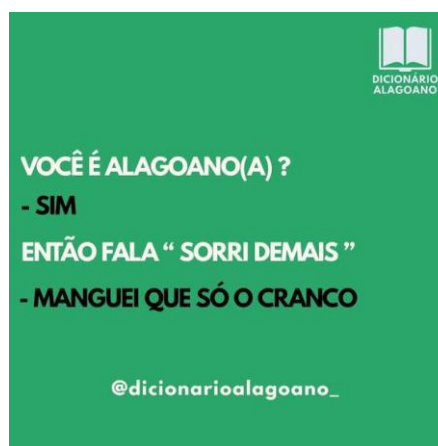
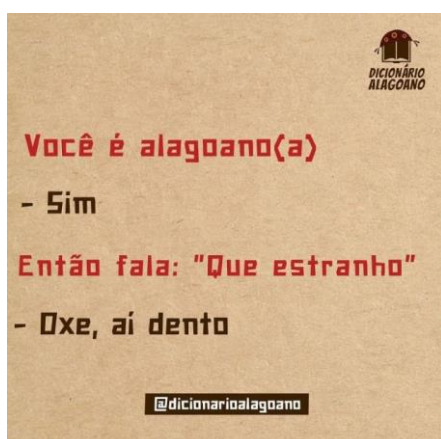
Paraibano



ANEXO II

EXPRESSÕES/EMOÇÕES

Alagoanês



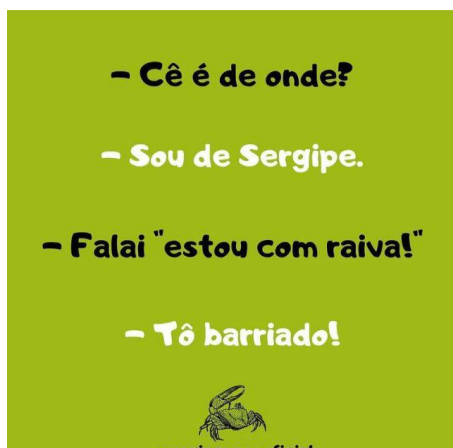
Baiano



Paraibano

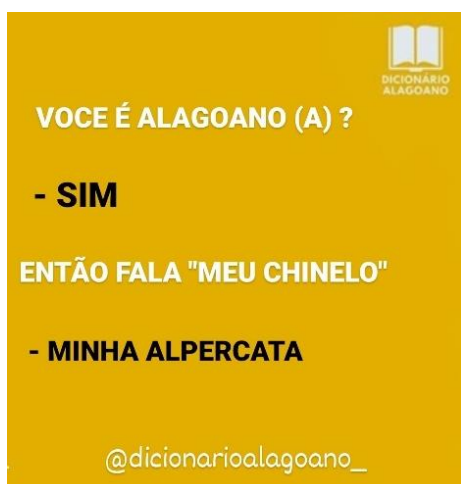


Sergipianês

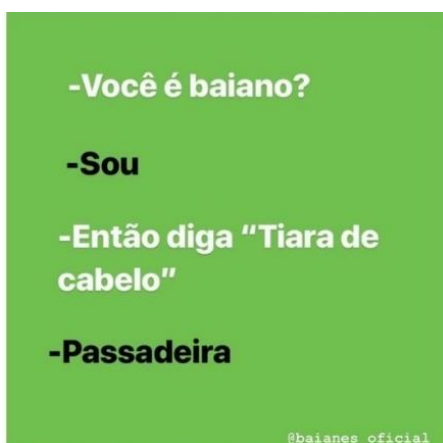


ANEXO III VESTUÁRIO

Alagoanês



Baiano



Paraibano




Sergipianês



ANEXO IV COMENTÁRIOS

Alagoanês


Comentários



dicionarioalagoano Só quem é Alagoano entende viu

#maceioalagoas #alagoasmaceio
#maceioalagoas #alagoas #maceió


68sem Ver tradução



kbfd0819 @clleya_silva lembrei que tu é Alagoana, acho que vai gostar desse perfil, é um jeitinho de matar a saudade


53sem 1 curtida Responder

— Ver 3 respostas




ei_raylanneefelix Só que é alagoano(a) vai entender sksk

59sem Responder




daygomes176 É MERMO é. nordestinos vai entender

Comentários




moises.esperidiao Só quem é Alagoano fala no tom certo 🙌

68sem 1 curtida Responder




dorgival.reis Não tem como ler sem colocar entonação na voz

68sem 1 curtida Responder




wfernando13 É

68sem Responder



gilvaneidedelimanasc É!!


68sem Responder



greicykelly_m Qm n é alagoano nem tente ler, vcs n entendem ajakakakakkk oxo e é, é?


68sem 1 curtida Responder

Comentários




emanuela.nely.manu Kkkkk ainda falam assim aí?? Eu ouvia isso quando adolescente

86sem Responder




ivania_monteiro1 Tá regrado 🤔🤔

86sem 1 curtida Responder




anaalice8469 Mãe ainda fala isso kkkkkkkkkk

86sem 2 curtidas Responder



dicionarioalagoano @anaalice8469 🤔🤔


85sem Responder



jackelline_amorim Desse mesmo jeitoooooooooooooo


Comentários

— Ver 1 resposta




alinepetean 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔

86sem 1 curtida Responder




estefanny_oliveira1 Kkkkkk e bem assim mesmo 🤔🤔

86sem 1 curtida Responder



tatianabelarmino Kkkkkkkkkkk

86sem 1 curtida Responder



valeria_meninadosolhosdedeu s Kkkkkkk cresce ouvindo isso 🤔🤔🤔

86sem 3 curtidas Responder

Comentários

35sem 2 curtidas Responder

 **danyelle_mello_studiohair** Sou alagoana e moro aqui em Santo Antônio de Posse SP
35sem 2 curtidas Responder

 **danyelle_mello_studiohair** Adoreiiii
35sem 2 curtidas Responder

 **dicionarioalagoano** @danyelle_mello_studiohair ❤️❤️
35sem 2 curtidas Responder

 **sosigoquemeuamo_** 🙌🙌🙌🙌🙌
35sem 2 curtidas Responder

Comentários

 bem assim mermo 🤔🤔
35sem 1 curtida Responder

 **renata.borges96** Desse jeito alagoano é diferenciado meu fi, taca o pau doido, 🤔🤔🤔
35sem Responder

 **almir_silvaof** 🤔🤔🤔🤔
35sem Responder

 **wedja.santos4528** 🤔🤔🤔🤔🤔
35sem 2 curtidas Responder

 **luciana_3.3_santos** 🤔🤔🤔
35sem 2 curtidas Responder

Comentários

 **marciageninho** Kkkkk
46sem Responder

 **gigiisales_@ajncardoso** @fabianosantana89 apresento vcs o meu vocabulário kkkkkkkk
46sem 1 curtida Responder

 **petubavitoriaa** Baba ovo 🤔
46sem 2 curtidas Responder

 **olliver_ray1935** Ele é mto é baba ovo esse fuleiro
46sem 2 curtidas Responder

 **vana.saanttos** Xumbeta, não se amostra kkkkkkk
46sem Responder

Comentários

 **micaell_j @duduolive** lembrei de tu 🤔🤔🤔
31sem Responder

— Ver 1 resposta

 **sunamytha_sabino** @wallacesz_oficial KKKKKKKKKKKKKKKK segue essa página, já pra vc se ligar em algumas coisas que eu falo que vc não entende KKKKKKKKKL
34sem 2 curtidas Responder

— Ver 1 resposta

 **larestela** 🤔🤔🤔🤔🤔🤔
35sem Responder

 **damiao_carvalho15**

- Comentários**

 **rogerio.gleydson** Kkkkkkk
65sem Responder

 **vanessabeloc @luizcristiano01**
Te representa 😂😂
65sem 1 curtida Responder

 **fernandopadilhaf**
@vanessacfuriati olha essa
página!! Aqui vc irá aprender o
nosso "dialeto"!! Kkkkkkkk
65sem Responder

 **jany.santos.33** 😂😂
65sem Responder

 **luandoarrastao** Exatamente
assim, kk

Comentários

 **malzira_rocha @brunaakellen**
66sem 1 curtida Responder

 **fitnessstoremcz** ALAGOANA ,
NORDESTINA DO INTERIOR,
COM MUITO AMOR E ORGULHO
SINSINHOR 😂😂
66sem 3 curtidas Responder

 **jeaninebaptista** 😂😂😂
66sem Responder

 **impaulodaniel** meu roommate
do Paraná até hoje tenta falar
igual, mas não consegue. 😂
só pra quem tem sangue
nordestino na veia ❤️
66sem 4 curtidas Responder

- Comentários**

 **rayara_lima2102** E coloque
orgulho nisso 😂😂😂😂
Oxente menino
51sem Responder

 **gracioconsultoriarh2** 🙌🙌🙌🙌
51sem Responder

 **renata.anastacio** 😂😂😂
51sem 1 curtida Responder

 **monicamb** 🌵🍷🍷
#orgulhodesernordestino 😂
51sem 3 curtidas Responder

 **marciavaleria.sf** Eu também!!
🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌
51sem Responder

Comentários

 **cleiton_vieira** Quem é Alagoano
entende e lê no ritmo 😂😂😂
51sem Responder

 **janainamariamartins234** É
mermo 😂 Alagoana com
orgulho 🙌🙌🙌
43sem Responder

 **wittiane_silva1998** Oxoxoxoxo
51sem Responder

 **viih_maryab** Oxii é homi 😂😂
43sem 3 curtidas Responder



- ← **Comentários**
-  **_graciene_luz** Kkkkkkkkkk 🤔❤️
141 sem Responder Enviar
-  **larysamarante** Oxi, não sabia dessa
141 sem Responder Enviar
-  **erickgamas** Nunca nem vi
142 sem Responder Enviar
-  **_jinxedit** Q????
142 sem Responder Enviar
-  **barbara_aracaju** Nunca ouvi
142 sem Responder Enviar
-  **lianems** Jamais @kellynems @hhipotenusa
142 sem 1 curtida Responder Enviar
-  **hhipotenusa** @lianems deve ser falado mais pro interior pq nunca ouvi
142 sem Responder Enviar
-  **mylenaevang** Nunca ouvi falar kkkkkkk
142 sem Responder Enviar
-  **mylenaevang** @carlagabriela_28 kkkkkkkkkkk
136 sem 1 curtida Responder ...

- ▽ ← **Comentários** ▽
-  **NNNNN**
142 sem Responder Enviar
-  **silas0042** Na região Sul de sergipe é "Xepeiro".
142 sem 3 curtidas Responder Enviar
-  **ketelyjoann3** @carloss3rgio vccccc
142 sem Responder Enviar
-  **ninasouto** @soutoju sua dúvida de ortografia kkkk
142 sem 1 curtida Responder Enviar
-  **soutoju** @ninasouto kkkkk, agr não tem mais dúvida
142 sem Responder Enviar
-  **lu_dantas10** 😊😊😊😊😊
142 sem Responder Enviar
-  **gnmacieljbj** Fiz uma viagem para minha infância nessa publicação. Kkkkkkkkkkkkkk
142 sem Responder Enviar
-  **donariavaladao** @magno_paulo tá vendo que a palavra existe?? 😊😊
142 sem Responder Enviar
-  **fr.lougann** @andrademateus297
142 sem 2 curtidas Responder Enviar




← **Comentários**


142 sem 3 curtidas Responder Enviar

 **juci_ribeiro** Kkkkk o melhor
143 sem 1 curtida Responder Enviar

 **mathews.amorim** 🙌🙌🙌
143 sem 1 curtida Responder Enviar

 **chefanitas** Desse modelo
143 sem 1 curtida Responder Enviar

 **_erikrodrigues** @robertalimacoutinho
hahhahahahah
143 sem Responder Enviar

 **guiawell** @flaviagebien tu tem que seguir esse ig. Rsrtrs Você que gista de saber as expressões sergipanaz vai adorar! Rsrtrs
143 sem 1 curtida Responder Enviar

 **flaviagebien** @guiawell seguindo! 😊
143 sem Responder Enviar

 **talita_sandry** @leiamm Eu falava isso e tu não entendia kkk
143 sem 2 curtidas Responder Enviar

 **leiamm** @talita_sandry você fala né
143 sem 2 curtidas Responder ..

▽ ← **Comentários**

 **femme_minas** Misse, nem lembrava, é ótimo
85 sem 1 curtida Responder Enviar


 **ceicabezerraa** 🤔🤔🤔🤔
85 sem 1 curtida Responder Enviar

 **caroll_mcd** Exatamente 😊
85 sem 1 curtida Responder Enviar

 **renatosantozvp** Miusse/milsse/miussim/milssem 😂😂😂😂
85 sem 2 curtidas Responder Enviar

 **andrade.hellen8** @renatosantoz_5 é isso 😂😂😂😂😂
85 sem 2 curtidas Responder ...

 **elys_torre** Minha avó chamava birilo. 😊
85 sem 1 curtida Responder Enviar

 **relima45** Cheguei no RJ procurando "Misse", Sem misse eu fiquei 🤔🤔 Amo meu nordeste
85 sem 11 curtidas Responder Enviar

 **andrade.hellen8** @relima45 😂😂😂😂😂
85 sem 1 curtida Responder E...

 **danilo_rodrigues68** @relima45

← **Comentários** ▾

 **sergipanes_oficial** "MISSE."
.
.
Envie para nós um vocábulo que você fala em sua cidade, povoado, bairro ... contribua na divulgação da nossa cultura sergipana.
.
.
#Sergipanês #Sergipanidade #Sergipano #SergipanoComOrgulho #GenteSergipana #sergipedanossagente #culturasergipana
85 sem

-  **raquell_cerejinhaa** Exato 😄😄👍
82 sem 1 curtida Responder Enviar
-  **unicotyngo** Hei, é miusse.
85 sem 2 curtidas Responder Enviar
-  **flaviadayane_** 😄😄😄 isso mesmo!
85 sem 1 curtida Responder Enviar
-  **agataappel** 😄😄😄😄😄😄
85 sem 1 curtida Responder Enviar
-  **beatrizsobral_** 😄😄😄😄😄😄😄😄😄
85 sem 1 curtida Responder Enviar
-  **acarolzinhasd** 😄😄😄😄
85 sem 1 curtida Responder Enviar

← **Comentários** ▾

 **karolyne.owl** 115 sem
 **@rai.anes** kkkkkkkkkkkkkkkkkkk sim
Responder

-  **ingrydaugust** 115 sem
Missi kkkk
Responder Ver tradução
-  **renatacarmelina** 115 sem
Estou sendo sergipana de maneira errada kkkkk
Responder Ver tradução
-  **cynthiaolisantt** 115 sem
😄😄😄😄😄
Responder
-  **ana_019** 115 sem
 **@adelaniasansd**  **@isabel_santos_jesus** 🤔🤔
Responder

← **Comentários** ▾

-  **sergio_srn** Lembrei do meu avô... 🙄
136 sem 2 curtidas Responder Enviar
-  **sergipanes_oficial** @sergio_srn salve vóinho 🙄🙄🙄
136 sem 1 curtida Responder ...
-  **fernandaa_taavares** Não sou sergipana então
136 sem Responder Enviar
-  **sternbild_** Moro em Sergipe e nunca ouvi ninguém chamar de japonesa, nem meus avós 😄😄😄😄
136 sem 4 curtidas Responder Enviar
-  **mateus.matosf** @sternbild_ nessa vibe, havaianada já levei algumas... Kkkkk
136 sem 1 curtida Responder ...
-  **sternbild_** @teeusmatos eu tbmm kkkkkkkk
136 sem 1 curtida Responder ...
-  **dudusouza001** ?????????? Gente
136 sem 2 curtidas Responder Enviar
-  **sil_brito.3** Quem já levou uma japonesada sabe!
136 sem 4 curtidas Responder Enviar

Baiano:**← Comentários** 

 **aider_silva @anajulia9538** 
138 sem Responder Enviar

 **daaani.a @jeniiholiveira** 😄😄😄 
143 sem Responder Enviar

 **pedroalvesbarbo** Pode ver qui o estudo deli é quase nada a periferia de salvador e diferemciada 
144 sem Responder Enviar

← Comentários 

 **euesterrosa_ Kkkkk** é assim mesmo 
135 sem Responder Enviar

 **ana_marcella27 @nandosouza_08** 
140 sem Responder Enviar

 **georgealmeida1931** Mais não e esse o termo correto ? Kkk 
141 sem Responder Enviar

 **glauciaros39** 🥰🥰🥰🥰👏👏👏👏 bem isso 
141 sem Responder Enviar

← **Comentários**

Responder Ver tradução



s.thaiara 187 sem

@elenzona123

Responder

— Ver 1 respostas



neylacedraz 187 sem

Olha aí @ricocbispo e @aryanneneves 😊

😊😊😊😊😊

Responder Ver tradução

— Ver 3 respostas



evaevelyn 187 sem

Todo mundo é bom, mas meu capote se sumiu.. 😊😊😊😊 @edenviny

Responder Ver tradução

— Ver 1 respostas



eduardo_oliveiras 187 sem

Lembrei quando vc foi morar aí em SP q a glr ficou te zoando pq tu falou capote @bru_bispoliver

Responder Ver tradução

— Ver 1 respostas



← **Comentários**



@_taraeiucsanantiago vc 😊

Responder Ver tradução

1



lucinaidecastro 186 sem

Kkkkkkkkk

Responder Ver tradução



patygomes_01 186 sem

@sandrynhasants 🤔🤔🤔

Responder



yzi_nascimento 186 sem

@henriquee_goomes Somos baiano a gente falar capote mermo 😊😊

Responder Ver tradução



oopsimrafa 186 sem

@hm_ledger toma mísera ta vendo que não trocou meu capote pelo seu moletom?

Responder Ver tradução




mattos_keu 186 sem

Olha ae mô sou Bahia raiz, vou pra tudo q é canto de capote mesmo, kkkkkkk né @mmattos005


Responder Ver tradução

— Ver 1 respostas

← **Comentários**


 **jamileoliveirax** @laraborgesx kkkk quando vc ficou c dúvida sobre "capote"
150 sem 1 curtida Responder Enviar


— Ver 1 respostas

 **lari.tsandrade** @juliacajueiro
kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk
151 sem 2 curtidas Responder Enviar

— Ver 1 respostas

 **privmanuuu_01** @dudabarretoc aí nega
kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk
151 sem Responder Enviar

 **desativadissimakk** COMO ASSIM NÃO É CAPOTE EM OUTROS LUGARES
152 sem 1 curtida Responder Enviar

 **danigonzaga25** 🤔🤔🤔🤔🤔
@crisgonzaga24 lembra das meninas lá no sul eu dentro do carro ,perdi meu capote ,perdi meu capote porra " e elas o q ?
O q ? Kkkkkkkkkk
152 sem 1 curtida Responder Enviar

 **fernandascander**
Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk
153 sem Responder Enviar


 **tephmendes** @martinmartins_ 😄😄😄😄
153 sem 1 curtida Responder Enviar

← **Comentários**

 **claudia_orea** @mariane.silva_123 🤔🤔🤔
155 sem 1 curtida Responder Enviar

— Ver 1 respostas

 **maandsalves_** @guimaraes_1996
155 sem 1 curtida Responder Enviar

 **julianagouveiapsicologa** 20 anos que sai da Bahia, é só falo "passadeira".
155 sem 1 curtida Responder Enviar

 **filipe.santos88** @yasmimstos
155 sem 1 curtida Responder Enviar


— Ver 1 respostas

 **leila_tolentino0** Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk
155 sem Responder Enviar

 **boaventura_mb** @kytbatista
155 sem 1 curtida Responder Enviar

— Ver 1 respostas

 **danielle.villela** @jusuaide 🤔🤔
155 sem 1 curtida Responder Enviar

 **gaxta_giu** Tiara pra mim é coroa, eu falo é PASSADERA
155 sem 1 curtida Responder Enviar

 **nanda_nzinna** Trevesa kkkkkk

← Comentários

andressasc20 @frontarolli11
144 sem 1 curtida Responder Enviar

— Ver 1 respostas

augustofonsecabahia @mara.santos7 , @eudancardoso ,@h.olliver só lembrei de vcs 🤔🤔🤔🤔🤔🤔

148 sem 1 curtida Responder Enviar

— Ver 1 respostas

myazinha @bah__max Gaúcho de araque, aprenda 😊

148 sem Responder Enviar

soaresmayana Quem fala "agasalho" n é baiano nem a pau @kayque08

150 sem 2 curtidas Responder Enviar

— Ver 2 respostas

jamiloliveirax @laraborgesx kkkk quando vc ficou c dúvida sobre "capote"

150 sem 1 curtida Responder Enviar

— Ver 1 respostas

lari.tsandrade @juliacajueiro kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

151 sem 2 curtidas Responder Enviar

— Ver 1 respostas

← Comentários

157 sem Responder Enviar

clarinha_b Sim. PassadeeeeeERA

157 sem Responder Enviar

thiara.andrad Sofro bullying 🤔🤔🤔🤔🤔🤔

157 sem Responder Enviar

kikah_santtana @josielletavares

157 sem 1 curtida Responder Enviar

nilssnmariana @karinebott e @laismpaiz ai olha! Hahahahah

157 sem 1 curtida Responder Enviar

— Ver 2 respostas

aninha_karoll GEEENTE, achei que só eu falava assim 😊😊😊

157 sem Responder Enviar

yasmiimnery @mericianery

157 sem Responder Enviar

larissa_sansouza @katysantoss

157 sem Responder Enviar

ray.arouca 😊😊😊

157 sem Responder Enviar

Paraibano:

emmeliny Temos um dicionário próprio e o danado é arretado.

Isso é só uma peinha dele. Ainda tem um mói de palavras.
[#dicionarioparaibano](#)
[#paraibasimsinho](#)
[#eufalooxente](#)

365 sem

katyelless 😊😊😊

365 sem Responder

← Comentários

dicionário.paraibano 🤔🤔🤔🤔🤔🤔
[#paraibano](#) [#paraiba](#) [#dicionarionordestino](#) [#nordeste](#) [#nordestino](#) [#alegria](#) [#paraiba](#) [#paraiba](#) [#amor](#) [#pb](#) [#calor](#) [#rapadura](#) [#praia](#) [#sol](#) [#oxi](#) [#visse](#)

142 sem

grace_rodrigues_84 🤔🤔🤔🤔🤔🤔 Muito meus parentes por parte de pai e alguns por parte de mãe! Quando leio as frases sinto a sensação de estar ouvindo eles pronunciando 😊

141 sem Responder Enviar

majubacelar @guidellorto

142 sem Responder Enviar

adautojose28 Exatamente isso.

142 sem Responder Enviar

← **Comentários** ▾

 **aline7c** "TraduziNooo..❤️
86 sem Responder Enviar

 **mariagivania** Essa paraiba tá meio cearence 🤔👉
86 sem 3 curtidas Responder Enviar

— Ver 1 respostas

 **samytaumaturgo** @tantam14 🤔
86 sem 1 curtida Responder Enviar

— Ver 1 respostas

 **deboraletyz** o melhor dicionário mermã
86 sem Responder Enviar

 **alinebatista519** Sou baiana, mas falo um pouco de português e paraibanês também.
86 sem Responder Enviar

 **geneziaaraujode** O melhor de todos ❤️
86 sem Responder Enviar

 **joycee03** Sai do mei mZR
86 sem Responder Enviar

— Ver 1 respostas

 **sabrina_silva_06** 😂😂😂
86 sem Responder Enviar

← **Comentários** ▾

 **katiareginaferreiradas** 😂😂😂 é assim mesmo oh jeito gostoso de falar. 😂😂
86 sem Responder Enviar

 **geovaniaa_1** Sou apaixonada 🤔
86 sem Responder Enviar

 **eudenilsoon** Eu amo 😂😂
86 sem Responder Enviar

 **r_walysson** @gabyss.007
86 sem Responder Enviar

 **lina_santos** Eu amo esse dicionário 🤔
86 sem Responder Enviar

 **edsonsanlife** Uso todas. 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌
86 sem Responder Enviar

 **michelinecarneiro_** Arrudea 🤔🤔
86 sem Responder Enviar

 **eu_vitoria.braz** 😂😂😂😂😂😂😂😂
86 sem Responder Enviar

 **deahxavier_** Paraibanês não cearensês 😂😂
86 sem Responder Enviar